

3 1761 07046993 7

PQ

9261

P46D4

1900





Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

O DESCOBRIMENTO

DO

BRAZIL

ROMANCE ORIGINAL

POR

ALBERTO PIMENTEL

2.^a EDIÇÃO

Commemorativa do 4.^o centenario do descobrimento do Brazil

(REVISTA PELO AUCTOR)

LISBOA

LIVRARIA EDITORA TAVARES CARDOSO & IRMÃO

5 — LARGO DE CAMÕES — 6

1900

PQ
9261
P46D4
1900

Typ. a vapor da Empresa Litteraria e Typographica

Rua de D. Pedro, 184 — Porto



À MEMORIA

DE

Alvares d'Azevedo, Casimiro d'Abreu

e

Gonçalves Dias

*Esta pagina é como um
thuribulo em que se queimam
resinas aromaticas das flores-
tas do Brazil deante de um al-
tar onde a gloriosa trindade do
lyrismo brasileiro resplandece
entre nimbos fulgurantes e rú-
tilas irradiações.*



PROLOGO DA 1.^a EDIÇÃO

Sempre me tentou este assumpto desde que li a celebre carta de Pero Vaz Caminha a el-rei D. Manoel, a mais authentica e tambem a mais ingenua narrativa, que sobre o descobrimento do Brazil se conhece.

Isto explica o facto de estar annunciada ha muitos annos a novella, que só agora escrevi.

Não obistou ao meu intento a circumstancia do erudito e laborioso Varnhagen (visconde de Porto Seguro) ter publicado no *Panorama* de 1840 uma *Chronica do descobrimento do Brazil* mesclando propositadamente a phantasia com a historia.

Elle teve principalmente em vista, como diz Innocencio, vulgarisar a carta de Pero Vaz, ao passo que eu mirava a outro alvo, que hoje mais do que nunca me pareceu tentador.

Propuz-me architectar uma novella em que, além de um tal ou qual interesse de acção, cada personagem representasse uma ideia, fosse como um sym-

bolo dos factores historicos da sua epocha. E ainda levei a minha ousadia mais longe, procurando que do conjuncto do quadro resultasse a impressão mais ou menos clara não só dos factos que prepararam o descobrimento do Brazil, mas tambem do impulso de mutua sympathia com que no primeiro momento, embora depois sobreviessem contendas por vezes sangrentas, os companheiros de Pedr'Alvares Cabral e os habitantes de Vera Cruz fraternisaram pacificamente na angra de Porto Seguro.

A despeito dos conflictos posteriores, da luta dos portuguezes pela colonisação e da luta dos indios pela independencia do territorio, o que é certo é que essa espontanea e suggestiva sympathia do primeiro momento, ficou, subsistiu, germinou atravez dos seculos como uma semente de confraternidade, sem que as tempestades que depois se levantaram a pudessem destruir e inutilisar.

Na hora em que escrevo, e por isso me pareceu ella opportuna, uma nova contenda explodiu, não sangrenta, porque já o não podia ser por muitas razões, mas sómente diplomatica, um simples arrufo de chancellarias, um vulgar amúo politico, não entre duas nações, mas entre dois governos, apenas.

É uma nuvem que passa, que ha de passar, porque portuguezes e brazileiros são hoje uma raça unica desde que confundimos as nossas familias, os nossos lares, as nossas arvores genealogicas, desde que a religião é a mesma e mesma a lingua, desde que todo o portuguez tem um parente no Brazil e todo o brazileiro tem um parente em Portugal; desde que

os laços de sangue e de affecto se cruzaram, por sobre o mar, de um paiz para o outro, como uma rêde de fios telephonicos que, de domicilio para domicilio, põe em relação directa e constante a mutualidade de pensamentos, de interesses e de cuidados entre pessoas e collectividades distantes umas das outras.

O capital, que é a causa eterna de tantas divergencias e dissensões, estabelece um traço de união entre os dois povos pela reciprocidade dos negocios, pela frequencia das transacções, e das operações de credito.

Profundas ligações moraes e materiaes nos juntam, nos reunem, n'uma solidariedade, que é obra dos seculos, e que se não pode desfazer n'um dia com uma pennada ou um protocollo.

A Historia, que é uma força e uma verdade eterna, vê passar a nuvem no céu, e fica serena, disposta a supprimir a pagina em que se tenham escripto quaesquer palavras de foga paixão politica.

Portuguezes e brazileiros podemos estar um dia em litigio, como dois irmãos ou dois esposos perante um conselho de familia; como inimigos irreconciliaveis e figadaes, nunca. É tarde para uma inimizade sem treguas, e sem reconciliação possivel.

Thomé Gonçalves symbolisa, n'esta novella, a alma dos antigos descobridores portuguezes, impellida e alentada pelos estímulos, pelo exemplo do Infante.

É como o reflexo vivo «da escola de Sagres», um marinheiro de raça, um maritimo aventureoso por herança.

Sem esse tradicional espirito navegador não teriamos ido a primeira vez á India, e, como consequencia, a primeira vez ao Brazil.

Em Helena, sua filha, pulsa o coração apaixonado da mulher portugueza, a quem coube, na partilha dos sentimentos humanos, essa sensibilidade amorosa, esse pendor namorado, ingenuo e sincero, que foi notado por Lope de Vega, por Vicente Espinel e madame de Sevigné.

Frei Fernando do Cadaval, que eu recortei da chronica dominicana de frei Luiz de Sousa perpetrando o unico anachronismo consciente de toda a novella, porque elle só alguns annos mais tarde teria sido o capellão da Ermida do Rocio, é a personificação do mysticismo portuguez de ha quatro seculos, d'essa exaltada fé, visionaria e beatifica, que produziu os devotos, os anachoretas e os santos, de que os nossos chronistas monasticos perpetuaram a memoria.

E n'estas tres figuras se exemplificam ou pretendi eu exemplificar as individualidades genuinamente portuguezas do amor do mar, do amor platonico, e do amor divino: o marinheiro, a donzella, e o frade.

Grimanesa e Gil Pato são a corrupção, a depravação dos costumes n'um seculo em que, como esse de D. Manuel, a poesia tinha arroubos de galanteria, e a devoção tinha allucinações de fanatismo. São o lodo que salpica a grandesa, a prosperidade de um reino e de uma epocha.

Podemos encontral-os em Gil Vicente, photographo anterior á photographia, se os lá quizermos procurar.

Ruy Esteves é o typo do operario portuguez de

todos os tempos, rude, sincero, credulo no amor, severo no despeito. Personifica o trabalho, que se inspira na intenção honesta de construir e povoar um lar, e que succumbe no dia em que perde a ultima illusão que lhe era esteio e estimulo na quotidiana labuta do officio.

Affonso Ribeiro e João de Thomar, condemnados mas innocentes, representam a fatalidade da sorte, a má sina dos individuos ou das familias, a amargura do destino, que leva o homem a expatriar-se contra sua vontade.

São dois infelizes, gerados e baptisados pela Dôr, que vão procurar em longes terras uma segunda patria e uma nova familia.

Os emigrantes de hoje em dia não teem maior culpa de seu infortunio do que aquella que Affonso Ribeiro e João de Thomar tiveram na morte do gaudaieiro alfacinha.

As lagrimas choradas pelo mallogrado noivo de Helena Gonçalves caiem nô solo brasileiro como uma fecundação sagrada, de que lentamente resultou a victoria do homem sobre o proprio soffrimento, dominando-se pela coragem, e engrandecendo-se pelo trabalho.

Os dois grumetes que voluntariamente ficam em Porto Seguro são ainda uma corporisação do espirito aventureoso dos portuguezes antigos, ao serviço de uma imaginação romanesca e de um espontaneo sentimento de confraternidade de raça.

Ainda hoje o mais poderoso íman do emigrante é o emigrante. Os vizinhos de uma mesma aldeia, as

peessoas de uma mesma familia, expatriam-se por contagio, obedecem á suggestão do exemplo recebido. O portuguez, por uma tradição secular, não tem medo ao oceano, e vae facilmente procurar na America ou na Africa, especialmente na America, o patricio que foi descobrir um «vellocino de ouro».

Jatahi é o coração feminino que, no exilio d'além-mar, suavisa o desalento, minora a angustia do emigrado, dando-lhe o seu calor, a sua fé, o seu carinho, creando-lhe uma patria artificial, um lar, e uma prole.

Se é certo, como assegura Varnhagen, que um dos elementos que mais concorreram para a fusão das nacionalidades tupi e portugueza foi a mulher, não é menos certo que, na successão dos tempos, a mulher brazileira é ainda hoje o mais solido laço da união d'essas nacionalidades, pela intimidade da vida domestica, pela dedicação conjugal, pela indole doce e affectiva, que tantas vezes a leva a trocar, sem uma palavra de queixume ou de arrependimento, a sua patria e a sua familia pela patria e pela familia de seu marido.

Jatahi não é uma creação exaggerada. Pelo contrario, conforma-se, com inteira justesa, ao ardor da sua raça e á influencia climaterica do seu paiz, sem quebra d'essa vaga aspiração poetica que Gonçalves Dias surprehendeu na alma primitiva da mulher americana. Mas ainda hoje, depois da profunda transformação da raça, e da acção progressiva da civilisação, a dama brazileira tem no coração o fogo dos vulcões dos Andes, no olhar a doçura do mel das

jatahís, na melodia da voz a musica divina das aves canoras da America. Ella encanta e fascina, mais que nenhuma outra, pela brandura da sua condição, pela meiguice do seu trato, pela docilidade nativa, que é a sua força irresistivel.

Açú é o ciume em plena natureza, o homem entregue ás paixões primitivas, forte como a sua raça, mortifero e vingador como a flecha do seu arco.

Só o amor, tamanho como o ciume, profundo como as florestas brazilicas, o leva a poupar a vida de Jatahi; só a superstição, o temor instinctivo pelos phenomenos meteorologicos, a credulidade cega nos maleficios de *Anhangú* o podem levar a suspender o *tacapé* com que ia derrubar a cruz arvorada pelos portuguezes.

E ao passo que Ruy Esteves projecta assassinar Grimanesa, Açú não pensa em disparar uma seta contra Jatahi: este contraste foi intencionalmente procurado, porque a civilisação tem sido muitas vezes mais barbara do que a barbarie.

Não é senão por um supremo esforço de raciocinio e de propaganda insistente que as nações vão attingindo as conquistas da tolerancia, do altruismo, e do socialismo christão.

A inquisição, o absolutismo, a escravidão, o ferrete e a forza custaram a derrubar.

Duas palavras ainda, antes de fechar o prologo.

Nada mais complicado do que a ethnographia das primitivas tribus brazilicas. Assim é que poderão levantar-se objecções e duvidas sobre o fundamento

com que situamos em Porto Seguro, quando Cabral lá chegou, os aimorés de preferencia a qualquer outra tribu.

Podemos ter errado, mas vamos d'ante-mão justificar-nos.

A serra que Pedr'Alvares avistou era a que ainda hoje anda marcada nos mappas com o nome de *serra dos aimorés*. Machado d'Oliveira, na *Revista do Instituto*¹, dando conta das primeiras impressões dos navegantes portuguezes, diz que avistaram «os alcantis dos aimorés, e após elles a costa que é fronteira a esse grande appendice da cordilheira, que mais se aproxima do oceano atlantico meridional».

Sabemos, segundo o testemunho de Gonçalves Dias,² que desde o rio de Santa Cruz (Porto Seguro) até ao Rio Doce se encontravam, além de outras tribus tapuyas, os aimorés, que «mal contentes com a posse do interior, cahiram sobre o litoral pouco tempo antes do descobrimento do Brazil», e que os portuguezes «os encontraram ainda formidaveis disputando aos invasores a sua primitiva habitação.

Insistindo no assumpto, accrescenta Gonçalves Dias, referindo-se aos primeiros tempos do Brazil, que «achamos confinando com os tupis desde a Bahia até Porto Seguro os *aimorés* e outras nações aselvajadas».

Vem ainda em nosso reforço a circumstancia de que a descripção dos costumes dos indigenas feita

1 N.º 19, 3.º trimestre de 1855.

2 *Inst.*, 3.º trimestre de 1867.

por Pero Vaz Caminha ajusta perfeitamente ás noticias dos escriptores brazileiros sobre a ethnologia dos aimorés.

Se por Gonçalves Dias sabemos que os aimorés tinham descido das montanhas ao litoral pouco antes do descobrimento do Brazil, por outros auctores adquirimos o conhecimento de que a familia Tourinho, a quem foi dada a capitania de Porto Seguro, fundara duas villas, que os aimorés destruíram.¹

Todas estas razões nos levaram a designar pelo nome de aimorés os indigenas que Pedr'Alvares Cabral encontrou, visto que a geographia os fixa n'aquella região e que, vindo das montanhas e sendo guerreiros, naturalmente não consentiriam que outra qualquer tribu indigena se localisasse entre elles e o mar.

Mais nada.

Lisboa, fevereiro de 1895.

Alberto Pimentel.

¹ Saint-Adolphe, *Dicc. Geog. do Braz.* vocabulo *Porto Seguro*.

PROLOGO DA 2.^a EDIÇÃO

Pouco depois de publicada a 1.^a edição d'esta novella, ficou satisfatoriamente sanado o conflicto diplomatico levantado entre os governos do Brazil e Portugal. Essa breve interrupção de relações officiaes provocou uma intensa reacção de expansivas relações de amizade entre os dois povos, testemunhada principalmente na cordealissima hospitalidade que o actual presidente da republica dos Estados-Unidos do Sul recebeu dos portuguezes na sua passagem por Lisboa e nas espontaneas e innumeraveis provas de carinhoso acolhimento com que a officialidade portugueza do «Adamastor» foi recebida em todos os portos brazileiros que recentemente visitou.

É n'esta hora de completa e desafogada correspondencia de affectos entre os dois povos irmãos que eu preparo a 2.^a edição do romance *O descobri-*

mento do Brazil, destinada a apparecer em publico como homenagem dos editores e do auctor a uma grande commemoração historica, muito grata a um e outro paiz, por occasião de celebrar-se o 4.º centenario do desembarque de Pedro Alvares Cabral n'uma plaga brazileira.

Esta segunda edição é, pois, um como estreito abraço trocado entre parentes intimos n'um felicissimo anniversario de familia, em que o jubilo é commum, porque tambem são communs as tradições, os pergaminhos e as datas memoraveis. Desde 1895 até hoje o velho archivo d'esta familia de povos, ramificada geographically em dois hemispheros, mas ligada atravez do oceano pelos vinculos da Historia e do coração, hoje mais do que nunca solidificados por uma recrudescencia de mutuos desvelos, tem sido augmentado com algumas publicações de interesse commum, entre as quaes mencionarei *O descobrimento da America e do Brazil*, por Candido Costa (Pará, 1896), *O descobridor do Brazil Pedro Alvares Cabral*, pelo visconde de Sanches de Baêna (Lisboa, 1897) e *Quem descobriu o Brazil?*, por Candido Costa (Pará, 1899).

A minha novella, aliás fundada na tradição escripta e authentica, não é um livro novo, mas vai remoçado pela oportunidade da sua reaparição, e quente de uma revivescencia de confraternidade internacional, que as ultimas demonstrações de carinho reciproco explicam e justificam plenamente.

Entre as multiplas publicações que o 4.º centenario dó Brazil provavelmente suscitará, este ro-

mance é decerto a de somenos valia, mas nenhuma poderá ser mais sincera como testemunho de sympathia por um povo irmão, cuja litteratura tem sido desde muitos annos uma das mais inquebrantaveis inclinações do meu espirito.

Lisboa, janeiro de 1900.

Alberto Pimentel.

I

No bêco da Bocca Negra

Quando nós, os portuguezes d'este fim de seculo, sahimos de qualquer theatro de Lisboa, depois de meia-noite dada, e atravessamos tranquillamente os arruamentos da *Baixa* ou ainda as numerosas viellas que se encruzam no *Bairro Alto*, vamos porventura a pensar no nosso bule de chá, que nos espera á cabeceira da cama; no escandalo de que já se rumorejava no theatro, e de que os jornaes do outro dia darão provavelmente pormenores; nos ultimos telegrammas da *Havas*, no artigo das *Novidades*, na cotação dos fundos, nos debates do parlamento, e chegamos a casa n'uma doce despreoccupação da nossa segurança individual, que não nos lembramos de agradecer á civilisação moderna.

Acompanha-nos, sem darmos por isso, a respiração nocturna das grandes cidades, pulsam em derredor de nós as mil arterias por onde circula ruidosamente a vida das capitaes, porque Lisboa é, apesar dos seus defeitos, uma bella cidade e uma animada capital, de que só nós, os portuguezes, por um vicio de organização, dizemos mal, e de que tanto gostam os estrangeiros, sobretudo os inglezes e os hespanhoes.

Rodam vagarosamente os trens, porque o somnolento cocheiro encarrega as suas fieis *pilecas* de pararem á voz de quem quer que as obrigue ao sacrificio de mais uma *corrida*. Os policias civis, parados ás esquinas, dão-nos uma tranquillã confiança, que, sem o sentirmos, penetra no nosso espirito como o orvalho da noite penetra no nosso fato. Os guardas-nocturnos, com a sua viva lanterna, vigiam, fazendo tilintar mólhos de chaves, os estabelecimentos dos logistas. Os *hoteis*, os *restaurants*, os cafês, um ou outro *club*, illuminam as suas vidraças com a alegre claridade do gaz. Se a noite é de verão, os pianos das casas particulares modilham Offembach ou Verdi. Nas ruas menos frequentadas ouve-se atravez de alguma

porta o zangarrear choroso da guitarra. Um ou outro bebado vae bolinando, caminho de casa, a sua carregação de *torreano*. Os disticos vermelhos dos postos-medicos dão, d'onde a onde, testemunho de que não teremos de morrer solitarios como o leproso de Aosta. As patrulhas de cavallaria ou infantaria parecem, em pleno inverno, involver a cidade inteira nas suas amplas capas de oleado, e teem, na respeitavel mudez que lhes sella os labios municipaes, uns ares de protecção e auctoridade, que o bojo das capas completa.

Às vezes, no meio de todo este progresso e de toda esta segurança publica,—como sempre acontece nas grandes cidades,—um larapio ataca-nos de improviso ao dobrarmos uma esquina, quer arrancar-nos o relógio; e a patrulha, que não é precisamente como Deus, está em toda a parte menos n'aquelle logar. O cidadão assaltado ou resiste com a bengala e o apito, ou entrega o relógio se a coragem ou a força lhe pesam ainda menos do que o relógio.

Ah! leitor amigo, nada vale esta pequena contrariedade ao pé do que pelas ruas da velha Lisboa soffreram os avós de nossos avós atravez da escuridão e horrores das noites de

ha quatrocentos annos, quando o gaz de illuminação não só não estava ainda no gazometro da Boa-Vista, mas nem sequer illuminava a cabeça de Philippe Lebon, d'onde irradiou para todo o mundo; quando os guardas-nocturnos, a policia civil e a municipal não germinavam ainda no ovo do progresso, d'onde sahiram já armados e promptos como Minerva da cabeça de Jupiter.

Leitor ingrato para com a memoria dos antepassados, o seu chá, a politica, o theatro dominavam-lhe o placido pensamento sem que lhe vislumbrasse á memoria a lembrança de que o seu decimo avô foi n'esse mesmo sitio trespassado com a adaga do arruador nocturno ou assassinado nas trevas pelo salteador de capa, e chapeu aragonez!

O progresso das sociedades modernas, facilitando-lhes a posse dos regalos inventados pela civilisação, dá-lhes ao mesmo passo um profundo character de egoismo pelo que toca ao presente, e de ingratidão pelo que respeita ao passado. Pois o culto das cinzas deve ser sagrado, ingrato leitor! e por isso nos permittimos a liberdade de lhe aconselhar que se alguma vez, nas ruas solitarias de Buenos-Ayres ou nos bê-

cos de Alfama, um salteador nocturno lhe arrancar o relógio, os deixe ir a ambos, ao relógio e ao salteador, em santa paz, para honrar, ao menos uma vez na vida,—as cinzas de seus avós.

As famílias em que houve militares illustres, mandam ainda hoje um dos filhos para o exercito; aquellas cujo nome foi honrado pela gloria de um jurisconsulto, enviam os netos a cursar leis em Coimbra; por igual respeito ás tradições de familia deve o leitor deixar-se assaltar em plena rua, porque certamente aconteceu que um de seus avós fosse igualmente acometido nos estreitos e complicados arruamentos da velha Lisboa.

Mas se o leitor quer levar mais longe o sacrificio, se, por amor dos contrastes, quer conhecer de perto a escuridão pavorosa das noites de ha quatrocentos annos, digne-se acompanhar-me por alguns dos tenebrosos meandros da antiga cidade baixa, recuando comigo até á noite de 29 de dezembro de 1498, e, para que seja menor o nosso receio, procuremos atravez das espessas trevas de Lisboa alguém cujo rastro possamos seguir.

Agora mesmo sabiram dois vultos da casa

que faz esquina para o bêco da Carrança e para o largo do Painel do Anjo, largo a que deu nome um retabulo do anjo S. Miguel, sempre de noite allumiado por uma tenue alampada, e enquadrado na parede d'essa mesma casa, cuja porta acaba de fechar-se discretamente.

Metteram os dois vultos pela rua das Manilhas, silenciosos e apressados como quasi sempre acontece quando, depois de ter passado o serão em boa companhia, dá a gente accôrdo de si, calcula que já será muito tarde, e trata de recolher a penates.

Os dois vultos que nós vimos sahir da casa do *painel do Anjo*, como geralmente se dizia, são indubitavelmente dois homêns, porventura dois amigos, dois visinhos, talvez dois irmãos que moram juntos, mas a escuridão da noite e as capas em que se envolvem não nos permitem reconhecê-los desde já.

Dados alguns passos na rua das Manilhas, e quando se aproximavam do bêco da Bocca Negra, ouviram de repente um grito doloroso e estridulo. Pararam ambos na indecisão propria d'esses lances, de ouvido á escuta: gemidos lacerantes e repetidos succederam a esse afflictivo grito. Não havia que duvidar. Os gemi-

dos, como o grito, partiam do bêco da Bocca Negra. Estava alli' alguém ferido, ferido talvez traçoeiramente, ou já porventura agonisante.

Os dois vultos correram na direcção d'essa angustiosa voz, que a pouco e pouco ia enfraquecendo. O ouvido guiou-os ao ponto em que o ferido devia estar. Sentiram alguém cahido no chão. Curvaram-se, tactearam: era um homem.

N'isto ouviram passos algo arrastados do lado da rua dos Ourives do Ouro, que communicava com a rua das Manilhas pelo bêco da Bocca Negra.

Era provavelmente a ronda que tinha ouvido o grito, e com muito má vontade se arrastava finalmente para o sitio d'onde elle partira.

Sabe Deus com que repugnancia os quadri-lheiros, que eram recrutados d'entre os cidadãos, se reuniam ao tanger a oração, que é como quem diz ás *ave-marias*, em casa do alcaide pequeno e ahi, repetindo o juramento de guardar bem a cidade, recebiam instrucções do proprio alcaide ou do escrivão da alcaidaria, espalhando-se depois pelas tenebrosas ruas de Lisboa, armados de lanças, cambases e bacinetes; e arriscados a pagar com o estomago

ou com a vida a sua intervenção policial nas voltas e arruidos travados a cada canto. O estomago ou a vida, porque, se eram zelosos e activos, sugereavam-se a ir varados para a eternidade ; e se se provava que eram negligentes, perdiam o mantimento de alguns dias e, algumas vezes, até eram castigados com prisão.

Entrou a ronda com a sua má vontade e o seu vagar no bêco da Bocca Negra, deu alguns passos medrosos a principio, e depois, como só ouvisse gemer frouxamente, affoitou-se a caminhar com menos receio.

Todavia, quando o reflexo da lanterna lhe mostrou mais de um vulto, a ronda dos homens jurados, apesar de não encontrar resistencia, não gostou do encontro, sobretudo n'aquelle lugar, que era estreitissimo.

Entretanto ninguem tugia nem mugia, e a ronda, creando alento, fez circulo ao grupo, que distinctamente poude ver então.

Um homem ainda novo jazia nas lages da rua: o tabardo aberto no peito, o sombreiro cahido.

Mais dois homens, os que sahiram da casa do painel do Anjo, movidos de piedade, esta-

vam junto d'elle, sem saber ainda a quem acudiam.

Um segurava-lhe a cabeça, que ressumbrava um suor glacial, o suor da agonia; o outro amparava-lhe o tronco e, na escuridão, tacteava-lhe a ferida sobre o peito.

Ambos elles estavam anciosos pelo auxilio, sobretudo pela lanterna da ronda.

No momento em que ella se aproximava, ambos deram instinctivamente um geito para levantar o ferido á altura da luz que vinha caminhando vagarosamente para elles. E ao verem de subito, á claridade da lanterna, a physionomia do cadaver, pois que n'esse momento já o era, um d'elles, o que o segurava pelo tronco, e que tinha as mãos tintas de sangue, rugiu um grito medonho, cujo sentido ainda nos não é dado perceber, mas que a ronda dos homens jurados interpretou pelo receio e desespero de um homem que, embriagado e cego pelo maldito prazer do crime, se vê de repente rodeiado pela justiça.

Em verdade que a dolorosa hesitação, o sobresalto attribulado em que os dois desconhecidos ficaram, sobretudo um d'elles, depois que reconheceram o cadaver, fariam suspeitar

a qualquer pessoa, menos desconfiada que os homens da ronda, que esses dois desconhecidos, atordoados pela embriaguez do sangue e da vingança, se deixaram alli ficar deliciados pelo espectáculo da agonia de um inimigo encarniçado, até que a justiça, apesar de todos os seus vagares, chegou e os prendeu.

Só então, parecia que só então um d'elles, o que mais facilmente poderia passar por assassino, porque tinha manchadas de sangue as mãos, accordára porventura da sua infernal embriaguez, e o grito que elle rugira podia tambem facilmente tomar-se pela voz da consciencia desperta.

O outro, que desde logo a ronda ficou reputando cúmplice no homicidio, tão admirado e aturdido estava, que se lhe paralysoou a voz na garganta, e attonito alternava o olhar entre o que o acompanhava e o morto.

A ronda deu voz de prisão a ambos, em nome d'el-rei, e n'esse momento, o que tinha as mãos tintas de sangue, e sobre o qual cahia toda a luz da lanterna, espalmando os dedos da mão direita, enodoados com grandes manchas de um escarlata vivissimo, casquinou uma gargalhada sêcca, aspera, horrivel, que tanto

podia ser expressão de vingança como de desespero.

Nenhum d'elles resistira, porém, á voz de prisão, e ambos se deixaram ir no meio dos homens da ronda, dos quaes apenas se destacaram dois para ficar de guarda ao cadaver.

Um acontecimento d'esta ordem era, aliás, vulgarissimo nas solitarias noites da Lisboa do seculo xv.

Depois do sino de recolher, a pequena cidade ficava sepultada em trevas e silencio, mas não raro algum arruido vinha despertar em sobresalto a população adormecida, que já devia estar habituada a esses incidentes desordeiros.

A «pequena cidade», como dissemos, era n'esse tempo fechada pela muralha de D. Fernando, que ainda assim ampliara muito o ambito limitado pela antiga fortificação moirisca.

A muralha *nova*, com que o voluvel rei se propoz defender Lisboa contra o assalto dos castelhanos, descia da alcáçova (Castello) e correndo pela Mouraria vinha pela calçada de Sant'Anna e Portas de Santo Antão ao Rocio. Marinha do Rocio para S. Roque, e ahí começava a declinar pela Trindade, Duas Igrejas, The-

souro Velho até ao Corpo Santo, seguindo depois pelas actuaes ruas dos Capellistas, Bachoeiros, Terreiro do Trigo, até galgar em S. Vicente, largo da Graça, Santo André na direcção do Castello.

É claro que nos servimos dos nomes modernos ou relativamente modernos para melhor fazermos comprehender a ondulação da muralha de D. Fernando.

Como se vê, a cidade limitava-se apenas a uma porção do valle central, comprehendido entre a ribeira e o Rocio, e a uma estreita faixa de terreno cortada ao oriente no declive do monte do Castello e ao poente na encosta de S. Roque, sobre a qual se levantava, junto á muralha, a celebre torre de Alvaro Paes.

O Rocio não era por certo menos vasto que a praça actual, mas a sua linha sul, começando em angulo obtuso perto do moderno Arco do Bandeira, carregava um pouco mais para leste.

D'este lado, avultavam dois edificios notaveis, o Hospital de Todos os Santos — ainda incompleto quando D. João II morreu — no sitio, pouco mais ou menos, da actual praça da Figueira, e o convento de S. Domingos, bem como a popularissima capella de Nossa Senhora da Puri-

ficação, erigida sobre uma alta escada de pedra.

Ao poente do Rocio, n'uma curva, que é hoje o largo de Camões, levantava-se o paço dos Estaus, com os seus dois torreões acoruchados.

E junto ao paço, correndo de occidente para nascente, como quem diz no topo do Rocio, alinhava-se o palacio do conde de Ourem, olhando para a praça e tambem para o largo de S. Domingos, na volta da Corredoira (Portas de Santo Antão).

Tudo o mais, fóra do cinto da muralha, eram hortas verdejantes, arvoredos de arrabalde, que começavam logo ao pé do Rocio, espraçando-se por Val-Verde, a nossa Avenida de hoje, por Val-de-Pereiro e Andaluz. E, além da verdura dos suburbios, que os moinhos de vento esmaltavam com as suas azas brancas, apenas havia a notar algum solitario predio, já construido depois de D. Fernando, mas ainda perdido na solidão dos campos.

Uma Lisboa bucolica, que ao poente se accentuava na vegetação da encosta da Cotovia até S. Roque, quasi deixava cahir as suas franças verdes sobre a Lisboa urbana, que se ani-

nhava ainda incommodamente em terreno apaulado, no fundo do valle, entre o Tejo e o Rocio.

Mas grande era já o progresso d'essa estreita Lisboa do seculo xv sobre a triste e escura Lisboa do tempo dos moiros, sobre as asphyxiantes ruas de Alfama, sem ar e sem luz, de que os reformadores christãos pareciam ir respeitando o typo, fazendo novas ruas, é certo, sem comtudo lhes dar maior largueza do que tiveram as da antiga cidade moirisca.

Todos os melhoraméntos da Lisboa de D. Manuel eram já uma victoria da civilisação, mesquinha se a compararmos com o moderno desenvolvimento da capital, mas grande, enorme, se a quizermos cotejar com o pequeno burgo, inundado pelo Tejo, anterior á conquista de Affonso Henriques e talvez ainda posterior ao principio da monarchia.

Herodoto de Halicarnasso disse que o Egypto foi uma dadiva, um presente do Nilo.

Pois d'essa ancestral Lisboa se pode dizer tambem, paraphraseando Herodoto, que foi uma cedencia do Tejo: cedencia um pouco violenta, com seus ares de expoliação, que ainda em nosso tempo tem continuado.

Um largo esteiro penetrava, terra dentro, até ao sitio depois chamado Mouraria, e por esse esteiro entravam á vontade, para encontrar seguro ancoradouro, centenas de embarcações.

Os gôdos e os moiros teriam conhecido, navegado esse esteiro, e a alguns escriptores parece provavel que já os primeiros reis portuguezes dominariam a cidade do alto da Alcáçova e ainda o Tejo lh'a disputaria cá em baixo, no fundo do valle, como um rival que viesse ousadamente requestar, junto aos alcantis de castello roqueiro, a formosa castellã.

Repellido, o Tejo teve que ceder, levando comsigo, para o largo, essa pittoresca Veneza, essa deliciosa *marinha* que, emmoldurada entre montes fragosos, devia ser de um effeito verdadeiramente theatral.

Foi-se a pouco e pouco enxotando e enxugando a agua do Tejo para conquistar terreno á cidade, mas parece que tomamos gosto á expoliação, porque ainda em nossos dias temos cerceado o leito do rio, primeiro para construir o Aterro, agora para melhorar ou estragar, não sei bem, o porto de Lisboa.

D. Manuel, pensando em melhorar as condições materiaes da cidade, mandou esgotar de

vez a agua que não raro inundava o Rocio. A hydraulica foi chamada, no seu reinado, a ter mão nas arremettidas subterraneas do Tejo, que de tempos a tempos se lembrava de protestar, e nas levadas que das vertentes do valle estavam costumadas, no inverno, a vir procurar o antigo vasadouro.

Amante da ostentação, pomposo nos seus habitos, D. Manuel tratou de mandar construir, na ribeira, um palacio real, que ficava fóra da muralha de D. Fernando, e que do sitio onde foi construido veio a denominar-se Paço da Ribeira.

A grandeza manuelina, o fausto salomonico d'esse rei venturoso, após o qual devia vir o diluvio, começou pois a dilatar a cidade pela beira do Tejo, que teve de contêr-se em respeito ante a esphera armillar do césar poderoso.

Mas sem embargo d'este novo arrabalde aristocratico, que ia addicionar-se, como um supplemento brilhante, ás muralhas de D. Fernando, dentro da cêrca, até ao Rocio, ruas estreitas, que pareciam ainda riscadas pelo estylo moirisco, enlabyrinthavam-se, baralhavam-se n'uma confusão complicada e n'uma estreiteza abafadiça.

A rua Nova dos Ferros, que aproximadamente correspondia á moderna rua dos Capelistas, e que seria mandada construir por D. Diniz, era um ruidoso centro de commercio, movimentada por activissimo transito, especialmente de negociantes e cavalleiros.

Pois não tinha, na sua maior largura, mais de quatro braças.

A rua dos Ourives da Prata era no tempo de D. Manuel ainda tão estreita, que lhe pozeram columnas de pedra, *frades*, para impedir a passagem de cavalgadas que, se iam carregadas, quasi tomavam de lado a lado a rua, não deixando logar para os transeuntes.

Ora da rua Nova dos Ferros, caminhando para occidente, passava-se á rua dos Cavallos, e d'ahi, quem queria encontrar melhor caminho para o Rocio, mettia pela rua dos Ourives do Ouro.

A rua das Manilhas communicava com esta rua, como sabemos já, pelo bêco da Bocca Negra, e foi justamente na rua das Manilhas que os dois desconhecidos ouviram primeiro o grito, depois os gemidos, que partiam do bêco.

A ronda, para encurtar trabalhos, e por ser já tarde, pois que eram mais de dez horas da

noite, e o sino de recolher era tangido das oito para as nove, não foi accordar o alcaide pequeno, nem o corregedor da côrte e muito menos o juiz do crime; levou os presos em custodia para o Tronco da cidade, que por notavel coincidencia ficava a dois passos da rua das Manilhas.

O quadrilheiro, commandando a sua gente, não se deixou impressionar com as lastimas dos dois presos, que protestavam estar innocentes na morte d'aquelle homem.

—Mas por que andaes vós fóra de casa—dizia o cidadão quadrilheiro marchando com os presos para o Tronco da cidade—tanto tempo depois de corrido o sino? Não estaes fartos de saber que só depois de amanhã é que o não tangem por ser vespera de Anno Bom, e que n'essa noite privilegiada e nos Santos Reis é que não ha hora certa para cada um se recolher a sojorno?

Respondiam-lhe os presos que muitas vezes tinham sabido a passar o serão na casa do painel do Anjo, e que pacificamente recolhiam a sua casa na rua das Esteiras, sem fazer qualquer arruido ou reboalaria; que n'aquella noite iam tranquillos, como de costume, mas que,

por serem homens de bom coração, acudiram quando ouviram gritar e gemer no bêco da Bocca Negra.

— Tudo isso será verdade, respondia o quadrilheiro, mas appareceu um homem morto, e ao pé d'elle vos fomos achar ainda com as mãos tintas de sangue. Quem n'ó matou? Alguem foi, mas não encontramos viv'alma além de vós dois, que fostes parceiros no crime. E para prova aqui levamos este punhal com que o maleficio foi praticado.

— Á-lá-fé que a nenhum de nós pertence. Juramol-o.

— Amanhã o provareis, se poderdes, quando fordes chamados ao auto. Por agora ides passar a noite no Tronco e amanhã se tratará de esclarecer a verdade. Quando acabará esta praga de brigas e arruidos, que nos não deixam descansar um momento!

E enquanto o carcereiro abria a porta do Tronco, o commandante da ronda dizia como se estivesse reatando um raciocinio philosophico:

— Praticastes o delicto, e ainda por cima zombastes da façanha!

— Nós?! exclamou um dos presos.

— Sim, vós. Não vos ouvi eu rir, a vós mes-

mo, que o perguntais, como satisfeito de vossa malfeitoria?! E fallaes de bom coração!

— Enlouqueceu-me o desespero, se me ri como dizeis; o desespero de que o acaso preparasse, com tão bem tecido artificio, a surpresa de encontrar alli morto, áquella hora, n'aquelle sitio, esse homem e não outro. Oh! maldição! maldição!

A porta do Tronco rangeu nos gonzos pesados, e a ronda entrou com os presos.

Foi como se um panno de theatro descesse sobre mais esta trivialissima scena da longa tragedia nocturna da velha Lisboa.

II

Anno Bom

O Natal era uma das mais populares e animadas festas da Lisboa manuelina.

O commandante da ronda já nos dera a perceber isso, quando disse que pelo Anno Bom e Santos Reis não tangia o sino de recolher, o que significava que os habitantes da cidade podiam demorar-se fóra de casa, foliando a bel-prazer, n'essas noites privilegiadas.

As duas maiores solemnidades do calendario ecclesiastico, o Natal e a Paschoa, tiveram sempre, a par do seu character religioso, uma feição mundana, de gastronomia e folgança, que ainda hoje conservam.

Quinze dias antes do Natal começava a venda extraordinaria das gulodices que eram pecculiares a essa festa.

Pela ribeira adiante, fôra da muralha, e no largo do Pelourinho, que ficava dentro da cêrca, ao oriente, na convergencia da rua Nova dos Ferros e da rua da Confeitaria, uma chusma de vendedeiras ambulantes, como as que habitualmente concorriam uma vez por semana á feira do Rocio, armavam, em renque, mesas cobertas de manteis muito alvos, sobre as quaes expunham á tentação gulosa dos transeuntes varias conservas de doce e fructas de sequeiro, proprias da estação.

Entre as rumas de pinhões e de figos, entre os coscorões e a marmelada, entre o gergelim e os fartens, entre as garrafas de cidra e vinho, entre montões de boleima, que era uma lambarice barata e grosseira, de grande consumo, apparecia uma fressura a que se dava o nome de *verdes*, feita com sangue de porco ou de boi e temperada com varios adubos gordurosos.

Logo por esse tempo abicavam á ribeira, em frente de Alfama, os barcos que vinham de Alcaccer do Sal, carregados de junco branco, porque era do estylo esteirar com elle, festivamente, os pavimentos das casas na occasião do Natal.

O poeta Chiado deixou-nos noticia d'este tradicional costume n'um dos seus autos, em que a descrição da vida popular de Lisboa toma maior relevo:

Hontem ao junco no caes
era todo Portugal,
e não parece Natal
sem junco.

A missa do gallo era já, como hoje, um pretexto religioso para a folia mundana.

Esperava-se pela meia-noite tangendo ou sapateando, cantando e bailando, jogando jogos de prendas, alguns muito chistosos, como o das *Mentiras*, por exemplo, em que a pessoa menos inventiva em fabular soffria a pena de ser mascarrada na face com um tição ou açoi-tada nas mãos com uma palmatoria.

Retiniam as gargalhadas quando os jogadores ficavam engraixados no rosto como se fossem pretos da Guiné, sobretudo se uma carinha de tauxia de lisboeta graciosa se metamorphoseava de repente n'um sol com manchas, semelhando uma negrinha linda de Manicongo.

E os esgares comicos dos parceiros que procuravam furtar a mão aos golpes da fêrula, as evoluções acrobaticas, que elles exaggeravam, para evitar cada palmatoadada faziam redobrar o riso, estalar as costellas nas convulsões da hilaridade.

Mas os sinos repicavam tangendo á missa do gallo, e logo se lavavam as mascarras, e as mulheres cobriam suas beatilhas e mantéos e os homens punham as gorras e sombreiros, caminhando todos em galhofeiro rancho para a egreja mais proxima.

Á volta da missa era tambem do estylo que o appetite madrugasse. Tratava-se de preparar o almoço de linguiça, porque os piteus de fumeiro, sendo os proprios da estação, tinham primeiro logar nas refeições succolentas.

E como se o estomago, em respeito á tradição, fosse maior n'aquelles dias de festiva consoadada, vinham pela tarde as merendas de castanhas assadas, os magustos, que eram uma diversão cheia de alegres incidentes, porque ou apetecia saltar as fogueiras como na vespera de S. João ou, á roça do brasido, recommçavam os jogos de prendas que, como o das *Men-*

tiras e o *Dou-te-lo-vivo*, tinham por essencial instrumento de risota uma brasa ou tição acceso.

O frio de dezembro apertava pelo Natal, e a visinhança da fogueira sabia bem. Em largo circulo, rodeando as chammas, sentava-se o folgado rancho, e o tição acceso ia passando de mão em mão, soprando-lhe cada parceiro para reanimal-o, e dizendo ao outro a quem o passava: «Dou-te-lo-vivo». E quando, por mais que lhe assoprassem, o tição se apagava, quando a chammasinha, já tenue, morria nas mãos de alguma pessoa, essa pessoa, no meio da alacridade geral, pagava prenda.

Visitavam-se, pelo Natal adiante, umas ás outras, as familias conhecidas e amigas, costume que chegou até nós e em nós parece perder-se com a invenção recente das felicitações em commum pelos jornaes.

A folia ia n'um *crescendo* desenfreado até ao Anno Bom e Santos Reis.

Na vespera de janeiro, como então se dizia, isto é, no ultimo dia do anno, sabiam para a rua a cantar e a tanger os *janeireiros*, grupos de villões ruins que, com escala pelas tabernas excepcionalmente abertas toda a noite, pare-

ciam quebrar as soalhas dos pandeiros repen-
cando-os á porta dos cidadãos, e vozear o ul-
timo alento pela garganta já encascada de maior
sarro que as cubas das adegas.

Quando á porta resoava esta atroadora cas-
calhada, a que um quinhestista chama pittores-
camente «musica de agua-pé», assomavam can-
deas nas janellas da visinhança, cabeças esprei-
tavam curiosas, e o dono da casa, a cuja porta
os janeireiros paravam, vinha de candeia na
mão, escada a baixo, dar a esportula do es-
tylo.

Ai d'elle se a gorgeta se demorava, porque
a inferneira recrescia, sendo as loas substitui-
das pelos chascos picantes e pelas apostrophes
escarninhas.

Em Lisboa perdeu-se, no decorrer dos se-
culos, o costume de cantar as janeiras por por-
tas, mas na provincia, baluarte do puritanismo,
subsiste ainda, e o mais é que prevalece tam-
bem o veso antigo de insultar com chufas quem
se obstina em não esportular os janeireiros.

No Minho, se a propina não vem, a chufa é
certa:

Esta casa cheira a breu :
Aqui mora algum judeu.

Ora bem pode ser que o dictionario seja mais antigo do que á primeira vista parece; date justamente do tempo em que, reinando D. Manuel, os judeos foram barbaramente perseguidos e expulsos.

Este Natal de Lisboa, se não cheirava a judeos, porque officialmente já os não havia cá, visto que «baptisados de fresco», como diz frei Luiz de Sousa, passavam por *christãos novos* os que cahiram na imprudencia de ficar em Portugal, cheirava muito a moiros, que eram então em barda, e consentidos em suas mourarias.

Affonso Henriques, auxiliado pelos crusados, conquistou Lisboa aos moiros, mas por concessão generosa do vencedor—muito mais atilado do que D. Manuel em relação aos judeus—os moiros não só residiam abairrados dentro da cidade, senão que tambem trasbordaram para o arrabalde.

Estes ultimos, medeante o pagamento de um tributo individual, poderam entregar-se á lavoura, e como o tributo se chamasse *çalaio* ou *salaio*, elles mesmos foram geralmente designados por *salaio*s, vocabulo que, com pequena corrupção, se converteu em *saloios*.

O que é certo é que com os moiros ficaram

os seus costumes tanto dentro da cidade como fóra de portas.

Os occupadores christãos insensivelmente os foram copiando.

Já notamos esta influencia tradicional a proposito da estreitesa das ruas, que por muito tempo conservaram o seu aspecto moirisco, notavelmente sombrio.

Mas onde essa feição de melancolia, de monotonia triste e lenta se accentuou ainda mais foi nos trebelhos, nos bailes e canções, no requiebrar choroso dos adufes ou pandeiros, da voz gemebunda glosando cadencias maguadas, tendo por assumpto a fatalidade invencivel do destino.

Ainda hoje os *fados* modernos parecem ser como que o soluçar longinquo do moiro banido ou vencido, do moiro escravizado.

Na Lisboa manuelina essa influencia tradicional estava muito viva, de modo que nas folias do Natal, nas serenatas agrestes e dolentes dos janeireiros como que pairava a alma da Berberia sobre uma cidade christã.

A vespera de Anno Bom era uma especie de noite do Ramadan em que, depois que ao pôr do sol sôa a hora do *magreb*, cada um pode

fazer o que quizer, bailar, tanger, desferrar-se do jejum do dia em fartas comesanas, e lautas ceias.

As egrejas estavam abertas de noite, tal qual como as mesquitas durante o Ramadan; mas se as egrejas estavam abertas, tambem, como lá, as tabernas se não fechavam.

E que numero assombroso de tabernas que contava a Lisboa manuelina!

Em S. Gião, sitio infamado a par do templo, dezenas de ramos de pinho denunciavam a existencia de outros tantos altares de Baccho. E na Ferraria, no Cata-que-farás, em Alfama, na Mouraria, onde se podia

..... matar a sede
Pela lei de Mafamede,

em toda a ribeira, em toda a cidade, em nome de Mahomet ou de Christo, uma chusma de bonejas, de rufiões, de rascões, de bargantes, de vaganaus celebrava em liberdade as grandes festas do anno para se desferrar da tutella policial do *sino de recolher* nas outras noites do calendario.

Ora, justamente, n'este anno de 1498 quem

pelo Natal se divertiu foi apenas o povo, porque a côrte, a apparatusa côrte de D. Manuel, estava oficialmente de luto.

A rainha D. Izabel havia morrido, sobre parto, em Saragoça, no mez de agosto.

O recém-nascido, penhor de duas corôas, a de Portugal e a de Castella, sobrevivera á mãe, mas D. Manuel, deixando o filho entregue aos avós, recolhera a Lisboa no principio de outubro.

O rei estava, pois, viuvo, mas não incuravelmente saudoso da princeza castelhana, que tanto tinha ambicionado possuir, e que possuiu. D. Manuel, em questão de casamento, curava-se pelo systema do *similia similibus curantur*.

Mas importava salvaguardar as apparencias e, por isso, enquanto os seus vasallos folgavam no ultimo dia d'aquelle anno, o paço da Alcaçova, erguido sobre o morro oriental da cidade, conservava-se fechado, envolto, silenciosamente, na escuridão da noite.

Se já estivesse concluido o novo paço da Ribeira, que o rei mandara edificar, decerto chegariam aos ouvidos do monarcha, com maior intensidade, os cantos, as musicatas dos janeiros, mas, lá no alto, a Alcaçova alcandora-

va-se lutuosa, e ninguém se atrevia a ir perturbar a viuvez real com as folias ruidosas do Anno Bom.

Cá em baixo, no coração da cidade, é que era a festa.

Soavam adufes, atabaques, guitarras, violas. Havia borborinho, fallario; grupos parados na rua, multidão dentro das tabernas.

Á esquina da calçada da Paciencia, sobre o Cata-que-farás, alguns frequentadores do sitio discutiam um acontecimento recente, em que tristemente havia figurado um dos seus companheiros de azevia.

— . . . O que é certo é que o pobre Gil Pato lá se foi mareando para a eternidade, e que d'essa viagem não se volta mais. O capitão mór Vasco da Gama pode tornar com as naus que levou, e trazer noticias da India, mas Gil Pato já não torna a pôr os pés no Cata-que-farás, nem a ver os seus lindos ramos verdes, que parece que nos acenam, e chamam a gente, quando lhes dá o ar.

— Isso é que é: não ha volta de mar que o possa trazer. E de mais a mais, para o segurar de vez, foram logo dois a dar cabo d'elle.

— Um é que foi, mano; o outro adjudou.

Affonso Ribeiro quiz fazer pagar com usura as contas atrasadas que tinha com o pobre Gil.

— E que contas eram essas? perguntou um adventicio, que parára junto ao grupo.

— Mulheres! Gil Pato era Macias nas veias, rascão de raça. Quando foi morar para o bêco da Carrança começou, por ser bom pescador de beldades, a lançar o copel ás moças da visinhança. Uma d'ellas, a de mais estrellado doairo, era a filha de Thomé Gonçalves, antigo mestre de nau, que, tempo ha, está tolhido de pernas, por ter resfriado no mar. A moça mostrava-se arisca, e Gil Pato desconfiou de camanha virtude. Poz-se de vela, e descobriu que ella recebia de noite a visita de Affonso Ribeiro.

Riram ironicamente os villões do grupo.

— Ora, proseguiu o narrador, como Affonso Ribeiro não era cá dos nossos e parecia fidalgo de retraço, Gil Pato filou-o como alão raivoso. Homem despeitado é por força tençoeiro. Tiveram chaças, brigas, uma das quaes em logar bem publico, na rua Nova, á hora do dia. Gil foi desfeitoado, porque Affonso Ribeiro tinha pulso. Foram presos á voz de aquedelrei. Mas D. João Tello, que por ali passava a cavallo n'aquella occasião, teve artes de livrar o seu

creado Affonso Ribeiro, que logo foi em boa hora. Ficou maior a escandola, e depois não se sabe ao certo o mais que entre os dois se passou, senão que Gil Pato appareceu ante-hontem recuchilado no bêco da Bocca Negra, e que Affonso Ribeiro foi encontrado com o grumete João de Thomar ainda ao pé do cadaver.

— Quem era esse grumete?

— Sei lá! gente do mar, que enjoa em terra.

Nova risada dos circumstantes.

— Era um socio, disse outra voz, de Affonso Ribeiro, que, por ser creado de fidalgo, não queria conhecer villões que gostem mais de agua-pé que de agua do mar.

Os circumstantes applaudiram a facecia, mas o informador continuou:

— Eu via ás vezes Affonso Ribeiro e João de Thomar, com mais outros dois grumetes, a passeiar pela ribeira, e a olhar para as naus. Ainda outro dia os encontrei no Rastello ao pé da ermida. O tal Affonso Ribeiro andava decerto a fazer bocca para a gergilada que a moça do Painel do Anjo, a filha de Thomé Gonçalves, lhe costumava, pelos modos, offerecer á ceia.

Esta grosseira malicia teve um ruidoso aco-
himento de applausos em todo o grupo.

Quando a ovação serenou, um dos bargantes propoz este alvitre:

— Que monta estarmos agora a rezar o trintauro ao pobre de Gil Pato, que foi dar contas a Baccho das borrachas que deixou por escorropichar? Está aqui a chamar por nós um palhete que refresca a gorgomileira como orvalho de maio. Vá de entrar, e beber ao escote.

E toda essa relê de villões devassos, de *faias*, como hoje dizemos, entrou de roldão, rindo e vozeando, na taberna que pendurava o seu ramo de pinho á esquina da calçada da Pa-ciencia para o Cata-que-farás.

Á mesma hora, a casa do Painel do Anjo estava funebremente cerrada. Não se via réstea de luz por debaixo da porta ou pelas frinchas das adufas. Helena, a filha de Thomé Gonçalves, assentada n'um tanho, ouvindo a folia dos janeireiros, escondia o rosto entre as mãos e abafava em lagrimas. O pae, na quietação dos paralyticos, sem poder ir acariciar a filha, pedia-lhe, a espaços, que se conformasse com os decretos da Providencia.

Na sua linguagem de antigo marinheiro, dizia-lhe elle:

— Umás naus abicam a porto seguro, outras

sossobram: havemos por isso de amaldiçoar as santas aguas do mar oceano, que são propicias a uns e mortaes para outros?

Respondia-lhe apenas o soluçar angustioso de Helena.

A essa mesma hora, na cadeia do Tronco, Affonso Ribeiro e João de Thomar, seu companheiro de desgraça, sentiam-se acabrunhados, esmagados sob o peso das suspeitas que n'elles recahiam pela morte de Gil Pato no bêco da Bocca Negra.

E os adufes e atabaques dos janeireiros, n'uma toada moirisca, de folia monotona, soavam ininterruptamente por todas as ruas da cidade ainda depois dos gallos terem cantado na capoeira,—na çorça, como então se dizia.

III

A feira do Rocio

A rua Nova dos Ferros, comquanto hoje a possamos considerar o Chiado d'aquella epocha, isto é, o centro da vida commercial e elegante de então, perdia uma vez por semana grande parte da sua animação habitual para emprestal-a ao Rocio por vinte e quatro horas.

Os curiosos e ociosos, os que sahiam a compras ou a passeio, os que tinham que fazer e os que nada faziam, não deixavam de ir, á terça feira, dar uma vista de olhos pelo Rocio, como ainda hoje acontece nas cidades e villas da provincia em dia de mercado semanal.

A feira que em Lisboa se realisava «em cada semana por um dia» era já secular no tempo de D. Manuel. D. Affonso III passa por ser o primeiro rei portuguez que instituiu feiras e

mercados, e comprehende-se facilmente a importancia d'esta medida no interesse do commercio interno é das povoações; mas um documento do tempo de D. Diniz, referindo-se ao mercado volante de Lisboa, diz que já era costume em tempo de «seu pai e seu avô», o que mostra que remontava ao reinado de Sancho II.

A expansão do commercio nacional pelo incremento das povoações e melhoria de vias de comunicação foi a pouco e pouco tornando as feiras menos precisas, sobretudo em Lisboa, onde a do Rocio não tinha grande razão de ser no tempo de D. Manuel, porque, além dos aruamentos reservados a determinadas industrias e profissões, havia a rua Nova, que era um bazar permanente, fartamente abastecido de todo o genero de mercadorias.

E tanto assim, que sempre que qualquer industrial dos que estavam abairrados podia encontrar casa na rua Nova, logo a tomava de arrendamento, por ser aquella rua a de maior transito e commercio, portanto a que promettia maiores lucros.

De modo que a feira semanal do Rocio conservava-se mais pela força da tradição do que por justificada necessidade.

O hospital de Todos os Santos, comquanto incompleto ainda, tinha já construidos os seus arcos, a sua extensa arcada gothica, que, com um trecho do convento de S. Domingos, faziam toda a frente oriental do Rocio.

D. João II recommendara em testamento que se acabasse o «Sprital» *na maneira que era começado*, e D. Manuel, logo que assumiu o poder real, deu ordem para se activar a construção com a maior diligencia possivel.

Na egreja, que ficava ao centro do vasto edificio, assentou o novo rei a sua mão opulenta, dando-lhe um bello portal de pomposo estylo manuelino, ao qual offerecia accesso uma alta escadaria de tres faces.

Nos primeiros annos do reinado de D. Manuel, isto é, desde 1495 a 1498, a obra cresceu e prosperou rapidamente, não se poupando trabalho nem dinheiro.

A arcada do hospital tornara-se desde logo um como novo bairro de commercio, e parlatorio obrigado. Estabeleceram-se ahi lojas de negocio, com balcões fechados, e armarios de vidraça, a que hoje poderiamos chamar *mon-tres* e *vitruines*. Os cegos, principaes vendedores ambulantes de obras impressadas, os pri-

meiros propagandistas da recém-nascida typographia, tomaram conta da escadaria da igreja e ahi, nos dias de feira, iam vender os opusculos que Valentim de Moravia dava á estampa, — obrinhas de «devação», *estoreas antiquas*, conselhos contra as *pestinencias*, calendarios, cartas alphabeticas, etc.

O aspecto de toda a praça, n'esses dias, era o mais pittoresco e animado que possa imaginar-se, especialmente desde o outono até á primavera, porque então os saloios, tendo liquidado as suas colhidas, colheitas dizemos hoje, vinham, com dinheiro fresco, fazer provisão annual de camisas, pelotes, capas,—de todo o necessario á sua vida e labutação, porque lá dizia o philosopho Anaximenes a Alexandre Magno que a roupa era tão precisa ao homem como o sustento.

E, na verdade, na feira do Rocio tudo se podia comprar, porque tudo se expunha ali á venda.

A feira vinha crescendo das arcadas para o meio da praça, onde os vendilhões ambulantes armavam as suas cabanas portateis, hasteavam os seus chapéos-de-sol; onde as regatôas alinhavam suas gigas e celhas, e onde os sapa-

teiros preludiavam os modernos kiosques com as suas barracas de pelle de carneiro.

Alli, sob o alpendre, encontravam-se os estofos que o sol ou a chuva poderiam desvalorisar, e que por isso mesmo exigiam maior resguardo: as sedas, os chamalotes, os pannos, as cassas, as olandas, as rendas, o linho alvo, as fitas variegadas, as coifas trançadas a oiro e prata, as gorgeiras e cabeções, as tranças e lenços.

Nós já então, antecipando-nos muito aos francezes, fabricavamos excellentes sedas: proviões episcopaes do seculo XIII mostram que os prelados ordenavam que dos respectivos coutos se não vendesse para fóra a folha das amoreiras, e que do sirgo que se creasse a parte da mitra fosse paga em casulos.

Os pannos da Covilhã tiveram nome desde o principio da monarchia: a Beira era uma importante região fabril de tecidos de lã e linho, muito procurados.

Arrimados á arcada ou em plena praça estabeleciam-se as tendas de loiça de barro, os ferros-velhos, as carapuceiras, os sapateiros e esparteiros, os cesteiros e caldeireiros, as *mulheres dos montes*, que vendiam queijos frescos e

pão de leite, os «logares» das hortaliças, dos passarinhos, os estendões dos utensílios agrícolas, das sementes, das ervas de cheiro e de virtude, as banquetas, muito limpas, das fructas verdes, e as ceiras e ceirões das fructas sêccas.

Os ferros-velhos, os vestidos usados, trapos velhos, como então se dizia, as loiças finas rachadas ou esbotenadas, os moveis avariados, vendidos por mulheres, brancas e negras, ou por moiras, que cruzavam no ar a sua aravia ruidosa, e os seus pregões tentadores, alli estavam a prefaciá o espectáculo da *feira da ladra*, de nossos dias.

Havia um vozear, um remoinho e fallatorio incessante, ao qual sobressahiam por vezes os sons desafinados dos cantos e bailes populares, á moirisca, regidos a pandeiro, gaita e tamboril, porque lá diz Gil Vicente:

..... gaita e tamboril
E outros folgaes mil,
Que nas feiras soem d'estar.

O concerto ou antes o desconcerto das vozes humanas, pregões, juras, pragas, reclamos era enorme, ensurdecedor.

Aqui as moças dos montes, rufando as mãos sobre as frangélas, e fazendo tinir os cinchos que enformavam suas natas e queijos, gritavam aos transeuntes:

— Hou lá, hou! Feirae acá, que é bom feirar.

Acolá um rancho de ciganas, deixando entregues aos homens da tribu os rocins e pôtros que eram enfeirados alli perto, na Praça da Palha, principio da rua das Arcas, perseguia os viandantes pedindo-lhes esmola o offerecendo lêr-lhes a *buena-dicha*:

— *Señur caballero, dadme una limuzna pur la amur de Diuz.*

— *El siño, la buena ventura, andad acá, señures caballeiroz.*

Um caldeireiro, rodeado por montões de ferraria e pregadura, berrava a espaços, batendo com um pequeno martello no bojo das caldeiras:

— Vós outros quereis comprar boa mercancia? Vinde cá fazer a feira.

Um moiro velho, de albornoz, segurando pela arreata o mulo sobre cujo albardão em meia lua pendiam a um e outro lado, enfiadas em cangalhas, bilhas de barro, apregoava agua fresca.

Os bufarinheiros, com a arqueta avançada sobre o peito, atravessavam lentamente, apregoando e olhando, parando cada vez que lhes gritava alguma voz:

— Bufalinheiro, houlá!

Os mocitos revoltos, em grupos, corriam saltando por sobre os cestos vindimos, os balaios, caldeiras e gaiolas, cahindo aqui, levantando-se acolá, açulando os vendilhões e regatoas com vaias e dicterios, enfrenisando os sapateiros com apódos cujo typo subsiste talvez ainda no sabor antigo:

Sapateiro remendeiro,
Come tripas de carneiro.

Uma ingresia, uma inferneira, um pandemium de estontear, mas Lisboa não tinha espectaculo tanto do gosto do povo, que o preferia ás justas e torneios, porque na feira do Rocio o povo era ao mesmo tempo espectador e actor.

Indifferente ao que se passava em torno d'ele e encostado a um dos arcos do «Sprital», um velho homem do mar, que certamente conhecia tão bem a costa da Guiné como a ri-

beira do Tejo, parecia olhar, muito pensativo, para a escadaria de pedra que de apar do Rocio subia ao convento do Carmo.

Estava alli perto um caldeireiro a tanger nos seus caldeirões e caldeiras, como chamariz, e mestre João Bioz, da carreira da Guiné, parecia não dar por isso.

Veiu accordal-o de tão demorado alheamento a voz do piloto Braz Cascão, que, a julgar pelos cabellos brancos, já devia ter ouvido muita vez bramir o mar em Serra Leoa.

—Bofé, apostrophou jovialmente Braz Cascão, que mirando arriba, contra o Carmo, estás pensando no santo condestabre, honra d'aquella casa na vida e na morte.

—E que assim fosse, respondeu João Bioz, não era razão de me prasmares, porque cêrca d'este sitio em que ora somos veiu cahir, segundo sôa, uma lança que lá de riba arremessou quando um dia lhe disseram que já não estaria com vigor para manear as armas em caso de guerra.

—Sim, assim corre, que o santo condestabre despedira a lança clamando «Em Africa a poderei ainda metter se fôr necessario», e que d'aqui veiu o dizer-se—metter lança em Afri-

ca. Mas era n'essa memoria que cogitavas, João Bioz?

— Não, homem! Os olhos nem sempre vão traz do pensamento. Cogitava na mofina que deu em casa do pobre Thomé Gonçalves, nosso antigo camarada e matalote. Foi com elle que fizemos as nossas primeiras viagens á costa da Ethiopia, e não havia ahi melhor, nem remelhor mestre de nau, mais affavel para a familia de bordo, nem mais valente para o mar. Aquillo é de raça, vem-lhe de geração: o mar conhecia-o, e respeitava-o tanto como nós todos.

— Bom de lei! exclamou Braz Cascão.

— Pois são os bons que Deus quer experimentar com trabalhos para, depois de expurgados, os chamar a si. Primeiro veio a doença, ganha em viagem, que o fez apodrecer pelas pernas. Agora, outra volta de mar levou-lhe o noivo da filha para a cadeia, accusado de ter matado, com João de Thomar, um homem no bêco da Bocca Negra.

— Ouvi fallar do caso, mas não sabia com quem se tinha dado. Casos d'estes, arruidos e brigas, succedem por ahi todas as noites. Já a gente se não importa. Muito me contas! E

quem era o noivo da filha de Thomé Gonçalves? João de Thomar conheço eu. É o grumete, pois não é?

—Esse mesmo, um bom rapaz, que nunca foi dizidor nem goliardo. O noivo da filha de Thomé Gonçalves era um Affonso Ribeiro, creado de D. João Tello. Mestre Thomé põe às mãos no fogo por elle, e diz que deve estar innocente na morte que lhe imputam.

—Fallaste com Thomé Gonçalves?

—Fallei. Está naufragado em sêcco, e a filha parece uma caravella nova que deu á costa.

—Mas como foi tudo isso?

—Foi que Affonso Ribeiro, por causa da filha de Thomé Gonçalves, tinha tido seus dares e tomares na rua Nova com um maricote, um rascão chamado Gil Pato. A semana passada Affonso Ribeiro, João de Thomar e outro grumete tinham ido jogar os naipes com Thomé Gonçalves para entretel-o. Acompanhavam-n'o ao serão sempre que estavam de folga. Sahiram os tres da casa do Pannel do Anjo, e Affonso Ribeiro e João de Thomar recolhiam a sua casa na rua das Esteiras, porque moravam juntos, quando no bêco da Bocca Negra foram presos pela ronda, junto de um homem que

estava morto, o qual homem era Gil Pato. Percebes agora?

—E não seriam elles que o mataram?

—Thomé Gonçalves jura que não, que estarão innocentes, porque nenhum d'elles é brigoso nem topador.

—Mas talvez fossem pròvocados pelo rascão.

—Sendo assim, diz Thomé Gonçalves que Affonso Ribeiro era homem bastante para o derubar ás punhadas, quanto mais sendo dois contra um. E D. João Tello tambem diz o mesmo.

—Como sabes tu?

—Porque D. João Tello foi em pessoa ao Painel do Anjo ouvir, sobre o caso, Thomé Gonçalves, por lhe parecer impossivel que tão bom serviçal, tão dedicado e tão grave, tivesse commettido homicidio. Mas disse o fidalgo que as apparencias e os antecedentes, a rixa velha com Gil Pato, faziam grande carrêgo a Affonso Ribeiro na opinião das justiças da côrte.

—Será então condemnado?

—Que sei eu!

—Pois hei de avistar-me com mestre Thomé. Pobre velho!

—Bem hajas, homem, que é uma obra de charidade. Elle, que nunca temeu o mar, chora

como uma creança, e a filha parece desenterada e como louca. Olho mau se metteu n'elles!

João Braz estava bem informado quanto á maneira de pensar de D. João Tello a respeito da historia do assassinato.

O fidalgo tinha em estimação o creado, a quem permittia que pernoitasse fóra do palacio por estar para casar com a filha de mestre Thomé Gonçalves. Julgava-o innocente. Mas reputava difficil de vencer a gravidade dos indicios que o incriminavam.

E se D. João Tello se mostrava desanimado, caso era para que Thomé Gonçalves e a filha perdessem toda a esperanza.

Na côrte de D. João II, D. João Tello, neto de D. Fernando de Menezes (casa de Cantanhede), tivera moradia assente, e merecida consideração. Na côrte de D. Manuel, como a idade lhe fosse pesando, vivia um pouco mais afastado, mas não menos considerado.

Entregue á vida de família, comprehendia agora a felicidade de ter encontrado uma esposa tão dedicada como D. Francisca Fogaça, e de se vêr reproduzido n'um filho legitimo, D. Gabriel, além de três bastardos, a quem dava

protecção, e que eram o saldo de contas das suas antigas rapaziadas.

N'outro tempo, haveria dito a Affonso Ribeiro:
— Não sejas tolo, não cases.

Agora não só concedêra mas até applaudira a auctorisação que o seu predilecto criado lhe pediu para desposar a filha do honrado Thomé Gonçalves.

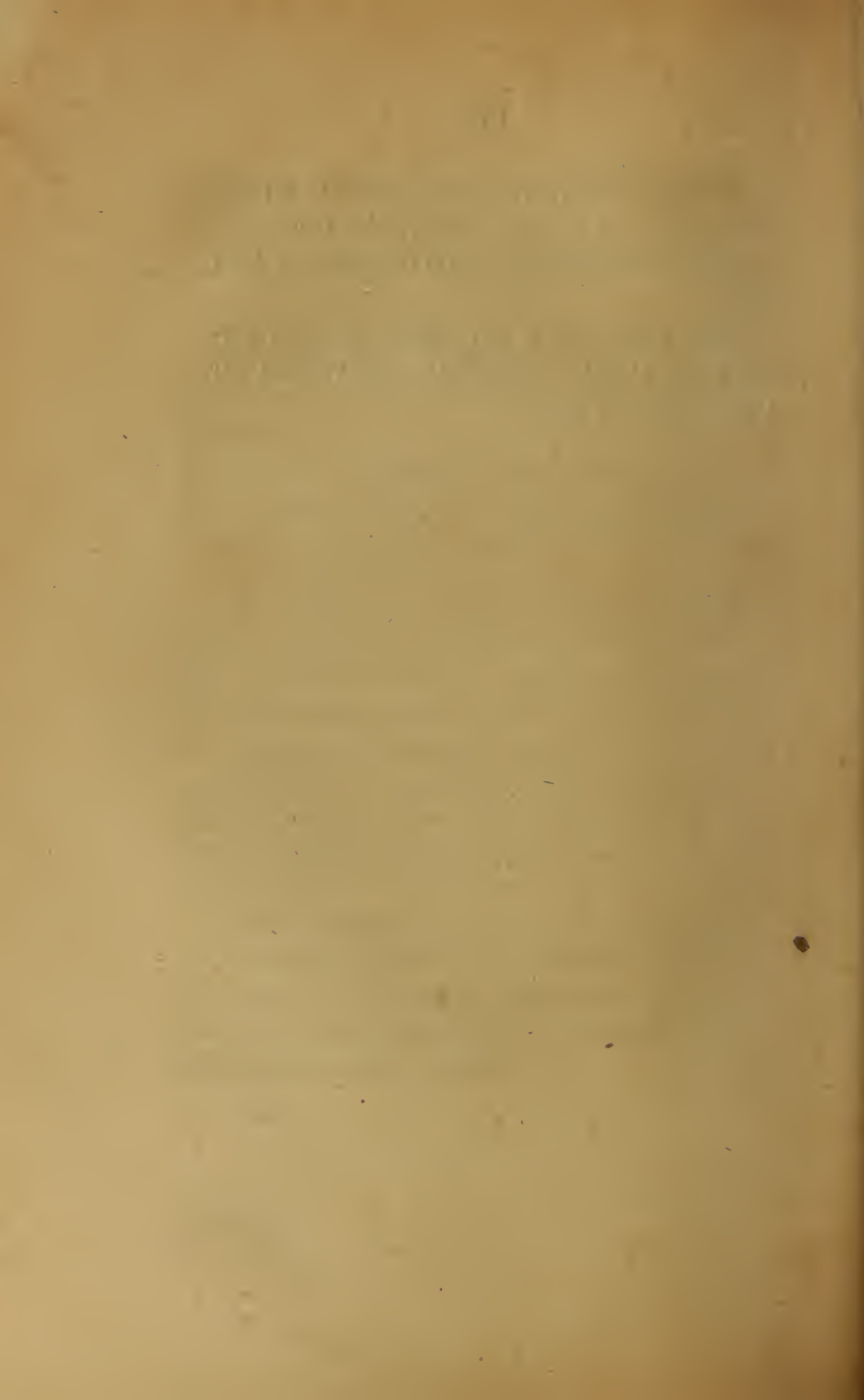
D. João Tello tomára informações: soubera que a moça era honesta, e que o pai tinha coscorrinhos, pé-de-meia, ganhos licitamente no tracto e navegação da Guiné.

Por isso esta inesperada desgraça contristou-o a ponto de procurar salvar o creado, como já o havia feito por occasião da briga na rua Nova. Mas d'esta vez o caso era mais grave, tratava-se de morte de homem, e D. João Tello, apesar de considerar innocente Affonso Ribeiro, opinião que muito estimára ouvir na bocca de Thomé Gonçalves, não sabia se poderia valer-lhe.

— Olha! dissera João Bioz a Braz Cascão após um momento de silencio meditativo. Vem ahi os escolares! Faltava cá esta pragá! Com tal marinhage não me entendo eu, que elles teem Belzebuth na pelle. Adeus!

Surdira, effectivamente, dos lados da Bitesga um enxame de alumnos das Escolas Geraes,— a praga dos estudantes, como bem dissera João Bioz.

Eram elles, com o seu habito até meia perna, a sua alegria e mocidade, que vinham dar uma volta pela feira.



IV

Alma de marinheiro

A opinião publica teve sempre, como as medalhas, anverso e reverso.

Ouvimos duas versões diferentes sobre o homicídio praticado no bêco da Bocca Negra, e não sabemos ao certo qual seja a verdadeira.

Segundo uma, auctorisada pelos homens bons, por Thomé Gonçalves, por João Bioz, e pelo nobre D. João Tello, Affonso Ribeiro estará innocente. É o anverso da medalha. Segundo outra, a dos rascões de S. Gião, a cujo numero Gil Pato pertencia, Affonso Ribeiro praticou o crime. Eis o reverso, a contradicta.

Parece, logo á primeira vista, que devemos dar maior credito á opinião dos bons, mas a opinião honesta engana-se muitas vezes, até pela

simples razão de que, repugnando-lhe o mal, tende facilmente a desprezar-o como elemento de apreciação.

O caminho mais seguro parece ser aquelle que nos conduza á investigação dos factos anteriores ao crime, ao conhecimento exacto da vida e costumes de Affonso Ribeiro, das suas ligações com a familia da casa do Painel do Anjo, dos seus sentimentos francamente revelados n'uma convivencia intima de todos os dias.

Tomaremos, pois, por esse caminho, embora seja o mais longo, e começaremos por entrar na casa d'onde Affonso Ribeiro tinha sahido na noite do homicidio

Alguma coisa sabemos já a respeito da familia de Thomé Gonçalves; mas é pouco em relação ao que precisamos saber.

Fôra effectivamente a doença, ganha no mar, que afastára da vida de bordo o velho maritimo.

A sua robusta organização resistiu a principio á invasão do rheumatismo. Thomé Gonçalves ria-se das receitas dos physicos, do barbeiro sangrador que andava na sua nau, e das visinhas que lhe aconselhavam, entre outras muitas coisas, que dêsse suadouros ás pernas e depois as esfregasse com unto de coelho.

Como todo o bom marítimo, que está habituado a curar-se com o cheiro da maresia, Thomé Gonçalves chamava aos physicos, desdenhosamente, *matasanos*, como se quizesse dizer que davam cabo dos que tinham saude; e quanto ao barbeiro sangrador e ás visinhas, desfechava-lhes na bochecha uma gargalhada rude, cuja traducção era clara: «Tratem de outro officio, e deixem-me em paz.»

Sua filha Helena, a quem elle queria tanto como ás meninas dos olhos, porque era toda a sua familia desde que ficára viuvo, não lhe dava conselhos, porque se não atrevia a isso, mas prodigalisava-lhe cuidados incessantes, extremos carinhosos e dedicados.

Thomé Gonçalves esperava monção de embarcar e, para enganar saudades, ia quasi todos os dias á ribeira, arrimado a um bordão, vêr o Tejo, e conversar com os seus antigos amigos e camaradas.

Para elles, Thomé Gonçalves era um oraculo. Logo que apparecia não havia piloto, marinheiro, grumete, pagem de bordo, guardião, calafate, estrinqueiro, que o não rodeiasse, e não morresse por ouvil-o discorrer sobre as coisas do mar, especialmente sobre a róta da India,

que, desde que Bartholomeu Dias dobrára o Cabo, era um problema que estava em via de resolução, segundo parecia ao proprio Thomé Gonçalves.

Com grande e entranhada magua deixara elle de embarcar na frota de Vasco da Gama, mas já por doença o não podera fazer. Submetera-se; não se resignára. Fôra ao Rastello, arrastando-se a custo, vel-a partir, n'um lindo dia de julho, que jámais podia esquecer.

As mulheres levantavam grande clamor, porque receiavam não tornar a vêr os maridos e filhos que iam a bordo das naus. Os velhos meneavam a cabeça em signal de duvida e de reprovação, por vêr que tantas vidas de gente válida e moça iam entregar-se aos abysmos de um mar longinquo, navegando atraz de um sonho que passára pela cabeça de D. João II.

Só Thomé Gonçalves sorria, e reprehendia as mulheres e os velhos, impondo-lhes a sua reconhecida auctoridade de antigo marinheiro.

—Que estaes vós abi a prantear, gente desatinada e cega?! Pois ainda acreditaes nas patranhas do *Mar Tenebroso*, depois que Gil Eannes dobrou o Bojador, e meu pae, que Deus haja, foi armado cavalleiro no porto dos Lobos

marinhos, e Diniz Fernandes passou Cabo Verde, e Diogo Cam chegou ao Congo, e João Affonso descobriu terras de Benin, e Barthalameu Dias avistou o termo da terra á parte do sul? Pois não tendes visto tantas barbaras gentes, tantos moiros azenegues da costa do Zára ¹, tantos captivos do Çanagá, que é onde acaba a Moirama ², tantos jalofos e mandingas, tantos escravos negros da Ethiopia, homens e mulheres, que cá vos temos trazido? Não tendes visto tanto oiro em pó, tanto marfim, tanta courama, tanto azeite de lobos, tantas hervas e frutitos e madeiras e aves, tanta pimenta da Guiné, de que eu só á minha banda carrêgo uma nau? Pois eu e estes que aqui estão apar de mim não temos ido e voltado tantas vezes, mercê de Deus, salvando as vidas e as cargas? Ah! vós estaes ainda na innôcencia d'aquelles nescios que prasmavam o Infante, e que depois se arreponderam de camanha cegueira, corridos de

¹ «... terra a que os mouros chamão Çahará e os nossos corruptamente Zára que he parte dos desertos de Lybia». Barros, *Decada primeira*.

² «... passado o rio que se ora chama Sanagá (Senegal), o qual divide a terra dos Mouros Azanegues dos primeiros negros da Guiné chamados Ialofos.» *Ibid.*

vergonha! Tomara-me já escorreito d'estas pernas, que, se o estivera, ia agora amarando foz em fóra nas naus de Vasco de Gama em vez de estar aqui a ouvir-vos os desvairados clamores. Fosse eu o primeiro a fazer-me na volta de Lisboa com a nova de havermos chegado á India pelo mar oceano, e morreria feliz abençoando a minha filhá e o meu destino.

E toda a marinhagem, que o ouvia, bamboava a cabeça em signal de approvação, respeitosaente.

— Guai de mi! exclamou uma linda mulher, de pouco mais de vinte annos, correndo para o grupo de Thomé Gonçalves, como á procura de uma pessoa conhecida, que a podesse ouvir. Guai de mi! que meu marido lá vai a soldo na *Berrio*, e não sei se verei jámais sua tornada!

E chorava, e arrepelleava o cabello na expansão de uma dôr, que parecia mais theatral do que profunda, mais superficial do que sincera.

— Cal-te, vizinha Grimanesa! disse com severa auctoridade Thomé Gonçalves. Cal-te, que offendes a Deus Nosso Senhor, mulher de pouca fé!

E logo, como se quizesse adoçar o tom reprehensivo das suas palavras:

— Cal-te, que murchas com tantas lagrimas as lindas côres do teu doairo. Não tem o bêco da Bocca Negra carinha mais fresca, nem viçosa. És moça, e podes esperar teu marido, que por não ser já na frol da mocidade folgará de encontrar-te fresca como noiva, quando tornar. Que te falta, cachopa, para que possas esperal-o com paciencia? Tens saude, e peculio. Pois não mandou el-rei pagar a cada um dos casados cem cruzados em dinheiro para deixarem a suas mulheres? Cal-te, que a frota ha de voltar com a ajuda de Deus e com boas novas da India, tendo achado a róta, que já Barthalameu Dias haveria descoberto, se a cobardia dos seus marinheiros o deixasse proseguir ávante! Má cainça coma tão fracos marinheiros! Mau lobo os espantou! Faltava eu lá! Mas agora, oh! mas agora, Vasco da Gama não ha de tomar em vão este trabalho, nem deixar de acabar esta empresa de boa esperanza. Vel-o-hemos voltar com suas naus, entrar Tejo acima com infindo carregamento d'essas orientaes riquezas, que tanto teem engrandecido o commercio de Veneza, Genova e Florença. Sim! filhos, Lisboa terá dentro em pouco maior mercado que todas as communidades de Italia, a

India ha de vir negociar ás nossas mãos, á nossa casa e nós á sua, e a memoria d'este descobrimento ficará eterna na lembrança de homens.

As longas barbas brancas de Thomé Gonçalves, que elle não quizera tosquear desde a ultima viagem, prateadas pelo sol de julho, davam-lhe um aspecto biblico, de propheta. Dir-se-hia que elle, arrimado ao seu bordão, cravando os olhos no ceu azul da barra, estava lendo o porvir atravez do tempo e do oceano.

— Sabes o que deves fazer, vizinha Grimanesa? accrescentou Thomé Gonçalves. Vai ali á ermida do Infante encommendar a Deus a vida de teu marido e de todos os matalotes da frota, vai rezar a Santa Maria de Belem, que é a Madre de Nosso Senhor Jesus Christo e de todos os navegantes d'este reino. Vai pedir-lhe fé, que te faz mingua. E, na lide da tua casa, emquanto esperas teu marido, se alguma vez sentires que torna a abandonar-te a fé, põe a tua beatilha, corre á ermida de Nossa Senhora da Escada, e confessa-te ao seu capellão, o virtuoso frei Fernando do Cadaval, padrinho da minha Helena, que não ha ahi sacerdote de melhor conselho e maior santidade.

Grimanesa, corrida por esta reprimenda, dirigiu-se, chorando sobreposse, para a ermida de Santa Maria de Belem, que o infante D. Henrique tinha mandado edificar no sitio onde depois se construiu a igreja dos Jeronýmicos.

O antigo e vasto reguengo de Algés comprehendia na sua área a aldea do Rastello, apenas habitada por alguns almuinheiros moiros e pescadores do Tejo, no reinado de D. João I.

Esse escasso nucleo de população, ainda dispersa por algumas granjas e cabanas, não tirava ao sitio do Rastello o aspecto triste de uma extensa ribeira silenciosa, de um descampado sem vida e sem movimento.

Só quando ahi fundeavam armadas, quando iam ou vinham as naus e caravellas do Infante, era que o Rastello deixava de ser uma melancolica cabilda mussulmana para se converter temporariamente, á hora do dia, n'um animado acampamento de maritimos.

Mas nem elles podiam ahi ouvir missa, nem fazer oração, nem ter sacerdote que ajudasse a bem morrer os que falleciam de escorbuto e outras pestilencias adquiridas a bordo. Tambem não era facil ás embarcações fazer ahi aguada antes de emprehender viagem.

Por todas estas razões o Infante D. Henrique mandou levantar em Rastello uma igreja especialmente destinada aos actos religiosos dos navegantes «poendo-lhe nome Santa Maria de Bethlem» segundo diz a doação feita pelo Infante á ordem de Christo, «mandando isso mesmo, accrescenta o referido documento, fazer um cano e chafariz e fontes para uso da dita igreja, e pera os sobreditos que em tal ponto estiverem, e pera os que per ali forem, poderem aver agua.»

Desde esse tempo o nome de Rastello, a que um chronista carmelita¹ suppõe ingenuamente uma origem pouco verosimil, passou a ser geralmente conhecido pela designação de Belem.

Pela agua que ali tomassem, para seus navios, bestas e gados, não pagavam os marittimos, nem outras quaesquer pessoas, tributo algum.

¹ «Dizem, que o nome do sitio fôra *Estrella*, e que corrompendo-se pelo vulgo, veyo a ser pronunciado Restello.» Frei Joseph Pereira de S.^{ta} Anna.

Herculano escreve Restello, mas em João dé Barros e Gil Vicente encontra-se Rastello em vez de Restello, talvez por ser a pronuncia popular, que por isso mesmo seguimos.

Era uma piedosa instituição do Infante, que, em troca, apenas pedia um *Pater noster* pela salvação da sua alma.

Ora, no anno em que a expedição de Vasco da Gama partiu, a ermida de Nossa Senhora de Bethlem era já um pittoresco logar de romagem, porque estava rodeada por um pomar frondoso, que um muro cercava. Havia, dentro do muro, algumas casas, ainda incompletas, que deviam servir de dependencias ao pomar, e de abrigo aos romeiros. Fóra do muro, corria em abundância a agua de um chafariz e, como era natural que acontecesse, por ser aquella ermida muito frequentada, especialmente aos sabbados, estabeleceu-se uma loja de venda n'um predio pegado ao chafariz.

Não imagine o leitor que eu estou dispondo á minha vontade um scenario de pura phantasia.

No dia 26 de dezembro de 1498, justamente o anno a que a nossa narrativa remontou, o rei D. Manuel escambou com a ordem de Christo, pela judearia grande (Conceição velha), a ermida e terras de Santa Maria de Belem, que doou aos religiosos de S. Jeronymo.

Na carta de doação, diz D. Manuel: «orato-

rio e ermida de Nossa Senhora Santa Maria de Belem, com seu pumar, assy como hora está cercado de muro, e com casas que estam conjuntas ao dito pumar, que estam comessadas de fazer, e bem assy uma casa de morada, que está acerca do chafariz, na qual casa se hora fez venda, etc.»

No dia 8 de julho, um sabbado, de 1497, «toda a gente da cidade», diz Barros, foi assistir ao bota-fóra da expedição de Vasco da Gama. Não será pois de extranhar que, depois que as naus desapareceram da vista, uns continuassem ainda a lastimar os perigos a que os expedicionarios iam expor-se, e outros, mais azevieiros e menos devotos, fossem folgar na taberna contigua ao chafariz e beber algum saboroso clarete, preferivel á agua, posto custasse dinheiro.

Na occasião em que Grimanesa, por mostrar acatamento, talvez forçado, ao conselho de mestre Thomé Gonçalves, se dirigia á ermida, Gil Pato e outros rascões da sua igualha bebericavam alegremente na tasca de Belem, sem que os ralasse muito o receio de que a armada se perdesse ou de que Vasco da Gama não achasse a róta da India.

No seculo xv o povo, que já tinha revirado o dente a um rei, D. Fernando, e empurrado para o throno outro rei, D. João I, o povo, que já tinha collaborado inconscientemente com D. João II contra as prerogativas da nobresa, achou-se tão absorvido pelo poder real, pelo cezarismo triumphante, como a propria nobresa, que elle ajudára a reprimir.

Agora, com D. Manuel, a nobresa resurgia, e o povo, o eterno burlado, descia em importancia, tornava a ser a grande massa anonyma, sujeita, como um authomato, á vontade do soberano.

O novo rei já reunira côrtes, é certo, mas, n'essa phantasmagoria de representação nacional, só a vontade do monarcha prevalecia.

O povo fôra a Belem vêr partir a frota e, perante esse facto de um grande alcance politico, caso fosse coroado de bom exito, o povo, sem sentir uma vibração de patriotismo, apenas lastimava a sorte incerta dos marinheiros.

Mas Gil Pato, como outros muitos, nem isso fizera. Não tinha familia, não se importava com ninguem. D'onde viera este párea, este rufião, este *faia* do seculo xv? Da roda dos expostos, de um bêco que ficava perto do Rocio, á es-

querda da Bitesga. Era ahí a roda, o «hospital dos meninos engeitados.» Gil Pato viera de lá.

Fôra creado aos empurrões pela ribeira entre marujos e pescadores. Aprendêra, quasi sem dar por isso, o officio de carpinteiro; mas dispensava o officio quando podia haver dinheiro por outro qualquer modo.

Começara por chamar-se Gil, sem mais nada. E porque era o melhor nadador da ribeira, os outros rapazes, vendo-o quasi sempre dentro d'agua, pozeram-lhe a alcunha de *Pato*,—um appellido por comparação.

Para comprehender toda a grandesa d'esse vasto drama maritimo, sonhado pelo Infante durante as noites estrelladas da sua *Villa*, era preciso ter alma de marinheiro, como Thomé Gonçalves, ter nas veias o sangue d'esses audazes tripolantes dos barineis descobridores, que foram, a pouco e pouco, por entre desanimos e heroismos, rasgando a lenda do *Mar Tenebroso*.

E Thomé Gonçalves, como d'elle dissera João Bioz, era navegante de raça, maritimo de geração.

Seu pai fôra Antão Gonçalves, guarda-roupa do Infante; homem mancebo, como diz a chronica, a quem a honra mais obrigava do que a cubiça.

Dos seus secretos amores com uma formosa moça algarvia nascêra-lhe um filho natural, Thomé Gonçalves, que nunca legitimou para não confessar ao Infante uma aventura da mocidade, que muito desprazeria ao principe casto, virginal como *Amadiz*.

D. Henrique mandára o seu guarda-roupa com um pequeno navio, que devia voltar carregado da courama dos lobos marinhos, de que outro Gonçalves, Affonso de nome, havia trazido noticia ao Infante.

Antão partiu immediatamente e, não se contentando apenas com trazer a carga que lhe fôra incumbida, tratou de captivar alguns indigenas, que podesse apresentar a D. Henrique. N'esta empresa fôra auxiliado por Tristão da Cunha, que tinha partido de Portugal em outro navio.

Feitos dez captivos, não sem lucta de parte a parte, Antão Gonçalves recebeu dos seus companheiros de viagem a honra de ser armado cavalleiro, por mão de Tristão da Cunha, no porto dos lobos marinhos, que desde então ficou com o nome de *Porto do cavalleiro*.

O exito d'essa viagem immortalisava o nome de Antão Gonçalves, porque, comprovando

a existencia de uma população indigena na costa africana, inaugurava o trafico da escravatura, a caça ao selvagem, ao «alarve», em nome da salvação das almas, segundo as ideias do tempo.

Os captivos, chegados a Lagos, prometteram dar alguns negros da Guiné em seu resgate, «coisa que o Infante muito desejava, pelo que o vulgo fabulava d'aquellas terras.»

Antão Gonçalves tornou a Africa com os captivos para se effectuar a promettida permuta.

«A troco dos quaes—diz João de Barros—deram dez negros de terras differentes, e uma boa quantidade d'ouro em pó, que foi o primeiro que se n'estas partes resgatou: d'onde ficou a este logar por nome *Rio do ouro*: sendo sómente um esteiro d'agua salgada que entra pela terra obra de seis leguas. Houve-se mais em este resgate uma adarga de couro d'anta crú: e muitos ovos de ema: os quaes tornado Antão Gonçalves a este reino sem fazer mais outra coisa, foram apresentados á mesa do Infante tão frescos, que os estimou elle por a melhor iguaria do mundo.»

Antão Gonçalves voltou ainda mais vezes a Africa, luctou com o mar, com os indigenas, venceu homens e elementos, trouxe mais capti-

vos e mais ouro em pó, mas bastar-lhe-ia para gloria o ter sido elle o primeiro que deu ás expedições do Infante um resultado positivo de exploração colonial.

Thomé Gonçalves creara-se de pequeno na praia de Lagos entre a turba dos escravos que chegavam de Africa e dos marinheiros da carreira da Guiné alliciados a soldo para navegar por conta do syndicato de Lançarote.

Lembrava-se muito bem de ter visto o Infante, a cavallo, na praia, assistindo ao desembarque e partilha dos captivos, tinha presente, por ser já n'esse tempo um mocinho rapelho, a figura do principe, entroncado, hombros largos e fortes, rosado e branco, o cabello algum tanto crêspo, o aspecto grave, ás vezes temeroso.

Foi alli, em Lagos, que Thomé Gonçalves sentiu acordar a sua alma de marinheiro, que recebeu a primeira impressão da vida do mar, que salgou a sua alma, como elle dizia orgulhosamente, com a agua do oceano.

Quando D. Henrique morreu, em novembro de 1460, Thomé Gonçalves, com vinte e cinco annos de idade, era já um navegante considerado na carreira da Guiné, que a protecção indirecta do pai lhe tinha facilitado.

E agora, em 1498, sexagenario, doente, paralytico, porque o torpor das pernas augmentára desde o anno anterior, não podendo sahir de casa para ir á ribeira contemplar o Tejo, elle era ainda como que a personificação veneranda d'esse Portugal maritimo, navegador, que o Infante creara, e parecia mais do que nunca um propheta, um oraculo, o patriarcha de uma tribu gloriosa, quando, sentado na sua cadeira, contava historias do mar, successos de Africa, segredos da navegação aos mancebos do officio que o iam visitar n'uma romagem de classe.

V

Como Pilatos no Credo

Na casa do Painel do Anjo estabelecera-se, pois, uma especie de club naval desde que Thomé Gonçalves já não podia sahir.

Os velhos iam matar saudades com elle, remembering historias do seu tempo ; os novos, atraidos pelo exemplo dos velhos, gostavam de ouvir a palavra d'esse antigo «lobo do mar», cuja reminiscencia, muito lucida, parecia refinar com a inactividade.

Dir-se-hia, porém, que mestre Thomé Gonçalves, como se tivesse o proposito de «fazer escola», de fanatisar os moços pelas tradições nauticas do Infante, de que elle era ainda um *ecco vivo*, preferia ser escutado pela mocidade,

que o ouvia absorvida, enthusiasmando-se mais facilmente com o ardor proprio do sangue novo.

Entre os grumetes que concorriam á casa do Painel do Anjo havia tres que se mostravam cegamente dedicados a mestre Thomé. Eram os mais queridos d'elle; poderíamos dizer — os seus discipulos amados. Chamavam-se João de Thomar, que o leitor já conhece, Vasco Fernão e Pero Ayres.

— Não ha vida como a nossa, dizia-lhes mestre Thomé, para bem servir a Deus e a el-rei, porque ao mesmo tempo dilatamos a fé e o imperio, trazendo muitas almas á verdadeira crença e novos vassallos ao serviço de sua alteza. Ninguem vê Deus melhor do que nós, salvo os que são santos e virtuosos como frei Fernando do Cadaval, porque, mettidos entre ceu e mar, não temos mais que vêr senão a grandesa dos elementos, que cantam a gloria do Creador. Até para bem do espirital, para salvação das nossas almas, é boa nossa profissão. Ninguem mais do que nós ama a patria, porque ninguem a estima com mais saudade do que os navegantes que a perdem de vista. E não ha nada que satisfaça tanto o coração do homem como o descobrir mundo, vêr gentes di-

versas, vencer perigos, conhecer costumes novos... Sabeis porquê?

— Vós o direis, mestre Thomé.

— Porque o homem, á medida que vai correndo mundo, parece que cresce tanto como a terra ou como o mar que tem diante dos olhos, alarga-se em si mesmo, centuplica-se. E quando vence perigos, sente-se mais forte, maior, é como se fosse um gigante, um colosso, que excede toda a medida humanal. Por isso já vem de traz a paixão de devassar os segredos do mar oceano, e até se conta que, no tempo em que Lisboa era dos moiros, já oito d'elles, na frol dos annos, tinham filhado o trabalho de empregar grandes empresas de navegação:

— Os moiros? mestre Thomé!

— Sim, os moiros, que sempre tiveram audacia para navegar, como vós bem sabeis por terdes visto esses atrevidos cossarios, que tantas vezes ños accommettem na carreira da Guiné e que não se arreceiam de entrar no Tejo como aves de rapina. Na sua Lisboa d'elles, no tempo que a possuíam, havia uma rua chamada dos Almaghrurin, que queria dizer aventureiros ou errabundos. Ah! filhos! quem é velho sabe muitas historias! Era a rua dos navegantes, dos

piratas, dos aventureiros do mar. D'elles se conta, pois, que oito moços, todos primos uns dos outros, abalaram de Lisboa um dia, em sua galé, e approaram ao *Mar Tenebroso*.

— Voltariam, mestre Thomé ?

— Qual ! Lá concedia o verdadeiro Deus essa gloria a sectarios de Mafamede ! Quem voltou foram os marinheiros do Infante christão, foi Gil Eannes, foi meu pai, que Deus haja, foi Barthalameu Dias, foram todos os que arvoraram em suas naus a santa bandeira de Christo, e tinham coração ouzado como todos os portu-guezes.

— Mas Christovão Colom, mestre Thomé, era genovez de nação, e voltou do ponente . . .

— Sim, voltou, que o vimos nós todos aqui, n'esta nossa Lisbõa, ha tres annos, muito ufano de seu descobrimento. Primeiro o tinha visto eu do que vós, trinta annos haverá, quando elle, como tantõs outros estrangeiros que entendiam coisas maritimas, aqui veio para a companhia de seu irmão Barthalameu, que pintava cartas de navegar. D'aqui fez suas viagens de experiencia tanto á parte do sul como á do norte, e lástima foi que el-rei D. João II, que Deus haja, lhe não desse os navios que pedia para ir á des-

coberta de terra pelo mar occidental. Mas como Colom era homem fallador e glorioso de suas habilidades, pareceram phantasticas, apenas fundadas em imaginação, as coisas que elle, que lia por Marco Paulo, contava da ilha de Cypango, arrumada ao ponente. El-rei D. João II, por ser dotado de grande prudencia, o não espediu logo sem primeiro ouvir o bispo de Cepta, mestre Rodrigo e mestre Joseph, que eram do seu conselho de marinharia. E todos elles houveram por vaidade as palavras de Colom, que se foi para Castella, onde el-rei D. Fernando o não teria attendido `nunca se não se mettessem de per meio pessoas de qualidade, a rainha D. Isabel principalmente. Assim conseguiu Colom que lhe fossem armadas tres caravellas com que navegou para occidente, e chegou a S. Salvador ou Guanabani, como elle galrejava ahi por essas ruas de Lisboa, affrontando el-rei D. João II, que d'isso não tomou agravo, antes lhe fez muita mercê. Agora lá anda Colom navegando pela terceira vez, dizem que á procura de terra firme. Mas descubra o que descobrir, depois do tratado de Tordesilhas, que ha quatro annos se assentou, já não pode haver mais mundo que o oriental para os portuguezes e o occidental

para os castelhanos. Agora, respondendo ao vosso reparo, sempre vos quero dizer que o almirante Colom, apesar de genôvez, deve a Portugal e aos portuguezes a principal gloria de seus descobrimentos.

— Como assim ?!

— Pois, filhos, para oêste tinha navegado Gonçalo Velho Cabral quando descobriu as primeiras ilhas empoadas por grandes nuvens de açores, Santa Maria e S. Miguel¹. Aos Açores tinham ido dar, boiando de oêste, troncos de arvore, grandes madeiros, plantas e até cadáveres de uma raça desconhecida, que davam indicios de haver terra por descobrir a ponente do mar oceano. Colom casou com mulher portugueza, entre portuguezes viveu na Madeira, alli affluíam negociantes e pilotos, que de infimdos portos da Europa vão ao tracto do assucar, e que Colom, com o seu grande amor pelas coisas do mar, certamente consultaria e ouviria. De modo que, meus filhos, essas praticas, que os homens sages abonavam dizendo que a terra era redonda, fariam nascer em Colom a

¹ Não era propriamente o açor, mas a ave de rapina chamada *falco-buteo*.

idéa de poder chegar ao oriente pelo rumo de oéste. D'aqui podeis vêr que foi na Madeira e em Lisboa, para onde Colom veiu residir depois, que elle filhou a crença de que, navegando á parte occidental, acharia terras novas.

—E já vos ouvi eu dizer um dia, observou Pero Ayres, que de um piloto portuguez, que na Madeira morreu em casa de Colom, recebeu elle noticias e cartas maritimas das terras occidentaes.

—Assim corre. Outros dizem que de seu sogro, Barthalameu Perestrello, capitão donatario do Porto Santo, herdara papeis de grande valia para a navegação de oéste.

—E uma vez me fallastes vós, observou Vasco Fernão, de que soava tambem que João Vaz Corte-Real, pai d'esse moço Gaspar, que anda na casa de sua alteza e que tamanha scisma tem de chegar á India navegando pelo septemtrião, havia descoberto uma ilha occidental tomando o rumo do norte.

Thomé Gonçalves sorriu, e respondeu:

—Ouvi isso, dois annos haverá, a um grumete da Terceira, um dia, nas alturas de Arguim. Fazia calma, e praticavamos uns com os outros sobre a grandeza da terra descoberta e

por descobrir. Então esse grumete nos disse que pouco antes fallecera em Angra João Vaz Corte-Real, fidalgo de nascimento, e porteiro-mór do infante D. Fernando, o qual João Vaz, sendo moço, andou no mar com navios a corso e tinha chegado a uma ilha occidental, a que pozera o nome de Terra dos Bacalhaus. Linda historia a d'esse fidalgo aventureiro! que, segundo tambem o grumete contou, roubara em Tuy, por aventura de amor, a mais formosa dama que em Galliza se tinha creado, e que se chamava...

Aqui falhou a memoria de Thomé Gonçalves.

— Pai! disse a voz maviosa de Helena, que estava lavrando (bordando) junto á adufa.

— Filha!

— Já contastes uma vez que havia nome Maria de Abarca.

— Ah! sim! Como era historia galante, não te esqueceu o nome da dama! accrescentou Thomé Gonçalves sorrindo.

As faces de Helena carminaram-se de pejo.

— Filhos! proseguiu serenamente mestre Thomé, o almirante Colom achou uma ilha a ponente do mar oceano, e d'esse descobrimento

muito se ufana Castella, mas eu creio piamente que recebeu de navegantes portuguezes as cartas e noticias que a elle o guiaram n'essa róta, que camanha celeuma tem levantado. Sim, filhos, creio piamente que os portuguezes, assim como foram navegando para o sul pela costa da Ethiopia, primeiro do que Colom teriam navegado para occidente talvez pela banda do norte¹.

— Muitas e interessantes historias sabeis, mestre Thomé! disse João de Thomar, como interprete da admiração de todo esse pequeno auditorio de maritimos.

— Triste saber o da velhice! exclamou, suspirando, Thomé Gonçalves.

— Affonso Ribeiro, que não é da nossa pro-

¹ As palavras de mestre Thomé Gonçalves podem abonar-se com as modernas affirmações da sciencia, que mais do que nunca se mostra empenhada em fazer inteira luz sobre a historia do descobrimento da America.

O professor Yule Oldham, da Universidade de Cambridge, leu recentemente á sociedade de geographia de Londres uma memoria em que procurou demonstrar que a America fôra descoberta por navegadores portuguezes antes de Christovão Colombo.

Para basear as suas affirmações, o professor Oldham serviu-se de uma carta publicada em 1448, em Londres,

fissão, continuou João de Thomar, diz que principalmente vos inveja o terdes conhecido de perto tantos e tão grandes homens como o Infante, Christovão Colom, Martim de Bohemia.

—Sim, Affonso Ribeiro, como não é navegante, não me inveja tanto as viagens, como o conhecer pessoas de quem a fama soa. Martim de Bohemia, que ora vive retirado no Fayal, cá esteve em Lisboa no tempo d'elrei que falleceu, e achou, com mestre Joseph e mestre Rodrigo, a nova maneira de navegar pela altura do sol. Vós bem sabeis que além do astrolabio de madeira, o qual é preciso armar sobre tres paus á maneira de cabrea para melhor segurar a linha solar, já Vasco da Gama levou agora

por André Bianchio, capitão de uma das galés da republica de Veneza.

Esta carta, indicando os descobrimentos feitos pelos portuguezes para além de Cabo Verde, menciona uma ilha, 1.500 milhas a oéste, sobre a qual fôra arrojado um navio portuguez em 1447.

Ora esta noticia do professor inglez faz sentido com a informação insuspeita de Las Casas (insuspeita, por ser hespanhol, contemporaneo e amigo de Colombo), o qual em 1502 teve em seu poder cartas, que ao proprio Colombo pertenceram, com as indicações que sobre as terras occidentaes os pilotos portuguezes haviam colhido.

na frota outros astrolabios de latão mais pequenos, que pendurados conservam sua posição, sem que lhes empeça o arfar do navio. Pois Martim de Bohemia aprendeu esta novidade com seu mestre Joanne de Monte Regio, e, com os dois medicos d'el-rei que Deus haja, fez as taboadas de que nos servimos para observar a declinação. No tempo do Infante não se podia perder a vista da costa, nem engolphar-se uma pessoa no pego do mar, sem muito perigo, porque perdia a altura em que estava. Mas desde que el-rei D. João II mandou intender n'este negocio, já homem pode navegar a descoberto. Que eu estou muito certo de que um moiro velho me disse uma vez, no Algarve, que os da sua raça usavam antigamente um instrumento, com que de noite podiam conhecer as horas pela observação das estrellas, assim como nós, usando do astrolabio e das taboadas, podêmos tomar em dia claro a altura do sol. E eu acreditei-o, porque os moiros nasceram para as coisas do mar. Ora, comtudo, Martim de Bohemia aperfeiçoou isto cá, e mais apuradamente o deixou, é certo.

Thomé Gonçalves punha assim em duvida a affirmação que Camões havia de fazer mais tar-

de, quando assignalou ao astrolabio uma origem recente :

Pelo novo instrumento do astrolabio,
Invenção de subtil juizo, e sabio.

Era que o poeta queria porventura referir-se ao astrolabio de metal, inventado por Monte Regio e introduzido em Portugal por Martim de Bohemia, o qual astrolabio, como Thomé Gonçalves dissera, conservava, suspenso, a posição vertical.

— Desde que Martim de Bohemia, continuou mestre Thomé, foi á Allemanha por ordem d'el-rei D. João II (e grandes trabalhos padeceu elle n'essa viagem, por mofina de cahir em poder dos cossarios) nunca mais o tornei a vêr, porque logo depois da morte de sua alteza se insulou no Fayal, e não sei se voltará a Lisboa. Mas que volte ! já o não poderei vêr, porque as pernas me tohem o andar . . .

Thomé Gonçalves descahiu, de repente, em profunda tristeza.

João de Thomar, para afastar do espirito do mestre essa subita nuvem de melancolia, procurou variar o assumpto :

—Pois, mestre, á noite, quando viermos a jogar os naipes, diremos a Affonso Ribeiro que elle, que nunca embarcou, não tem nada que vêr com historias de navegadores e da arte de navegação.

Thomé Gonçalves sorriu, porque comprehendeu a delicada allusão de João de Thomar aos amores de Affonso Ribeiro com Helena.

A moça córou, e mergulhou ainda mais a cabeça no bordado.

Effectivamente, Affonso Ribeiro não fallava coisas do mar e não mostrava dar-lhes attenção senão para lisonjear Thomé Gonçalves.

O que o attraía á casa do Painel do Anjo não era essa especie de club naval, cujos assumptos tanto interessavam os maritimos que o frequentavam. Quem lá o chamava e prendia era Helena, que elle amava.

Mestre Thomé preferiria ter como genro um maritimo, mas a filha amava Affonso Ribeiro e elle não queria contrarial-a, tanto mais que frei Fernando do Cadaval, consultado sobre o caso, dissera que todo o homem honesto dava um excellente marido.

E como Thomé Gonçalves replicasse a frei Fernando que nem só Affonso Ribeiro era ho-

nesto, e que os navegantes, por viverem mais em contacto com Deus, tinham mais pura alma do que os outros homens, frei Fernando do Cadaval replicou com um argumento fulminante:

— Mas os navegantes, compadre Thomé, são como as gaivotas, que só pousam em terra de fugida. Abandonam sua casa e familia por longo tempo, desamparam sua mulher e filhos, e quando se fazem na volta do reino, grandes e tristes novas encontram ás vezes. Bem sabeis como em retorno da Guiné viestes cá achar vossa casa cheia de dó, vossa mulher fallecida sobre parto, e a vossa recém-nascida Helena entregue a um pobre frade dominico, que fôra chamado para confessar uma parturiente moribunda e que, se não estivera tão costumado a entender as divinas galanterias do Menino Jesus, mal se poderia ter havido com essa linda e mimosa creaturinha, que a Providencia lhe pozera nos braços.

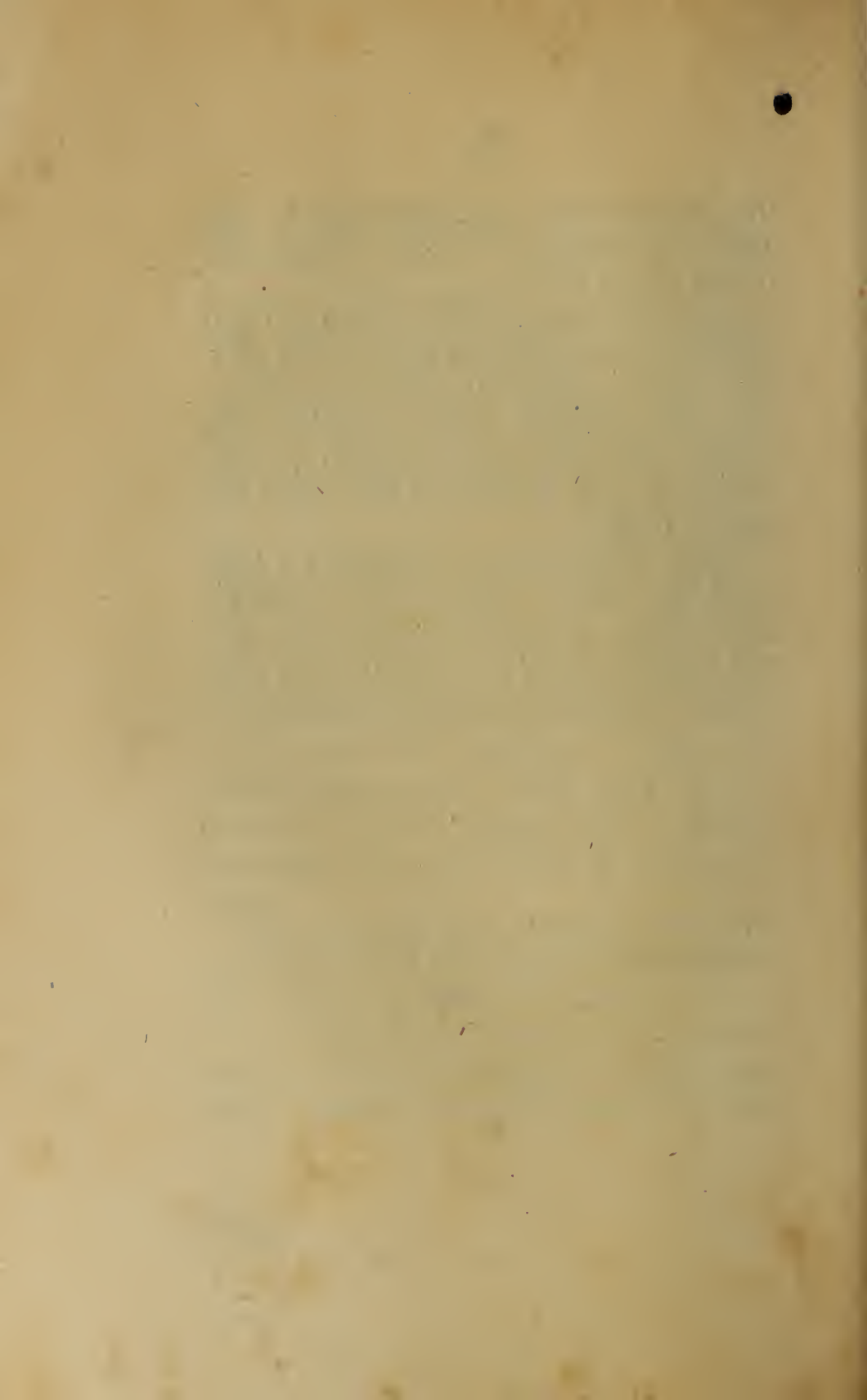
Thomé Gonçalves ficou embuchado com este argumento, que se auctorisava na lição de factos cuja memoria elle não podia esquecer.

Desde essa hora não pensou mais em contrariar a inclinação de Helena para um homem, que não pertencia á classe dos navegantes, mas

que, segundo diziam pessoas honradas, D. João Tello principalmente, era moço honesto, sem macula na sua vida.

Attendendo a que Affonso Ribeiro não era homem do mar, posto que, para lisonjear Thomé Gonçalves, procurasse mostrar-se interessado pelos assumptos nauticos, dizia-lhe, chalaçando, o seu amigo João de Thomar que elle entrava na casa do Painel do Anjo «como Pilatos no *Credo*».

Affonso Ribeiro sorria, e confessava a João de Thomar que, as mais das vezes, contemplando Helena ou sentindo-a perto de si, embora não olhasse para ella, não sabia nem queria saber o que os outros estavam dizendo.



VI

Menina e moça

Conhecemos a vida do pai; resta-nos agora fallar da filha um pouco mais detidamente.

O frade dominico a quem frei Fernando do Cadaval alludira, quando se referiu ao nascimento de Helena, era elle mesmo. Portanto, precisamos tambem conhecer a historia d'esse virtuoso frade, que primeiro recebera nos braços a filha de Thomé Gonçalves, que a levára á pia do baptismo, e que desveladamente a agasalhára emquanto o pai não tornou da carreira da Guiné.

Frei Fernando é como se fosse pessoa de familia na casa do Painel do Anjo, tanto ficou estimando Helena desde recém-nascida e tamanina.

Já sabemos que a ermida de Nossa Senhora da Purificação, da Corredoiira ou *da Escada*, como vulgarmente se dizia, ficava na frente oriental do Rocio, junto ao convento de S. Domingos ¹.

Frei Luiz de Sousa faz, n'um capitulo da chronica dominicana, a historia d'este templosinho, tão antigo, que muitos suppunham ser a primeira casa que na cidade se edificou a Nossa Senhora depois de vencidos os moiros.

«É contigua, diz a chronica, ao corpo da egreja d'este convento, e quasi como parte, ou capella d'ella da banda do evangelho a ermida que o povo chama de Nossa Senhora da Escada (sendo seu proprio e antigo titulo da Purificação) por ser casa de sobrado e se subir a ella por muitos degraus de uma escada de pedra que cahe no adro e circuito que antigamente tomava a alpendorada que ficava deante d'ella e da porta principal da egreja. A fôrma do edificio é estar assentada sobre firmes abobadas de tres ou quatro capellas, que têm seus arcos e serviço

¹ «... no sitio exacto onde é hoje um predio, com um confeiteiro em baixo, na esquina do largo para a travessa nova de S. Domingos». *Lisboã antiga*, tom. iv.

no andar da egreja, e abrir sobre ellas uma grande janella rasgada e tão alta que fica sendo tribuna mui commoda para toda a egreja, de frente das capellas de Jesus, e do Rozario».

Mal pensaria o leitor, ao entrar hoje na travessa de S. Domingos pelo Rocio, que n'aquella volta, de tamanho transito actualmente, houve outr'ora um templo que era devotamente visitado pelos reis e pelo povo em piedosas romagens.

D'alli sahia annualmente, no primeiro de maio, uma procissão que foi creada com o fim de transformar a gentilica festa das *maidias* n'uma solemnidade christã, procissão que, depois de acceita e enraisada nos costumes, se transferiu para o dia dois de fevereiro e se chamava das *candeas*.

Á ermida de Nossa Senhora da Escada prendiam-se muitas e felizes memorias da independencia da patria.

Nun'Alvares alli se dirigira logo que da margem esquerda do Tejo podera passar a Lisboa no tempo da guerra com os castelhanos; D. João I, enfermando em Alcochete, e sentindo avisinhar-se a morte, veio encommendar sua alma e seu reino a Nossa Senhora da Escada, preparando-se para bem morrer.

El-rei D. Duarte continuou a devoção de seu pai: mandou accrescentar a ermida. O infante D. Fernando, antes de partir para a infeliz expedição de Tanger, alli se confessou e comungou. Affonso V não embarcou para as expedições africanas sem primeiro ir ouvir missa na ermida do Rocio.

Ora frei Fernando do Cadaval, no anno em que Helena Gonçalves nasceu, era capellão ou, segundo o dizer do tempo, sachristão de Nossa Senhora da Escada,—cargo honrosissimo, que se dava como premio a frades velhos e de virtude qualificada.

Frei Luiz de Sousa biographa o seu virtuoso confrade chamando-lhe «bom velho muito pio e singelo, que tinha bem servido a ordem sendo muitos annos mestre de noviços no convento, e alguns superior».

Nunca a ermida da Escada, com haver tido capellães de notoria virtude, fôra servida com tão encantadora devoção e amavel piedade como no tempo de frei Fernando.

O velho dominico tratava o lindo menino Jesus, que a Virgem tinha nos braços, como o mais extremoso avô poderia tratar um neto adorado.

Quando pela manhã abria a porta da ermi-

da, dirigia-se primeiro a Nossa Senhora, invocando a sua protecção para aquelle dia. Depois quedava-se a olhar, a sorrir, a fallar para o Menino. E como se em verdade estivesse dialogando com uma creança, pedia-lhe que deixando por um momento os braços da Mãe, passasse aos seus, e, para o attrair, mostrava-lhe as flores, rosas, cravos, violetas, jasmims de que, segundo as estações, vinha munido para louçainha do altar.

Dir-se-ia que o pequenino Jesus, entendendo a simplicidade devota do frade, lhe correspondia com infantis galanterias.

Alguns dominicanos affirmavam que uma vez por outra, ao abrir-se de manhã a porta da ermida, o Menino, como se preparasse uma graciosa surpresa ao sachristão, apparecia sentado no meio do altar sobre a pedra de ara.

Frei Fernando colhia-o ternamente nos braços, acalentava-o como ama, compunha-lhe as vestes, acariciava-lhe os cabellos, beijava-lhe os chapins, passeiava-o cantando e, chorando e sorrindo, sorrindo e chorando, ia, tremulo e trôpego, depol-o nos braços da Virgem, como uma consciencia honesta restitue um thesouro a seu dono.

A imagem de Nossa Senhora estava dentro de um nicho alto, mas tão solidamente collocada, que, segundo o geral testemunho, não era facil admittir que o Menino cahisse sobre o altar tantas e tão repetidas vezes. Sobretudo, o maior espanto fundava-se na insistencia da posição que o Menino tomava, assentando-se a meio do altar sobre a pedra de ara.

De noite ninguem entrava á capella, porque o frade, cioso do seu cargo, dormia com as chaves á cabeceira do leito. De modo que o acontecimento, por frequente e sobrenatural, tivera fama em Lisboa, e muita gente quiz ir desenganar-se por seus proprios olhos.

Frei Fernando, que para restituir Jesus aos braços da Mãe tinha que subir-se ao altar com penoso trabalho, como que se arrependeu de haver desafiado o Menino áquelle continuado brinquedo.

E chorou, pedindo com lagrimas á Senhora que não deixasse descer o Filho, porque o re-pol-o no seu logar era canceira aturada com que já mal podia, por exceder suas forças e falta de firmesa nos passos.

D'alli em deante, o Menino não tornou a descer, mas o chapeusinho com que cobria a loira

cabeça apparecia pela manbã sobre a pedra de ara, como se para alli houvesse sido arrojado pela mão do Divino Jesus, que, sem querer desobedecer á Mãe, teimava em folgar com o velho.

Frei Fernando não tinha menor trabalho para ir levar o sombreiro ao Menino do que aquelle a que anteriormente era obrigado para ir repor o proprio Menino nos braços maternos.

Por isso tornou a chorar, a queixar-se á Senhora, pedindo-lhe que lembrasse a Jesus que elle ia estaúdo cada vez mais velho e entorpecido.

O seu requerimento teve prompto despacho, o chapéu não mais cahiu, mas, ao abrir-se pela manhã a porta, a alampada, que devia arder de dia e de noite, apparecia apagada.

Repetiu-se o factó muitas vezes e frei Fernando, não podendo explical-o, porque «o tempo estava quieto, a casa bem fechada, o azeite limpo», dirigiu-se ao Menino a supplicar-lhe que tivesse dó da sua velhice, e que olhasse de noite pela alampada, que não consentisse a irreverencia de ficar o templo ás escuras, o que a elle, que tinha a seu cargo a guarda da ermida, lhe dava pesar, e trabalho para reaccender a luz.

Como, porém, d'esta vez não fosse tão promptamente attendido, frei Fernando reprehendeu amoravelmente o Menino, pediu-lhe conta do descuido em coisa que tanto lhe recommendára, lastimou-se, como um avô que se mostra amuado com o neto para vencer-lhe a vontade.

Arrastando-se a passos vagarosos, dando ais profundos, foi buscar a escada a que trepava para accender a alampada, mas, quando voltou, mais carregado do que podia, já a luz estava accêsa, e esperta.

— Meu rico Menino, que tanto zombaes do frade velho! exclamou frei Fernando, compadecei-vos de mim, minha joia, minha estrellá, meu sol, que já não posso andar n'estas galanterias que me fazeis, obrigando-me a subir e descer, a trazer e levar a escada, a accender a alampada que se apaga, e que reaparece accêsa quando venho para temperal-a de novo.

E, como se o Menino se compenetrasse das razões do frade, nunca mais se apagou a luz da ermida.

Espalhou-se por toda Lisboa a fama d'estes maravilhosos acontecimentos, que recommendaram á devoção do publico o virtuoso sachristão da Senhora da Escada.

A opinião publica qualificava-o de santo. Os seus proprios confrades não contrariavam a voz do povo, porque uns julgavam frei Fernando do Cadaval agraciado com extranhos favores do ceu, e outros, mais cautelosos no julgamento, não deixavam comtudo de admirar sua simplicidade e candidez de pomba.

Por isso, muito estimou a escrava negra da casa do Painel do Anjo a coincidencia de encontrar frei Fernando n'aquella manhã de agosto em que, afflicta, sahiu á procura de um frade de S. Domingos que fosse confessar sua ama em artigos de morte.

Elle vinha já da ermida, de ter estado em amoroso colloquio com o seu querido Menino Jesus, que n'esse dia, segundo o frade entendeu, o tinha despedido mais cedo do que o costume.

E, na innocencia do seu coração, o frade sahira um pouco amuado, porque o lindo Jesus não lhe dera pretextto para ralhos de terna rabugem, não descêra a sentar-se sobre a pedra de ara, nem arremessára lá de cima o sombreirinho.

A tempo que frei Fernando chegava ao ultimo degrau da escada, a escrava avistou-o, e correu para elle.

Disse-lhe ao que ia.

O frade ainda perguntou, por não ter grande confiança na rijesa das pernas :

— É muito longe ?

— *Nó siór.*

— Vamos lá com Deus.

— *Santo bicéto nomen tu*, accrescentou a escrava na sua macarronêa devota.

Quando frei Fernando entrou na casa do Painel do Anjo, encontrou moribunda a mulher de Thomé Gonçalves e, a seu lado, no leito, uma creança recém-nascida, envolta em panninhos tépidos, que a preta tinha procurado aquecer com o seu proprio halito.

Já não pôde ouvir de confissão a doente, que se escoava n'um fluxo de sangue, mas lançou-lhe a benção, segurou-lhe na mão uma candea e rezou-lhe as orações da agonia.

Poucos momentos depois, a puérpera falleceu. Elle cerrou-lhe os olhos caridosamente, enrou-pou melhor a creancinha, aqueceu-a conchegando-a ao peito, e pela escrava mandou recado ao seu convento para chamar um irmão leigo que se encarregasse do mortorio.

Emquanto a negra foi e voltou, frei Fernando, embalando nos braços a recém-nascida, con-

templando, carinhoso, aquella pequenina creatura que alli estava sem mais protecção que a de um velho frade, a si mesmo explicou a extranha seccura com que o Menino Jesus pareceu tel-o despedido n'aquelle dia.

— O meu divino Jesus, pensava o dominico, mandava-me em boa hora para que viesse acudir a este désamparado innocentinho. Pois hei de fazer-lhe a vontade, velar por elle, querer-lhe com tanto amor como se o proprio Menino m'o tivesse posto nos braços, que o mesmo foi, segundo entendi.

Frei Fernando deu-se pressa em baptisar a creança. Foi á calenda vêr de que santo rezava a Igreja n'aquelle dia: verificou que era a festa de santa Helena.

— Bem está! disse elle. Porei a esta menina o nome da virtuosa mãe do grande imperador Constantino, d'aquelle devota matrona que tanto honrou as cinzas de Nosso Senhor Jesus Christo.

E entregando a creança á escrava, para que com ella o seguisse, foi solicitar que lh'a baptisassem, pondo elle mesmo a mão como padrinho.

Desde esse dia até que mestre Thomé Gon-

çalves regressou da viagem em que andava, frei Fernando do Cadaval repartiu todos os seus cuidados entre a ermida e a afilhada.

Ao Menino Jesus levava noticias da pequenina Helena, dizendo-lhe que estivesse certo de que a saberia tratar com amor, como parecia haver-lh'o recommendado quando n'aquelle dia o despediu. Á pequenina Helena, sempre que a tomava nos braços, contava, como se ella o podesse entender, que o Menino Jesus folgava muito de vel-a estimada, dizia-lhe que se durante a noite a escrava fosse para ella menos carinhosa, logo pela manhã lh'o relatasse, que elle reprehenderia severamente a escrava.

Thomé Gonçalves teve grande magua de perder a querida companheira do seu lar conjugal, lastimava-se de que Deus lhe houvesse mostrado a felicidade domestica para tirar-lh'a um anno depois do casamento.

Frei Fernando procurava chamal-o á resignação, ao respeito pelos secretos designios da Providencia. Para o consolar, mostrava-lhe a filha pequenina, que era um rosa de innocencia e formosura em que a saudade pela mãe devia ao mesmo tempo reverdecer e mitigar-se.

E para Thomé Gonçalves houve desde aquella

hora em que chegou duas pessoas mais que todas queridas n'este mundo: a filha e o frade.

— Vós sois, dizia elle ao dominico, o pai espiritual da minha filha, o seu segundo pai, por vontade de Deus Nosso Senhor.

— Assim o entendi, mestre Thomé.

— Pois tende paciencia, que por ella haveis de olhar tanto como eu, e ainda mais do que eu, na minha ausencia, porque sou um homem do mar, não tenho outra vida, não posso apegar em terra, ando ao tracto da Guiné, sou tanto da minha nau como da minha casa.

— Emquanto Deus me dêr vida e saude, da melhor vontade o farei, mas estou velho, muito velho, mestre Thomé, não posso contar com o dia de amanhã, conto apenas com a misericordia divina para minhas faltas e delictos.

— Delictos, vós! Haveis de viver, que o vosso Menino Jesus o ha de permittir para amparo de uma filha que perdeu sua mãe, e de quem, na forçada ausencia de seu pai, sois a única familia.

De feito, a vida de Frei Fernando foi-se prolongando até provecta idade. Morreu, muitos annos depois, com mais de um seculo, tão velhinho, que as allucinações de piedosa demencia senil eram diarias e constantes.

Sempre que ia deitar-se, cuidava vêr dentro do catre o demonio em pessoa, que vinha a tentá-lo.

E açoitando-o com a ponta da corrêa, conjurava-o dizendo:

— Não vos tenho eu avisado, Dom previso, que me não entreis n'esta cella? Sus, levantar d'ahi muito nas más horas, que essa cama é muito estreita para dois. Quanto mais que não acceito tão ruim companhia.

A filha de Thomé Gonçalves foi educada pelo frade na lição das coisas santas, n'uma grande pureza e innocencia de costumes, que elle cultivava com o seu conselho e estímulo a repetidos actos de devoção.

Mestre Thomé, religioso como todo o homem do mar, acompanhava a filha, sempre que estava em terra, ás festas, romagens e procissões, que tão frequentes eram na Lisboa d'aquelle tempo.

O frade sentia-se feliz por vêr que a familia do Painel do Anjo, pai e filha, vivia na crença de Deus e na esperança de salvação eterna.

VII

Paschoa florida e corações em flor

Nos primeiros seculos da monarchia portugueza, a victoria das nossas armas era a victoria da fé christã e da cruz.

Quando Affonso Henriques tomava Lisboa aos mouros, triumphava em nome da religião do Crucificado, e vencia por ella: era, portanto, na edificação de um novo templo, S. Vicente de Fóra, que o vencedor perpetuava a memoria do seu feito, dando a Deus o que era de Deus.

Quando, no tempo do Mestre d'Aviz, a independencia da patria se firmava a golpes de espada no ardor da peleja, o principe vencedor fundava a Batalha e o seu condestavel, em Aljubarrota ou Valverde, segundo as indecisões da lenda, fazia o voto de que veiu a nascer o convento do Carmo de Lisboa.

Assim foi que a cruz de Christo abraçada com a espada dos vencedores constituiu o symbolo da nossa nacionalidade, nascida e renascida, e que as pedras de muitos templos foram, n'essas felizes idades, os primeiros monumentos da gloria da patria.

Esta dupla ideia, este complexo significado de fé religiosa e fé politica, accentuava-se principalmente, dentro da Lisboa manuelina, no convento do Monte do Carmo, fundado por Nun'Alvares, porque o grande condestavel fôra guerreiro antes de ser monge, cingira uma cota de armas antes de envergar o habito de carmelita, votara a Deus os louros com que enramara a frente combatendo pelo rei e pelo reino.

Por isso mesmo não havia em Lisboa santo de maior devoção que o glorioso fundador do convento do Carmo, o *Conde Santo* como se dizia, o famoso D. Nuno, que o povo desde logo canonisara sem querer esperar pelas bullas de Roma.

S. Vicente era o padroeiro de Lisboa, a sua imagem figurava na bandeira da cidade, e a sua festa era uma homenagem annual do municipio, symbolisada n'uma capella de flores que

a vereação ia, solemnemente, depôr no altar do padroeiro.

Santo Antonio era um santo lisboeta, uma gloria domestica, que, por isso mesmo, e pela fama dos seus milagres, se consolidara na devoção popular.

Quando lhe pediam que deparasse o perdido, crença que no tempo de D. Manuel era já secularmente tradicional, porque o noticia Gil Vicente:

A Santo Antonio rogo eu
Que nunca m'ó cá depare,

os seus patricios fallavam-lhe com a confiança com que se falla a uma pessoa de casa,—confiança tanto mais notavel quanto era certo que saltava a olhos fechados por cima do proverbio que diz—santos de casa não fazem milagres,

Mas o condestavel era maior santo que os outros dois, porque não era só de Lisboa, seu padroeiro como S. Vicente, seu filho como Santo Antonio,—personificava a ideia da patria, o amor da independencia, a victoria sobre os castelhanos, a tradição gloriosa da dynastia d'Aviz, obra do povo, conquista da arraya miuda.

Logo após a morte de D. Nuno, a sua ima-

gem, reproduzida em registos, principia a correr de mão em mão; modelada em cera, é adorada nos altares dos templos e nos oratorios particulares. O povo vai buscar á igreja do Carmo terra da sepultura do *Conde Santo* para curar enfermidades malignas; leva offerendas, donativos que depõe piedosamente sobre a campa raza allumiada pela alampada de prata, com que, em cumprimento de uma promessa, o rei D. Duarte honrara o culto do condestavel.

As festas, meio profanas e meio religiosas, que traduzem ao mesmo passo a crença devota e o orgulho nacional, as romarias, as peregrinações populares repetem-se muitas vezes, em periodos certos, durante o anno: no 1.º de novembro, anniversario do transito do condestavel, na primeira oitava da Paschoa, na segunda do Espirito Santo, no dia de S. João, e a 15 de agosto, pela Assumpção da Senhora.

Todas estas peregrinações e romagens, especie de *cirios*, em que na Paschoa vinham as mulheres e mesteiraes da cidade, no Espirito Santo os moradores do Rastello, no S. João os de Sacavem, em agosto os de Almada, dura-

ram até á occupação dos Filippes, e então se suspenderam, não só porque seria arriscado festejar o condestavel em affronta aos castelhanos, mas tambem porque os carmelitas, por tradição patriótica da casa, eram suspeitos ao governo intruso como affeioados ao Prior do Crato.

Restabeleceu-se com D. João IV a independencia do reino, mas a devoção popular ao *Conde Santo* perdera-se durante o interregno, o condestavel fôra esquecendo: Portugal, embrutecido por sessenta annos de servilismo, principiara a declinar, a cahir.

Nós, porém, que estamos imaginariamente vivendo na Lisboa de D. Manuel, encontraremos ainda em pleno fervor a devoção do condestavel, assistiremos em espirito á sua romagem da Paschoa Florida, vamos entrar, no bando dos moradores da cidade, o portico da egreja do Carmo.

No reinado de D. Fernando ou pouco depois quem olhasse para o sitio onde D. Nuno viera a levantar o convento, mal poderia imaginar que essa enorme e abrupta pedreira que se prolongava até ao monte de S. Francisco, chamado «Monte Fragoso», e se pendurava so-

bre as actuaes ruas Nova do Carmo, Crucifixo, e Nova do Almada, pudesse ser rasgada para dar logar aos alicerces de uma vasta edificação.

A vista, depois que acabava o olival que, sobranceiro a Val-Verde, vinha descendo pelo que hoje dizemos S. Pedro de Alcantara, apenas encontrava essa longa e montanhosa massa de pedra, sobre a qual o Almirante Carlos Peçanha tinha o solar de familia, que o condestavel adquiriu para derrubar quando se propoz construir o convento.

O paço do Almirante ficava ao sul da igreja, no alto da actual calçada do Sacramento, e attestava com um ferregial, que lhe pertencia.

Era aquelle, pois, um sitio solitario e agreste, coutado aos Peçanhas, e que servia de valhacouto aos malfeitores. Chamava-se o Cerro do Almirante ou a Pedreira e, por ser coutado, estava fóra do alcance da policia municipal: os criminosos e gandaieiros refugiavam-se ahi com inteira confiança.

O terreno que não pertencia aos Peçanhas era dominio dos frades da Trindade.

Nun'Alvares, quando apprehendeu a edificação do templo e convento, teve pois de tran-

saccionar com o Almirante, que escambou o paço por outro predio onde mais lhe conviesse, e com a ordem da Trindade, da qual houve por escriptura de compra uma herdade de olival.

Chamados operarios para dar começo ao convento, cortada e arrancada a pedreira, começou a terra, por sentir-se liberta, a esboroar e ruir, de modo que era preciso perder trabalho e tempo, porque a encosta desabava e destruia a obra já feita.

Mas o condestavel não desanimava com a contrariedade, mandava fazer de novo o que a derrocada desfizera, e dizia que poria alicerces de bronze se os de pedra não bastassem.

A maior altura da Pedreira cahia a pique sobre o Rocio (hoje rua Nova do Carmo) e por isso era por ahi que o desaterro carecia de ser mais cautelosamente amparado.

Para o conseguir, delineou-se uma escada, que começava por degraus espaçosos e direitos, os quaes depois propositadamente subiam enviezados por augmentar a segurança. N'um dos patamares torcidos havia uma capellinha com a imagem de Nossa Senhora da Piedade mettida dentro de um nicho doirado e, já quasi no alto,

um mirante conhecido pelo «miradouro do condestavel».

A escada vinha morrer á ilharga da igreja, da banda do sul, junto a uma porta travessa.

Toda a parede meridional do templo, bem como a septemtrional era aguentada por esses elegantes botaréos, que appareceram com o estylo ogival e se chamaram arcos-botantes.

Na fachada oriental, que se avistava do Rocio, avultavam a capella-mór e collateraes, formando cinco corpos semicirculares com aspecto afortalesado, pilares e ameias, a torre dos sinos, e as janellas superiores do convento cortadas a meio edificio por uma varanda de pedra, talvez aquella d'onde o *Conde Santo* arremessára a lança, como ouvimos contar a João Bioz e Braz Cascão.

O frontispicio da igreja olhava para o occidente, segundo o estylo christão, tal como o vêmos ainda hoje, na fôrma de um triptyco de pedra lioz aberto em linha recta.

Descia-se ao templo por treze degraus de marmore, de modo que a differença de nivel tolhia o vêr-se de fôra todo o portico.

O convento corria pelo norte, como o quartel actual.

A portaria principal dava para a rua que já então se chamava rua direita de «Mestre Gonçalo», por ahí viver, justamente no tempo de D. Manuel, um cidadão muito popular, mestre Gonçalo Mexia.

Era uma rua estreita, escura e triste, que correspondia á actual calçada do Carmo.

No andar dos tempos mudou-se a portaria do convento para junto da porta da igreja, mas a antiga ficava precisamente ao pé da porta fro-nha que depois se chamou do *Carro*, e que por uma ladeira, por onde os carros entravam e saíam, communicava com a rua de «Mestre Gonçalo».

Em 1498, isto é, sessenta e sete annos depois da morte de Nun'Alvares, ainda não se tinha agglomerado á volta do convento a população, que a pouco e pouco foi construindo casas, foreiras aos frades, na rua dos Gallegos, ao sopé da rua da Condeça, apar da Porta do Carro, sobre as escadas que desciam ao Rocio, entre os botaréos do sul, e no adro, hoje largo do Carmo, de um lado e do outro.

Por este motivo o adro era muito mais vasto do que o largo actual, espraiava-se até á muralha de D. Fernando, que do postigo do Con-

destabre (S. Roque) vinha descendendo quasi em linha recta para as portas de Santa Catharina (Loreto).

O convento dos trinitarios ficava junto ao postigo. Estes religiosos e os moradores da rua de «Mestre Gonçalo» eram os mais proximos e importantes visinhos do convento de Nun'Alvares.

Por occasião das romagens annuaes, realisadas nos dias que já designamos, enchia-se o adro de mesas e barracas portateis onde se vendiam confeitos (nome generico que então se dava aos bolos doces), palmas verdes, flores naturaes, braços, gargantas e pernas de cêra.

Tal enfermo, que, por intercessão do condestavel, se havia curado de *salsa fleima*, um andaço d'aquelle tempo, comprava como offerenda uma panturrilha de cêra; outro, que se vira livre de uma podraga impertinente, offerecia em memoria do milagre um pé que o cerieiro enformára com mais espirito de ganancia do que anatomia.

Como se vê, são de origem antiga os votos n'esta especie, ainda hoje usados. E não admira, porque a ceroplastica é uma industria remotissima.

Todo o adro estava tapizado de rosmaninho, alecrim e outras hervas cheirosas que, pisadas e recalçadas por milhares de pés, punham no ar um aroma campesino, picante e acre.

Os cidadãos de Lisboa com suas mulheres, quasi todas providas de pandeiros e adufes, iam esperando uns pelos outros, á medida que chegavam ao adro, de modo que entre o borborinho do povo ouvia-se de quando em quando o vascolear das soalhas por acaso ou como ensaio.

Quando chegava a *guia*, isto é, a cantora alfacinha, quasi sempre na flor dos annos para que tivesse melhor voz, que havia de entoar a solo a lettra da seguidilha, toda a multidão, seguindo-a, penetrava no templo, enchendo completamente as suas tres magestosas naves, de bella architectura gothica.

A sepultura do condestavel era ainda raza, n'aquelle tempo, e ficava na capella-mór, um pouco para a banda da Epistola.

Toda a multidão se comprimia, ao chegar á capella-mór, para fazer logar ás danças que se travavam em roda da sepultura, e ás mulherès que deviam cantar em côro.

Ora, no anno de 1496, em que o medo da

peste redrobrara a concorrência de devotos, a *guia* da Paschoa Florida fôra Helena Gonçalves, que andava nos seus dezenove, e era já a linda moreninha, de olhos pretos, com longas e sedosas pestanas, que fazia o orgulho do pai.

Vestia n'esse dia uma saia de chamalote ¹ verde, discretamente solevantada por alforzas de retroz, que correspondiam aos *agafes* modernos. A vasquinha ² preta afogada no pescoço, que uma gorgeira de renda lavrada cingia. Bolça de argem-pel pendurada á cintura. Meia de linho, muito branca, e sapatos de couro brando, servilhas, que eram os mais proprios para bailar. Sobre o cabello, apartado em duas tranças pendentés, uma coifa de cassa branca, uma especie de garavim trançado com fitas da côr da saia. Nem manilhas nos braços, nem arrieis nos dedos.

Affonso Ribeiro, que era um guapo rapaz de vinte e tres a vinte e quatro annos, de pelle clara e olhos castanhos, tinha ido com o seu amigo João de Thomar vêr a Paschoa Florida á egreja do Carmo.

¹ Lã fina.

² Na accepção de gibão (*Hercul. Monge de Cist.*), accepção ainda hoje usada em algumas provincias do norte.

A morena do Painei do Anjo deu-lhe na vista, porque, sendo a *guia*, era a cantora que estava mais em evidencia.

Tangendo seus pandeiros e adufes ou batendo palmadas, as mulheres dançavam á roda da sepultura do condestavel, e a voz de Helena Gonçalves, coada por uns labios sãos que pareciam carminados pela tinta da garança, modulava d'esta guiza :

O gram Condestabre
Nunalves Pereira
Defendeu Portugale
Com sua bandeira
E com seu pendone.

E todas as outras vozes entoavam, harmoniosamente, o estribilho :

Nó me lo digades, ñone,
Que Santo é o Conde.

A principio, Helena Gonçalves não déra pelo olhar insistente de Affonso Ribeiro, e, preocupada com a sua responsabilidade de solista, ia continuando a seguidilha ainda com certo acanhamento medroso :

Na Aljubarrota
Levou a vanguarda.
Com braçal e cota,
Os castelhãos mata
E toma o pendone.

E o côro respondia:

Nó me lo digades, none,
Que Santo é o Conde.

Mas á medida que Helena Gonçalves ia estando mais senhora de si, a voz tornava-se mais firme, e o olhar, já menos vago, corria por sobre o auditorio:

Com sua chegada
Filhou Badalhouce.¹
Sem usar d'avença,
Entrou sua torre.
E poz seu pendone.

Affonso Ribeiro, que até ahi só ouvia a seguidilha sem ouvir o côro, achou-se de repente, sem saber como, a acompanhar por entre dentes as vozes de toda a multidão:

¹ Badajoz.

Nó me lo digades, none,
Que Santo é o Conde.

Helena Gonçalves deu tino do olhar terno de Affonso Ribeiro justamente no momento em que ella dizia:

Dentro no Valverde
Venceu os castelhãos.

E pareceu-lhe — Deus lhe perdoasse — entender que o olhar d'aquelle moço queria significar: «Pois o vosso rosto não faz menos victimas que a espada do condestabre.»

Por isso, sem saber porque, talvez para se desenganar do que aquelle olhar quereria dizer ao certo, ia cantando e passando a vista sobre Affonso Ribeiro:

Matou bons e maus.

E o olhar de Affonso Ribeiro, para que não restassem duvidas, glosava a seguidilha dizendo de modo que Helena Gonçalves perfeitamente o entendeu:

— Pois vós igualaes o santo condestabre, porque bom sou eu, e já me sinto morto pelo gume do vosso olhar.

Quando a filha de mestre Thomé entoou os
ultimos versos da seguidilha:

Só co'a sua hoste
E seu esquadrone

as vozes que lhe responderam

Nó me lo digades, none,
Que Santo é o Conde.

não eram por certo mais afinadas do que os
olhares e sentimentos de Helena Gonçalves e
Affonso Ribeiro, que já se haviam entendido a
ponto que tambem elles poderiam dizer um ao
outro:

Nó me lo digades, none...

Não era preciso insistir em dizel-o, porque
já o sabiam a preceito: que santo era o Conde,
e que namorados eram ambos.

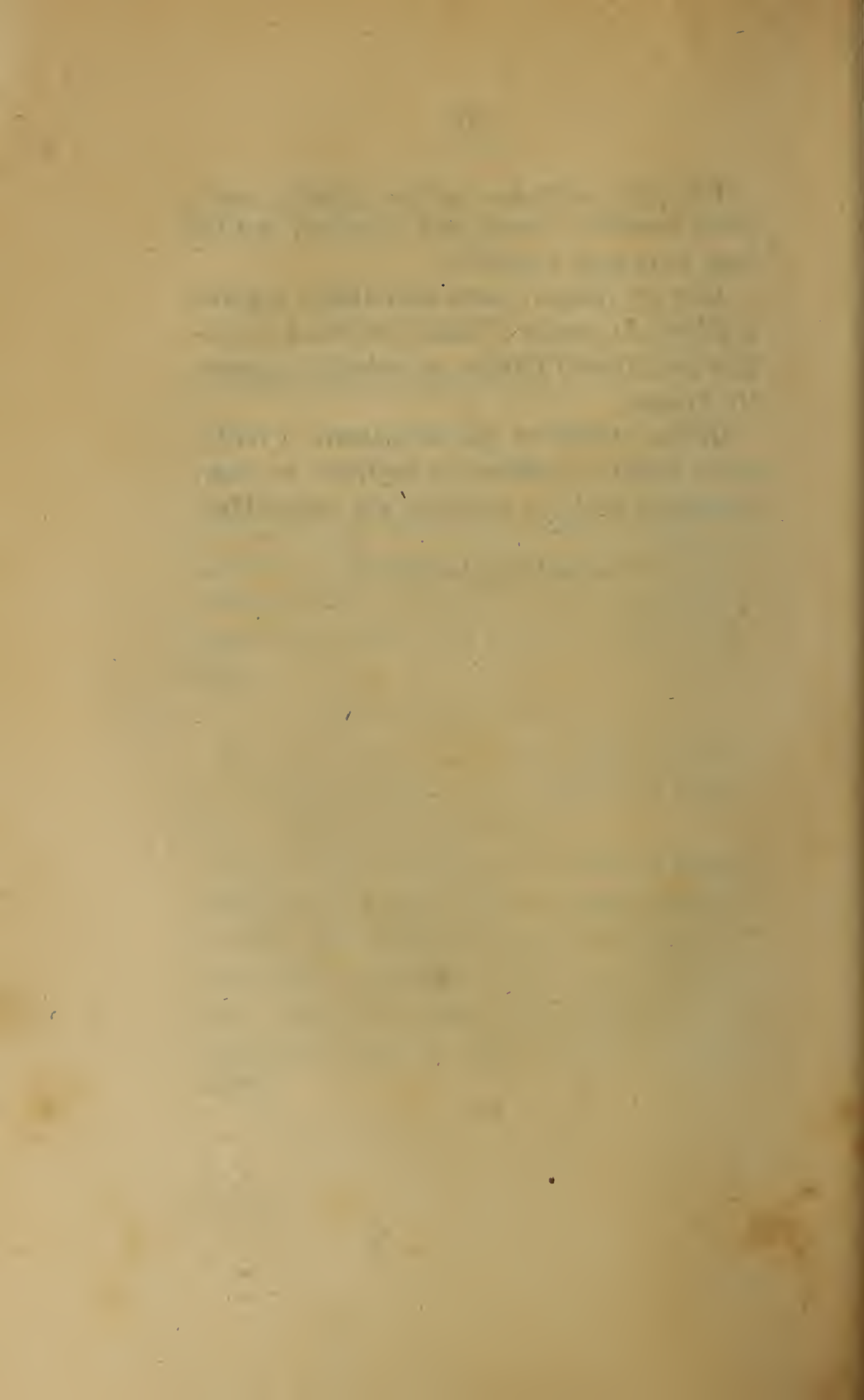
Tornou Helena Gonçalves a repetir as trovas,
muitas vezes, bailando com as outras mulheres
ao redor da sepultura, que estava coberta de
offerendas e capellas de flores, mas Affonso Ri-
beiro já não via o templo, nem a sepultura, nem
a multidão: não via senão a filha de mestre
Thomé.

Foi pois n'aquella Paschoa Florida que o amor floresceu n'esses dois corações, que tão bem se haviam entendido.

João de Thomar, como bom amigo, esperou á sahida do templo a familia do Painel do Anjo, e poz Affonso Ribeiro em relação com mestre Thomé.

Helena, dando ao que se passava o verdadeiro sentido, continuava a exprimir no olhar, docemente casto, o estribilho das seguidilhas:

Nó me lo digades, none...



VIII

Aventuras de Gil Pato

Feita uma viagem, Thomé Gonçalves voltára doente ao reino, por ter apanhado um resfriamento a bordo.

João de Thomar, Vasco Fernão e Pero Ayres procuravam minorar-lhe o desgosto causado pela impossibilidade de embarcar. Foi João de Thomar quem se lembrou de entreter os serões do velho marítimo propondo que se jogassem os naipes.

Os jogos carteados haviam suplantado os dados e as tavolas, eram relativamente uma novidade, que, por isso mesmo, todos os que queriam divertir-se recebiam com agrado.

O Oriente, a India e a Arabia, conheceu primeiro do que nós, occidentaes, o jogo de car-

tas. A Europa, recebendo esta innovação recreativa, generalisou-a com enthusiasmo, conservando-lhe em alguns paizes os vestigios da sua designação sarracena — *naïb* — de que os italianos fizeram *naïbi*, e os hespanhoes — *naypes*.

Foi pela Hespanha, especialmente pela Andaluza, que nós recebemos as cartas de jogar, com o mesmo nome que os hespanhoes lhes davam.¹

Os naipes eram quatro, como hoje, e denominavam-se, á castelhana, *dineros*, *copas*, *bastos* e *spadas*.

E as figuras dos baralhos eram designadas pela mesma nomenclatura que ainda conservam: az, rei, sota e conde, — sota e conde, como ainda na provincia chamamos á dama e ao valete.

Em alguns jogos portuguezes dos seculos xv e xvi apparece o az de paus com o titulo de *basto*, certamente por ser o az do naipe a que os hespanhoes chamavam *bastos*, e falla-se da

¹ Diz Gil Vicente :

E trago de Andaluza
Naipes . . .

manilha como sendo uma carta principal, que tambem dava o nome a uma especie de jogo.

Ha a notar a circumstancia de que se dizia *duas espadas, tres paus*, em vez de duque de espadas, terno de paus, etc.

Sabemos por um dos autos do Chiado que, no seculo XVI, a *Manilha* era um jogo popular, mas não podêmos dizer ao certo se seria esse o que, cem annos antes, aligeirava os serões de mestre Thomé Gonçalves.

Seria a *Manilha* ou a *Arrenegada*, mas não queremos affirmal-o.

O que é certo é que Affonso Ribeiro, que a pouco e pouco foi ganhando a confiança de mestre Thomé Gonçalves, aprendeu a jogar os naipes com o fim de lhe agradar e de facilitar o seu proprio accesso á casa do Painei do Anjo.

Como dos quatro parceiros habituaes era o unico que não pertencia á vida do mar, algumas vezes succedeu que Affonso Ribeiro, na ausencia de João de Thomar, Vasco Fernão e Pero Ayres, ia sósinho entreter mestre Thomé, jogando com elle algum jogo que, á semelhança da zanga ou da bisca, apenas admitisse dois parceiros.

Este facto deu logar a que Gil Pato, vendo

umas noites por outros sahir Affonso Ribeiro, só, da casa do Painei do Anjo, diffamasse Helena Gonçalves espalhando no *mentidero* pelintra de S. Gião que ella recebia a deshoras o namorado.

Gil Pato não tinha escrupulos, affrontava a pureza de uma mulher honesta abocanhando-lhe a reputação n'aquelles templos de Baccho que visinhavam não só da egreja de S. Gião, mas tambem da ermida de Nossa Senhora da Oliveira, que ficava no adro da mesma egreja.

Para mentir, Gil Pato, em tendo na mão uma cópa, não fazia cerimonia com os santos.

Ora, como Helena Gonçalves se mostrasse esquivia aos seus galanteios de rascão, Gil Pato, não contente com diffamal-a, tomara entre dentes Affonso Ribeiro, com quem, á força de provocações, chegára a ter vias de facto na rua Nova.

Desde essa scena de pugilato, Affonso Ribeiro, moço honrado, julgou-se constituido no dever de apressar o seu casamento, e foi pedir a mão de Helena Gonçalves.

Sabemos já o que se passou: mestre Thomé consultou frei Fernando do Cadaval, e acabou por concordar no casamento, salva a pena, que

sempre lhe ficou, de que Affonso Ribeiro não fosse um homem do mar.

Gil Pato, nas suas tunanterias galantes, se umas vezes naufragava, como lhe aconteceu com Helena Gonçalves, outras vezes era bafejado por melhor fortuna.

No dia da partida de Vasco da Gama tinha elle visto Grimanesa, quando ella passou pela venda de Belem, onde elle e outros goliardos haviam já vasado um pichel.

O vinho dava-lhe sempre uma grande audacia e, por isso, seguiu aquella linda mulher, nova, e, ao que parecia, casada, mas com o marido ausente, porque a via chorar por algum maritimo da frota.

Fosse marido ou pai, viu-a só, e chorosa. Calculou logo que a conquista não offerecia perigo, porque a moça devia ter ficado desacompanhada. Tentou, portanto, a empreza.

Estava Grimanesa ajoelhada na ermida do Infante, quando Gil Pato foi postar-se a seu lado, fazendo o papel de Belzebut, para tental-a durante a oração, que aliás não era sincera.

A moça não amava o marido, mais velho do que ella. Casára por interesse, obrigada pela familia, com um maritimo de Sines, que tinha

feito mealheiro á sombra da casa de Vasco da Gama.

Era namorada por um primo, Ruy Esteves, que a amava apaixonadamente, e a quem ella illudiu até á vespera do dia em que desposou o maritimo.

Com estes precedentes, e com o espalhafato de lamentações e lagrimas que lhe vimos fazer em Belem na hora em que a *Berrio*, que lhe levava o marido, ia singrando barra fóra, devemos desconfiar de que Gil Pato não perderia o seu tempo.

A principio, Grimanesa mostrou-se indignada com a perseguição d'aquelle homem, que se lhe denunciava ousado até ao descaramento. A ousadia é sempre uma recommendação para as mulheres levianas, e lá diz o proverbio que a fortuna ajuda os audazes.

Grimanesa levantou-se da oração, sahio da ermida mostrando-se raivosa pela insistencia amavel de Gil Pato, mas não tratou de procurar alguma pessoa conhecida, mestre Thomé por exemplo, que podesse acompanhar-a até Lisboa.

Metteu-se ao caminho sósinha, começando por estugar o passo, como quem fugia.

E Gil Pato, a par d'ella, sem desistir do proposito que fizera.

Elle conheceu que estava no rasto de uma facil victoria, porque a moça, se realmente quizesse evital-o, teria lançado mão de outros meios.

Passada meia hora, Grimanesa inculcou-se fatigada, e abrandou o passo.

Gil Pato aproveitou o momento, que era opportuno, para lhe dizer que se não mostrasse tão enfadada com elle, porque lhe não queria fazer affronta, antes, attraído por sua formosura, e commovido de suas lagrimas, se prestava a acompanhal-a, para que o caminho lhe parecesse menos longo.

Grimanesa accusou-o de pôr-lhe em risco a reputação, porque era casada, e seu marido ia na frota, motivo por que não podia abafar sua magua, que era muita.

E aqui tornou a chorar, com uma facilidade de comedianta sabida no officio.

Gil Pato teve, para confortal-a, palavras ainda mais brandas e doces, de modo que, ao chegarem a Lisboa, já Grimanesa trazia os olhos enxutos, e o rascão sabia, como desejava, toda a vida de Grimanesa.

Ella, verdade-verdade, não poderia ainda di-

zer a si mesma se aquelle ousado moço lhe agradava mais do que o infeliz primo, seu primeiro amor, mas não lhe restava duvida alguma de que Gil Pato era mais novo e guapo homem do que o marido.

De mais a mais, Gil Pato tinha vindo desde Belem em sua companhia, e o primo era tão desastrado, estava ainda tão emponhado de profundo resentimento, tão maguado na sua paixão por ella, que, querendo sempre evital-a, se deixára talvez ficar trabalhando em seu officio, perdera aquella boa occasião de se reconciliarem no Rastello.

Ruy Esteves era um d'estes sisudos caracteres que não transigem com uma infracção do dever. Era um homem de boa fé, sincero; um honrado jubeteiro. Não suppunha a mulher, que tão exaltadamente amára e amava ainda, capaz de se abandonar ao primeiro rascão que lhe apparecesse. Chegava até a divinisa-la no sacrificio de tomar como esposo, em obediencia á vontade dos pais, um homem de quem não gostava.

Mas estes caracteres são terriveis quando a verdade dos factos os desillude. A indignação que os domina é violenta como um temporal

desfeito, devastadora como um bulcão que levasse de rojo suas ultimas crenças e phantasias.

E a respeito de Grimanesa estava Ruy Esteves completamente illudido.

É moda dizer-se que a corrupção dos costumes pela falta de sentimentos religiosos tem apodrecido moralmente a sociedade actual. Tal declamação não corresponde á verdade historica. Não houve ainda em Portugal seculo mais beato, egrejeiro e santarrão do que o de D. Manuel. O fanatismo começava pelo alto, descia do throno, expulsava os judeus, christianisava o gentio africano, aguçava as garras com que devia empolgar as suas victimas do Oriente, nas grandes matanças da India, e accendia os fachos homicidas com que, no reinado seguinte, sempre em nome da fé, havia de fazer rechinar os corpos humanos nas fogueiras da Inquisição.

Ao sopé d'este beaterio intransigente, fanatico, brutal, rebentavam vulcões de lôdo, a depravação dos costumes alastrava como um pantano que envenenava o ar e contagiava as consciencias.

Gil Vicente, o Juvenal manuelino, não principiara ainda a vibrar o açoite com que, annos

depois, em plena côrte, castigava a hypocrisia do clero, o abuso das indulgencias, as invenções milagreiras, as mazellas dos fidalgos devassos, dissipadores e concupiscentes, as emburilhadas das alcovetas que negociavam donzellas, e os escandalos das mulheres casadas cujos maridos embarcavam para longes terras.

No livro v das *Ordenações Affonsinas* havia, é certo, tremendas comminações contra o adulterio.

Gil Pato não tinha lido as *Ordenações*, por duas razões capitalissimas, das quaes aliás bastaria uma, como na anecdotia da polvora :

1.^a Não sabia lêr.

2.^a As *Ordenações Affonsinas* não estavam impressas, pela razão, tambem capitalissima, de serem anteriores á typographia.

A fim talvez de as divulgar pela imprensa foi que D. Manuel, alguns annos depois, as mandou rever e corrigir.

Comtudo Gil Pato sabia muito bem, como toda a gente, que o adulterio era um crime punido com pena de morte pelas leis do reino.

Effectivamente o livro v das *Ordenações* dizia :

«E se fôr outro homem (não fidalgo) o que esto fazer, moira porém.»¹

Identica pena era imposta á mulher que fizesse adulterio a seu marido.

Ora se Gil Pato nunca estudára primeiras letras na Casa de Santo Eloy, Grimanesa não era mais lettrada do que elle, mas nem por isso ignorava que pertencendo conjugalmente a um homem não podia entregar-se a outro.

Gil Pato ria-se das *Ordenações* e, a respeito de mancebas, alardeava o facto de D. João II haver dito uma vez que — quem tem mancebas, não tem manceba.

Esta phrase convinha a Gil Pato, que com ella se defendia, e ainda então lhe faltava o commentario de Garcia de Rezende, que tambem poderia aproveitar-lhe: «não se pode manter mais de uma manceba, e o al é ser um homem amigo de mulheres.»

As longas navegações para o Oriente, cuja róta Vasco da Gama fôra descobrir, contribuíram para augmentar a corrupção dos costumes, especialmente a estatística dos adulterios.

A fragilidade de Grimanesa foi, chronologica-

¹ É o «moura por ello» das *Ordenações Manuêlinas*.

mente, o prefacio d'essa escandalosa chronica de infidelidades conjugaes praticadas pelas mulheres dos marinheiros da India.

Se o leitor permite um anachronismo, citarei, como amostra do panno, um auto de Gil Vicente, representado em 1519.

Parte um frota para a India e o marido da protagonista vai como marinheiro a bordo de uma das naus. Morta pelo vêr pelas costas, a mulher estremece de medo quando a criada lhe vem dizer que seu amo já não embarcará. Mas a noticia é falsa, o marinheiro segue viagem e a mulher é logo visitada pelos rascões que a cubiçam.

Um d'elles, castelhano de nação, entra-lhe audazmente pela porta dentro e põe as cartas na mesa :

Supé que vueso marido
Era ido.

A dona da casa responde-lhe :

Vós quereis ficar cá?
Agora é cedo ainda;
Tornareis vós outra vinda,
E tudo bem se fará.

O castelhano vai-se com esta risonha promessa, para voltar á noite.

Mas não tarda, logo que elle sai, a apparecer

outro rascão, portuguez, que traz o mesmo intento damnado.

E a mulher do maritimo a ambos dá trella, tendo apenas a vencer a difficuldade de assocegar o portuguez, que está dentro de casa, quando o castelhano espera na rua e pragueja impaciente.

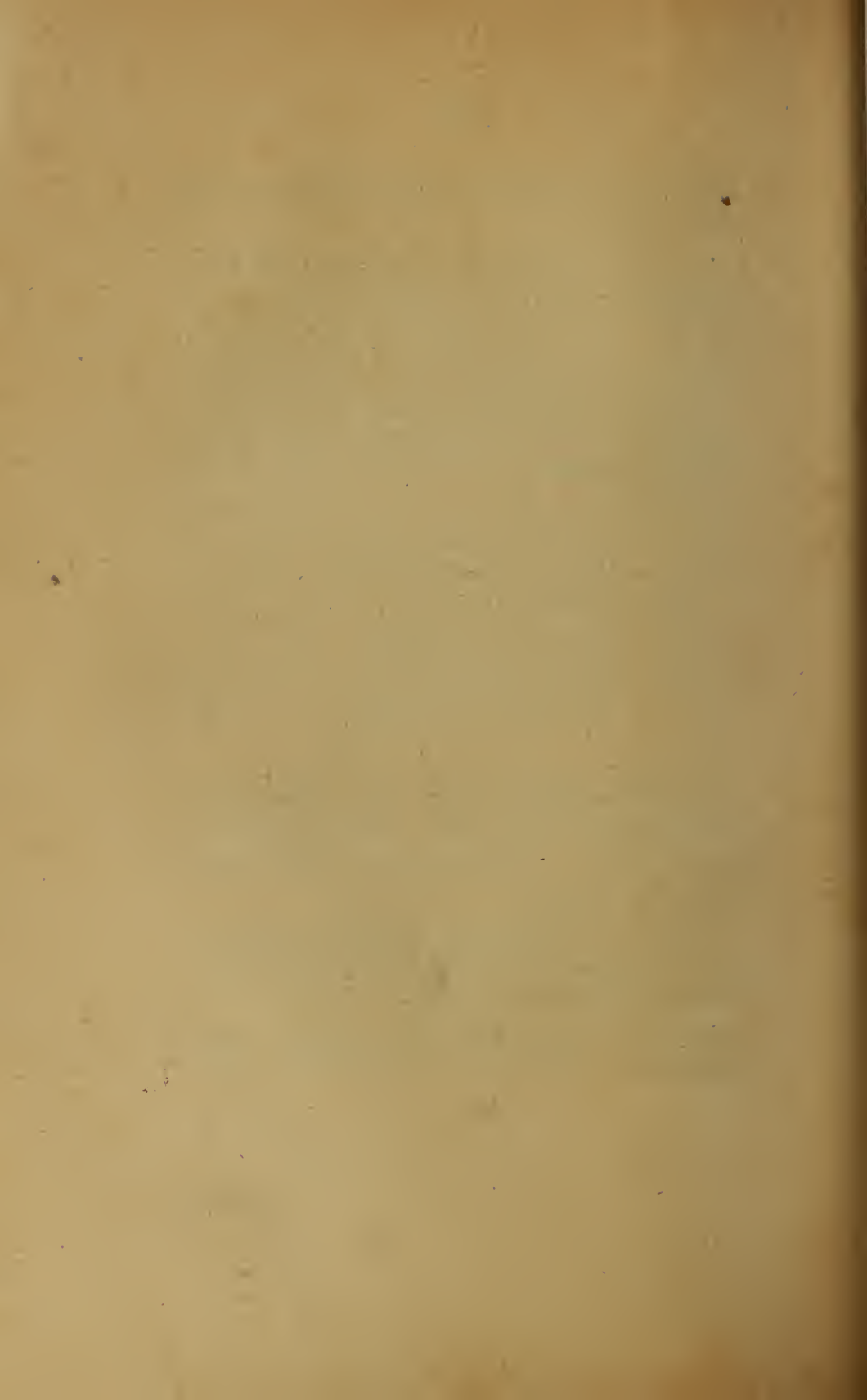
O embarcadiço volta, finalmente, da India, e a mulher recebe-o com fingidas caricias, dizendo-lhe ternamente :

E eu oh ! quanto chorei,
Quando a armada foi de cá !
E quando vi desferir,
Que começaste de partir,
Jesu ! eu fiquei finada ;
Tres dias não comi nada,
A alma se me queria sahir.

Este auto parece copiado do exemplo que dera Grimesa aceitando, poucas horas depois do marido ter partido para a India, o galanteio de Gil Pato.

Porque a verdade é que, mais dois dias passados, o marinheiro da *Berrio* já não fazia falta nenhuma á sua cara metade.

Grimesa tinha razões para estar... resignada.



IX

A historia do crime

Mais de um anno era passado depois da partida de Vasco da Gama, quando Ruy Esteves viu um dia na rua sua prima Grimanesa.

Não teve coragem de fital-a, mas, depois que ella passou, seguiu-a com um olhar apaixonado. E fez-lhe impressão que ella, tendo o marido ausente, fosse entrajada ao garrido com louçanias e galas.

No coração de Ruy Esteves levantou-se n'essa hora uma tempestade de ciume, de indignação, de despeito.

Se aquella mulher, que elle amava ainda tanto, fosse capaz de tripudiar sobre o seu coração despedaçado, não haveria mão de ferro capaz de suster-lhe os impetos da raiva e da vingança.

A suspeita atormentou-o, e, cego de paixão, começou a espionar pelas trevas de uma frigidíssima noite de dezembro a casa de Grimanesa.

A sua desconfiança não tardou porém a ser confirmada pelo que elle proprio presenciára.

Um vulto de homem, cosendo-se com a linha dos predios, entrara no bêco da Bocca Negra e, munido de uma gazua, abrira rapidamente a porta da casa onde Grimanesa morava.

Fizera tudo isto com tanta rapidez, que Ruy Esteves, apesar de arremessar-se sobre o desconhecido n'um salto de tigre, já não podéra alcançal-o.

Fulminado pela surpresa, encostou-se á hombreira de uma porta, para não cair sobre as lages da rua. Ao atordoamento da primeira impressão, succedera a febre, a agitação do ciume. Um turbilhão de pensamentos sinistros, negros como a escuridão d'aquella noite, remoinhava no seu cerebro, á semelhança do vendaval ardente do deserto.

Ante-manhã, quando já as portas da cidade estavam abertas, e os saloios começavam a entrar com as vitualhas para o consumo diario,

viu sahir de casa de Grimanesa um homem que se escondia no tabardo.

A sua primeira ideia foi sahir-lhe ao encontro, provocal-o, fazer justiça logo alli por suas proprias mãos. Mas quiz ainda illudir-se: custava-lhe a partir o prisma encantado que até ahi lhe havia mostrado Grimanesa como uma victima resignada ao sacrificio.

Seguiu, n'este embate de ideias e sentimentos, o desconhecido que, a breve trecho, sem dar tempo a que Ruy Esteves tomasse uma resolução definitiva, se escoou por um portal do bêco da Carrança, fechando sobre si a porta.

Foi assim que se deparou a Ruy Esteves o fio conductor das suas investigações.

Colhendo durante o dia informações a respeito do homem que morava n'esse predio do bêco da Carrança, facilmente apurou que era um rascão, um vaganau da ribeira, torpe e desprezível.

Então cuidou enlouquecer de desespero, todas as suas illusões a respeito de Grimanesa resvalavam para um lodaçal immundo. Ella, a mulher que tinha infernado toda a sua existencia, seria, em verdade, uma alma pervertida, um corpo prostituido, uma barregã miseravel?

Errou todo o dia ao longo do Tejo, desejando e receiando que se aproximasse a noite.

Não saberia dizer ao certo por onde andou, nem o que fizera.

Pela primeira vez deixou de aparecer na loge do Poço da Fotéa onde trabalhava como official de algibebe.

O patrão extranhou a ausencia, porque Ruy Esteves era o melhor e mais comedido official de officio que no seu mester se apontava em todo o bairro da Jubetaria.¹

Mandou saber se estaria doente. Disseram-lhe que desde a vespera á noite não apparecia em casa.

Pela primeira vez, tambem, Ruy Esteves abandonou o trabalho para percorrer o bairro infamado pelos rascões. Quando entrou na cidade pela Porta do Corpo Santo dirigiu-se para a Cruz de Cata-que-farás: queria vêr Gil Pato, que, segundo as informações que pudera colher, era vermelho das barbas e do cabello, isto

¹ Este bairro tambem era ainda conhecido por Villa Nova de Gibaltar ou Judearia Velha, em razão de, antes da expulsão dos judeus, ser ahí a synagoga grande, depois convertida em templo christão (Conceição Velha).

é, muito ruivo. Por este signal seria facil distinguil-o.

Não o tendo encontrado desde o Cata-que-farás até S. Gião, foi rondar o bêco da Bocca Negra.

Gil Pato tambem ahi não appareceu. Acautelára-se por desconfiar do vulto que na vespera o perseguira.

Ruy Esteves ainda ás vezes queria duvidar de que Grimanesa fosse em verdade a amante de um rufião despresivel, e appellava para uma prova decisiva, irrecusavel.

Lembrou-se de repente de que o dia seguinte era um domingo, e fez tenção de esperar Grimanesa quando ella sahisse para a missa.

Apesar de ter perdido duas noites, de estar fatigadissimo, esperou que rompesse a manhã.

Pouco antes das sete horas, viu a prima sahir de casa, coberta com uma beatilha. Ella foi para S. Domingos, e elle entrou na igreja, após ella.

Ruy Esteves escondeu-se na sombra de uma columna, e teve uns momentos de tormentoso enlevo contemplando aquella mulher que era o seu primeiro, o seu unico amor, e que, ao contrario do que pensava, lhe apparecia agora envolta na suspeita de um aviltamento repugnante.

Mas a chegada de um homem de barbas rui-vas, que ajoelhou perto d'ella, veiu accordal-o d'esse ephemero enlevo.

Grimanesa fôra a primeira a dirigir a pala-vra a Gil Pato, sem comtudo voltar a cara para elle. Fingia orar olhando contra a capella-mór. Mas fallava com rapidez, e Gil Pato, pondo a mão sobre a bocca, respondia-lhe com alguma vivacidade.

Ruy Esteves comprehendeu o que se passa-va: Grimanesa recriminava o amante pela au-sencia da vespera, e elle daria porventura uma desculpa, que ella não queria acceitar.

Tornaram-se evidentes aos olhos de Ruy Es-teves as relações illicitas da prima com o ras-cão.

E o desgraçado mesteiral sentiu horror de vêr que dentro de um templo, na casa de Deus, a impudicicia de Grimanesa apenas recorria a um ligeiro disfarce.

Soou uma campainha. O celebrante da missa dirigia-se para o altar.

Entre a hostia e o calis, Ruy Esteves jurou tomar vingança d'aquella torpeza. Mas, lem-brando-se de que era um domingo, a si pro-prio prometeu respeitar a santidade do dia.

Ao terminar a missa, fechou os olhos para não vêr sahir Grimanesa, nem Gil Pato.

Quando tornou a abril-os, a egreja estava já quasi deserta.

Relanceando casualmente a vista para dentro da capella de Jesus, que lhe ficava proxima, fez impressão a Ruy Esteves a physionomia triste e serena da imagem do Crucificado, que acabava de assistir a esse ignominioso idillio de uma adultera e de um aventureiro, e que, pun-gido certamente pela dor de vêr que o sacrificio da sua propria vida fôra inutil, havia de assistir, poucos annos depois, á terrivel carnificina que victimou centenas de christãos novos.

Sahiu do templo, desalentado, abatido.

Foi caminhando pela ribeira, para o mar. Chegado ao Rastello, entrou na venda, aquella mesma venda d'onde Gil Pato vira pela primeira vez Grimanesa. Comeu alguma coisa, pouco, porque sentia que as forças o abandonavam. Depois, foi deitar-se ao sol junto dos alicerces da torre de S. Vicente de Belem, que se andava construindo.

Ruy Esteves não sahiu do sitio do Rastello senão ao anoitecer do dia seguinte, que era uma segunda feira.

Tinha gisado o seu plano. Assassinaría Gil Pato no momento em que elle fosse a entrar em casa de Grimanesa. Servir-se-hia da gazua que o rascão trouxesse consigo para abrir a porta, e iria matar Grimanesa, depois de lhe exprobar a sua infamia.

Quando Gil Pato surgiu no bêco da Bocca Negra ia tranquillo por não ter sido seguido no dia anterior.

Ruy Esteves correu para elle e, travando-o pelo braço, cravou-lhe um punhal no peito, dizendo com entranhada colera:

— Barregueiro! morres por ello.

Gil Pato soltou um grito, e cahiu arquejando.

Ruy Esteves ia a tirar-lhe da mão a gazua da porta, quando sentiu passos que soavam na rua das Manilhas.

Eram de Affonso Ribeiro e João de Thomar, que vinham de jogar os naipes com Thomé Gonçalves.

Então Ruy Esteves enfiou açodado pelo bêco que dava para a rua das Esteiras, e desappareceu por esta rua.

Desencontrou-se com a ronda, que vagarosamente, no seu passo lento, marchava para o Rocio pela rua dos Ourives do Ouro.

Ao romper da manhã, logo que se abriram as portas da ribeira, Ruy Esteves foi sentar-se, longe, á beira do Tejo, em caminho de Belem.

Faltava-lhe a coragem, que horas antes teria tido, para assassinar Grimanesa.

E, vencendo de subito a grande indecisão que o allucinava, ergueu-se, fechou os olhos, lançou-se ao rio.

A agua repuxou emplumada d'espuma, e logo se aquietou.

Quando dias depois o seu cadaver appareceu boiando junto ao Rastello, o mestre da officina commentava por todo o bairro da Jubetaria :

—Morreu afogado! Logo vi que lhe tinha acontecido algum desastre. D'este modo, e não al, poderia Ruy Esteves faltar ao officio.

Affonso Ribeiro e João de Thomar, conduzidos pela ronda ao Tronco da cidade, como dissemos no principio d'esta narrativa, ficaram ahi detidos durante toda a noite.

Pela manhã foram a perguntas, para se levantar o auto do crime. Contaram os factos como se tinham passado, procuraram demonstrar sua innocencia, que aliás não podiam abonar com prova testemunhal, que contrariasse a dos homens da ronda.

O corregedor da côrte fez-lhes notar que todos os indicios os criminavam, com muitas circumstancias aggravantes, taes como o proposito de matar em represalia de rixa velha e o ter sido commettido o delicto dentro do termo de Lisboa, onde estava el-rei.

Os dois presos continuaram negando que tivessem praticado o crime.

O corregedor ordenou que fossem mettidos a tormento.

Affonso Ribeiro e João de Thomar insistiram em negar a culpa que lhes era posta.

O corregedor, cumprindo a lei, mandou repetir o tormento. Foi identico o resultado. Mas a insistencia na negativa não podia modificar o rigor da ordenação, pois que, segundo ella, havendo muitos e grandes indicios, ainda que o reo negasse no tormento o maleficio, devia o julgador presumir que elle o commettera.

Ambos os presos foram seguidamente remettidos para a cadeia do Limoeiro, cadeia segurissima em que tinha sido transformado um antigo palacio da corôa (paços d'el-rei, apar S. Martinho) onde o mestre de Aviz assassinou, durante a regencia de D. Leonor Telles, o conde Andeiro.

Depois de ser residencia real, o Limoeiro havia sido casa da moeda e tambem aposentadoria dos Infantes¹, até que fôra convertido em cadeia publica.

Era tal a solidez do edificio, que só havia um caso unico de evasão, não por arrombamento, mas por artificio. Um homem estrangeiro, muito rico, que estava condemnado á morte, podera peitar o carcereiro, para que consentisse em o deixar sahir como morto dentro de uma tumba.

Este caso dera-se no reinado de D. João II, e o carcereiro chamava-se João Baço.

Bastava este facto, referido por Pina, para se saber que o Limoeiro já existia como cadeia publica no tempo de D. Manuel, embora Damião

¹ Hereulano diz (*Arrhas por fóro d' Hespanha*) que o Limoeiro fôra successivamente paços d'el-rei, paços dos infantes e paços da moeda. Leitão, nas *Noticias chronologicas da Universidade*, diz que fôra casa da moeda antes de ser palacio dos infantes. E parece que tem razão, porque Pina (*Chron. de D. Affonso V*) referindo-se ao Infante D. João, filho de D. João I, diz que elle, tendo vindo a Lisboa, se hospedára na Moeda, o que dá a entender que só por tradição se chamava ainda «da Moeda» ao palacio já destinado aos infantes.

de Goes diga na chronica d'este rei: «Fez de novo em Lisboa, junto da Igreja de S. Martinho, os paços da casa da supplicação, e do civil, e cadea do limoeiro obra muito magnifica, e sumptuosa, onde dantes fôra a casa da moeda, etc.»

Fez de novo deve pois entender-se no sentido de refazer, reconstruir, melhorando ainda as condições do edificio, que já eram solidas.

O que é certo é que, durante o reinado de D. Manuel, se dizia apenas «o Limoeiro» quando se queria alludir á grande cadea publica da cidade onde eram recolhidos os presos de importancia ¹

Affonso Ribeiro e João de Thomar oppozeram contrariedade aos artigos de accusação.

O corregedor da côrte, magistrado que em Lisboa conhecia de todas as causas em primeira instancia e as despachava a final, declarou que a contrariedade não era de receber, porque so-

¹ Gil Vicente no auto da *Barca do inferno*:

Que o logar dos escolhidos

Era a forca e o Limoeiro.

.....

Fallou-te no purgatorio?

Diz que foi o Limoeiro.

bre ella prevaleciam todos os indícios de culpabilidade, e condemnou os reos á pena de morte, firmado nas *Ordenações*: «... todo aquel, que homem matar, hu El Rey estiver, ou hũa legoa arredor... moira porém.»

As *Ordenações* eram severíssimas. O legislador, como nota Coelho da Rocha, «não tivera tanto em vista os fins das penas, e a sua proporção com o delicto, como contêr os homens por meio do terror e do sangue.» Assim se explica que João de Thomar, que a ronda considerara cúmplice no crime, fosse nivelado na culpa a Affonso Ribeiro. Em alguns casos as *Ordenações* estabeleciam que o comparte no delicto tivesse a mesma pena, e o corregedor da côrte assim o entendeu por ambos haverem sido presos em «flagrante.»

Condemnados, a despeito dos esforços empregados em contrario por D. João Tello, Affonso Ribeiro e João de Thomar recorreram para a Casa da Justiça ou Relação da Côrte.

Este tribunal de ultima instancia, constituido pelos desembargadores dos Aggravos ou da Supplicação, confirmou a sentença condemnatoria.

Tudo estava perdido: D. João Tello assim o receiára e previra.

Na casa do Painei do Anjo o pobre Thomé Gonçalves julgava-se fulminado pela colera de Deus, embora frei Fernando do Cadaval lhe aconselhasse resignação.

Durante os longos trâmites do processo, que absorveram um periodo de seis mezes, Thomé Gonçalves, acolhendo-se á sombra da dedicada intervenção de D. João Tello, ainda tivera um vislumbre de esperança na Relação da Côrte, tribunal que ás vezes era presidido pelo proprio rei.

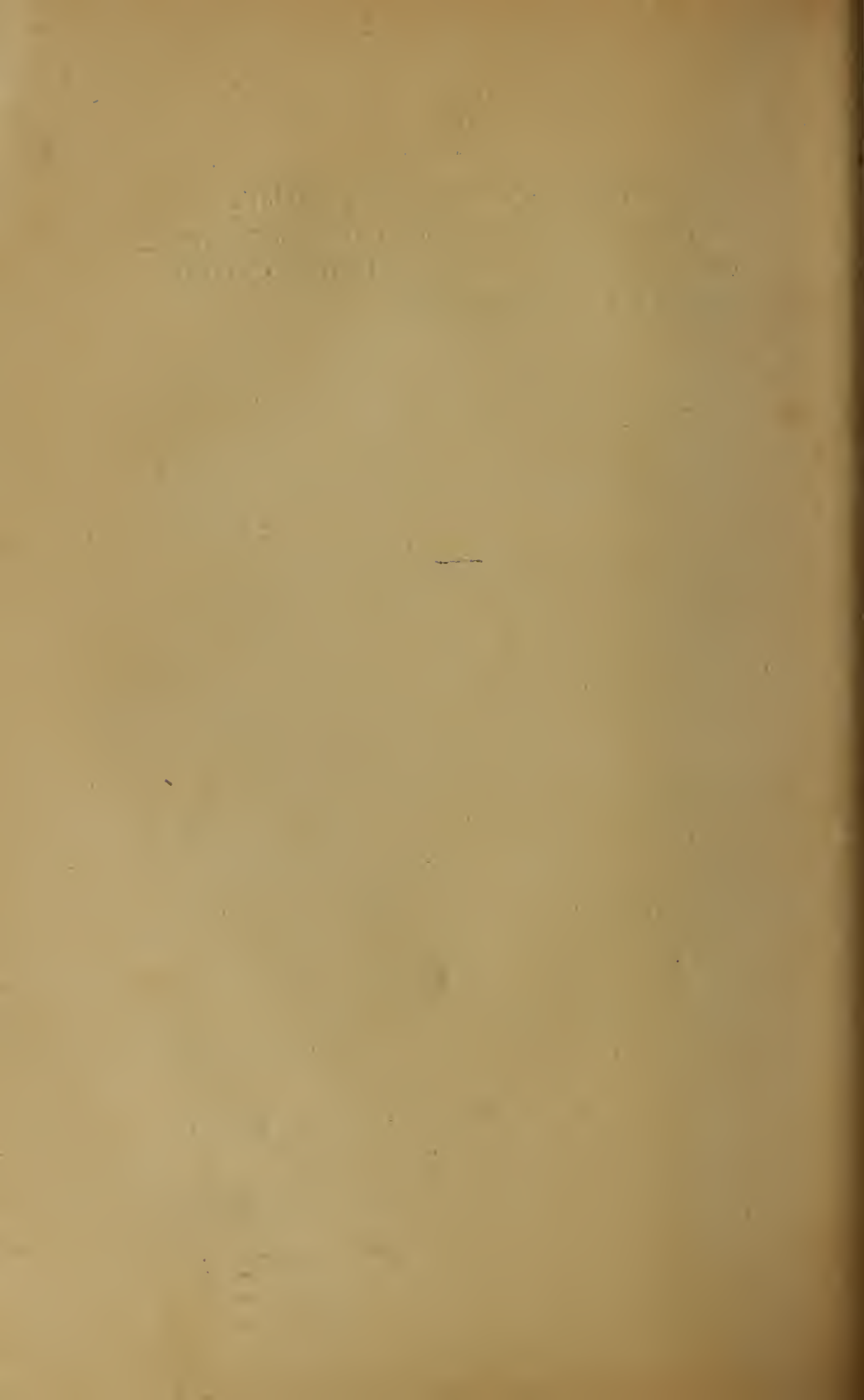
Mas D. Manuel não assistira á sessão em que fôra julgado o recurso de Affonso Ribeiro e João de Thomar, e não assistira certamente para não ter que emittir voto contrario aos desejos e solicitações de um velho fidalgo tão justamente considerado como D. João Tello.

Perante a confirmação da sentença, até esse pallido vislumbre de esperança se apagára na alma attribulada de mestre Thomé.

Mas Helena Gonçalves, no heroismo de uma dor profundissima, como só as mulheres a sabem soffrer, empenhada em arrancar Affonso Ribeiro á pena infamante da forca com baraço e pregão, dissera um dia, n'um rasgo de dedicação sublime :

— Não! Nem tudo está ainda perdido...

Thomé Gonçalves encolheu os ombros, e não pôde replicar, porque as lagrimas lhe embargaram a voz na garganta.



X

O amor luctando com a lei

No verão de 1499, estando el-rei D. Manuel em Cintra, chegou a Lisboa a *Berrio*, commandada por Nicolau Coelho, com a boa nova de se ter achado o caminho maritimo da India.

Nas alturas das ilhas de Cabo Verde, uma tempestade fizera separar os navios da expedição, de modo que Nicolau Coelho foi o primeiro a chegar, ao passo que Vasco da Gama arribára á Terceira, onde seu irmão Paulo ficára sepultado.

Não discutiremos datas, que o não permite a indole da narrativa; nem se effectivamente esta boa nova foi trazida por Nicolau Coelho, como diz Barros, ou por Arthur Rodrigues, maritimo da Terceira, que se lhe anticipára, como escreve Gaspar Correa.

O que podêmos affirmar é que D. Manuel sentiu maior desvanecimento com a chegada de Vasco da Gama do que Grimanesa com o regresso do marido, que lhe não fizera por cá grande falta.

Lisboa inteira delirou de contentamento, a exemplo do rei. Além da recepção official feita a Vasco da Gama no caes de Belem, houve divertimentos publicos, toiros, cannas, momos, e guinolas durante alguns dias.

Até Grimanesa, quando viu entrar pela porta dentro dez arrateis de cada especiaria, que o rei mandára distribuir aos marinheiros, um por um, para «as mulheres partirem com suas comadres e amigas», achou que o marido era menos enjoativo do que no tempo de Gil Pato lhe parecia.

E vestindo as melhores fraldilhas, corrigindo as crenchas, compondo-se e alindando-se, andou de festa em festa, já esquecida do rascão, que era volteiro, e que por isso talvez assassináram, pensava ella, sem se lembrar uma unica vez do pobre Ruy Esteves, de cuja morte não tomou grande nojo quando soube que tinha apparecido afogado.

Thomé Gonçalves vira realisada a sua pro-

phécia, quanto á róta da India, mas só d'entre quatro paredes, e com os olhos velados de muitas lagrimas, pudera seguir essa grandiosa realidade, cujos éccos festivos chegavam a incomodal-o.

Ouvia fallar das grandes e extranhas novas que Vasco da Gama trouxera da India, Vasco Fernão e Pero Ayres recontavam-lhe o que os marinheiros diziam a respeito da grande terra oriental, onde havia poderosos reis, como os de Cananor e Melinde, que tinham mandado collares, e joias, e ricos pannos, e porcelanas, e ambre, e «almisque e bejoim», e cartas escriptas em folhas de ouro! Noticiavam-lhe que tinham vindo na armada dois pilotos mussulmanos, que, durante a viagem, haviam muitas vezes tomado marcas com as estrellas, o que confirmava o que certo moiro velho do Algarve havia dito a mestre Thomé sobre a maneira de navegar dos antigos. Fallavam-lhe dos captivos de Angediva, que tinham vindo, e do judeu que Vasco da Gama trouxera, e da infinda carregação de pimenta, çanella, gengibre, maça e noz, que já não cabia na casa da Mina. E historiavam o que se passára com o mestre e piloto que vinham em ferros, por terem, com medo das tormen-

tas, querido trazer preso o capitão-mór, e como elle lhes perdoára mandando-os em boa hora para suas casas.

Thomé Gonçalves ouvia chorando, soluçando; e se os dois grumetes queriam calar-se, para lhe poupar tamanha commoção, o mestre pedia, quasi intimava que continuassem, dizendo-lhes: «Recontai mais, recontai tudo, que eu estou morto, mas ouço-vos.»

Os physicos, vendo Thomé Gonçalves cada vez mais tolhido das pernas, aconselharam-n'o a que fosse banhar-se nos olhos de aguas calidas que rebentavam a par da villa de Obidos.

Eram as *caldas da Rainha*, já assim chamadas porque D. Leonor, agora viuva de D. João II, tinha em 1485 mandado alli construir um hospital para tratamento dos doentes que recorressem áquelle banho, cuja virtude medicinal ella descobrira por acaso ou por experiencia propria ¹.

¹ Frei Jorge de S. Paulo, na chronica inédita (1656) existente na contadoria do hospital das Caldas, estabelece as seguintes hypotheses.

Primeira:

«... indo a rainha D. Leonor da sua villa de Obidos para a da Batalha, em julho de 1484, onde estava el-rei

Pouco importaria a vida a Thomé Gonçalves, por muito amargurada que era, se a não reconhecesse necessaria para amparar a angustia de Helena.

D. João II, seu marido, esperando-a para celebrarem as exequias annuaes d'el-rei D. Affonso V, seu pae, e sogro da rainha, passando ella por aquelle sitio onde dizem estava uma só casa em pé, e outras cahidas sem haver nos arredores mais que mattos maninhos, e ameas, e alguns campos lavrados, e como a passagem fôsse no verão viu estar alguns pobres mettidos em presas d'aquellas aguas calidas, que sabiam da fonte fumegando, perguntou á gente da sua companhia que faziam aquelles pobres lançados n'aquella agua fumosa? Responderam serem doentes de frialdades e que se aproveitavam da virtude d'aquelles banhos para remedio medicinal e salutifero de seus males; e n'elles receberam melhora, e que muita gente tolhida sarava de todo como tinham experimentado; e n'este passo dissera a rainha: Se o Senhor Deus me der vida, os pobres de Christo seu Filho terão melhor commodidade em suas curas.»

Segunda hypothese:

«Outros dizem que ficando a Rainha quasi entrevada de um notável movito que teve na quaresma de 1483 nos paços reaes de Almeirim, de que esteve desconfiada dos medicos, como acima toquei; vendo a Rainha que para a enfermidade do parto nenhum medicamento era virtuoso, gravemente affligida em um mal a que não achava reparo humano, perguntou a seus medicos que remedio

Elle já nenhuma esperança tinha de poder salvar da morte Affonso Ribeiro e João de Thomar, mas a filha, a sua tão formosa e malaventurada filha, parecia não haver perdido ainda a

teria aquella terrival doença; elles a aconselharam se fôsse para a sua villa de Obidos, tanto que entrasse o tempo quente, e tomasse banhos n'aquellas aguas calidas que arrebentavam no termo da mesma villa. Ella por se vêr com os nervos tolhidos, sem outro remedio mais que o dos banhos, acceitou o conselho mandando fazer um tanque accommodado para ella, que ainda ora se chama o banho da Rainha, e por sua morte servia aos enfermos sarnosos, e depois se esbulhou, como direi no capitulo 24 d'esta 2.^a parte; de tal modo melhorou a rainha com este novo medicamento, que, dando muitas graças a Deus, e a sua sacratissima Mãe, lhe prometeu edificar n'aquelle logar um magnifico hospital em que Deus fôsse louvado e a Rainha dos Anjos, sua Mãe, venerada, e os pobres de Christo, seu Filho, soccorridos em suas enfermidades,»

Terceira e ultima hypothese:

«Francisco de Araujo, de 90 annos de idade, tabellião n'esta villa das Caldas, me deu uma relação por escripto dizendo ouvira dizer aos velhos que, passando a rainha D. Leonor da cidade de Coimbra para a sua villa de Obidos leza de um cancro que padecia e fazendo grande calma, se tirou das andas em que vinha, e assentada junto a esta fonte de agua calida lavou com ella o seu cancro e milagrosamente sarara e logo ordenara a fabrica d'este hospital, etc.»

fê em Deus, e o padrinho, frei Fernando do Cadaval, alimentava-lhe com piedosas exhortações esses restos de crença sincera, que mestre Thomé, no fundo da sua alma, chegava a admirar.

O que é certo é que quando os physicos lhe receitaram o banho calido, Thomé Gonçalves já não teve coragem nem alegria para, como outr'ora, se rir d'elles chamando-lhes *matasanos*.

Aquellas aguas tinham fama de milagrosas, pelo menos de efficazes, e o physico da rainha D. Leonor, Manuel Antonio, que experimentara todas as nascentes, recommendava-as com confiança.

Helena Gonçalves insistia com o pai para que fosse ás caldas, não só porque ellas poderiam restabelecel-o, mas tambem porque, segundo o plano que em segredo alimentava, queria aproximar-se da rainha viuva, que n'aquelle sitio passava a maior parte do tempo no estio, ora na sua villa de Obidos, ora mesmo dentro do hospital, que ainda estava incompleto.

O leitor, que decerto conhece o hospital tal como elle se encontra desde que D. João V o restaurou, não poderá fazer ideia do que era o edificio quando D. Leonor o concluiu em 1503.

Pois imagine que descerro uma tela antiga, e que reconstruo a traça primitiva, aliás irregularrissima, tal como ella se conservou, com pequenas alterações, até ao seculo xviii.

Ao fundo, a torre da matriz domina os vastos corpos do edificio.

É ampla e redonda a porta do hospital, isto é, a entrada commum, porque ha uma escadaria exterior, no topo da qual se levanta um pequeno alpendre, que dá accesso para o mirante, aberto em intercolumnios, d'onde a fundadora assistia aos touros que na *Praça velha* eram corridos por occasião da feira grande de agosto. Seria pois esta uma entrada privativa das pessoas reaes.

Entre esta escada particular e a porta grande do hospital medea uma arcada, sustentando a galeria que corre na maior extensão da frontaria do edificio.

Como annexos, accrescentaram-se, no decorrer dos tempos, porventura no seculo passado, pequenas construcções, do lado opposto á escada particular e á arcada. Denominava-se uma — *Casa do coche*; outra — *Casa do abafo d'el-rei*. Á ilhargá d'esta ultima construcção foram levantados os paços do concelho e a cadeia tal-

vez no reinado de D. Manuel que, a pedido da rainha viuva, constituiu a povoação em villa.

À direita do espectador vê-se um edificio, certamente dependencia do hospital, mas a que não sei dar designação. Faz-lhe rosto uma outra construcção, cujos baixos se denominavam: *Casão hospitaleiro* e *Casa dos peregrinos*. Era a albergaria. No alto do edificio estava a *Enfermaria dos pobres*.

É possível, e até provavel, que os annexos denominados *Casa do coche* e *Casa do abafó do rei* datassem apenas de 1742, anno em que D. João V alli foi pela primeira vez fazer uso das caldas.

Mas, no restante, a traça que eu descrevo era a primitiva.

Quando D. João II falleceu, D. Leonor, sua prima e mulher, estava em plena vida, tinha apenas trinta e sete annos. Era formosissima, e dotada de notavel intelligencia e piedade. O povo respeitava-a profundamente, reconhecendo aquellas superiores qualidades de espirito e coração, bem como as grandes e intimas dôres que soffrera vendo morto por desastre o seu unico filho, assassinado ás mãos do rei seu irmão o duque de Vizeu, e em risco de herdar a

corôa o bastardo do marido, filho de D. Anna de Mendonça.

O coração d'essa princeza illustre, tão despedaçado por successivas tribulações, procurara na pratica da virtude o unico balsamo que poderia mitigal-as.

Assim, se o seu nome ficou eterno nos annaes litterarios de Portugal pela protecção e estimulo que ella dispensou á imprensa e ao theatro recém-nascidos, a memoria das suas fundações piedosas, a instituição das misericordias, o hospital das Caldas e o mosteiro da Madre de Deus, de Xabregas, não viverá menos tempo nos fastos religiosos do paiz.

Nas Caldas, a rainha D. Leonor recebia os enfermos, assistia á repartição das comidas, fiscalisava pessoalmente os actos hospitalares, e nas noites de inverno, porque muitas alli passava, chamava mulheres honradas e com ellas fazia serão de *roqua* e *almofadas*,¹ como quem diz—fiavam e costuravam.

Helena Gonçalves que, como todo o reino, conhecia por tradição o animo bemfasejo da rainha viuva, lembrára-se de que só ella poderia

¹ Chronica inédita, já citada.

salvar da força Affonso Ribeiro e João de Thomar.)

E como nas Caldas lhe parecia mais facil ter audiencia d'aquella princeza do que em Lisboa, para lhe fallar com o vagar que desejava, procurára vencer a reluctancia que o pai oppunha a ir banhar-se nas aguas calidas, que lhe tinham sido aconselhadas.

Venceu por fim, como era natural que acontecesse, e mestre Thomé deixou-se conduzir n'umas andas acompanhado pela filha.

A rainha D. Leonor, logo que terminaram as festas de Lisboa, em que ella, por el-rei ser viuvo, sempre o acompanhára, partiu para o hospital das Caldas, a tratar dos enfermos, que n'aquella estação calmosa, melhor tempo para facilitar a cura, alli acudiam em grande numero.

Foi então que Helena Gonçalves achou que era oportunidade de partir com o pai, e partiram.

Triste jornada essa durante a qual o velho marítimo muitas vezes levantava a cortina das andas e olhando para fóra exclamava dolorosamente:

— Se eu talvez já não conheça o mar, como

hei de conhecer a terra! Sou agulha que nordestea; esta cabeça já não regula para nada!

A filha, absorvida nos seus angustiosos pensamentos, parecia accordar de subito á voz do pai, e carinhosamente lhe cofiava os cabellos brancos, que elle tinha encrespado com as mãos convulsas.

Chegados ás Caldas, mestre Thomé foi recolhido no hospital, e a rainha, que assistia, como sabemos, á admissão dos doentes, permitiu que Helena Gonçalves ficasse por enfermeira do pai, visto que, por ser muito moça, não conviria que fosse procurar pousada, sósinha, nas casas da « Rua Nova ».

No dia da entrada todos os doentes se confessavam e commungavam. Helena Gonçalves pediu licença para acompanhar o pai no cumprimento d'estes actos religiosos.

A rainha, vendo-a chorosa, começou a interessar-se muito por ella, e logo durante os cinco primeiros dias, em que mestre Thomé era obrigado a tomar xaropes antes de começar o tratamento dos banhos, a mandou chamar para o serão, dando-lhe a escolher a roca ou a almofada.

— Sois muito triste! disse-lhe uma vez a rai-

nha. Certo é que vosso pai está enfermo, mas não desesperéis de sua cura, porque são milagrosas estas aguas.

—Senhora, respondeu Helena afogada em lagrimas, eu não desespero do poder de Deus Nosso Senhor, mas grande magua trazemos eu e meu pai por uma desgraça que, além da enfermidade d'elle, sobre nós ambos cahiu.

—E que desgraça foi essa, que tanto vos amofina?

Helena Gonçalves recontou, com doce simplicidade, toda a sua vida, a historia triste do seu nascimento, e como frei Fernando a «tomára por afilhada no baptismo».

—Com que, repetia a rainha, sois afilhada de frei Fernando, o da Ermida?

—Esse mesmo, senhora.

—Recontai, filha, que muitâ curiosidade me está despertando vossa narração.

Helena Gonçalves contou, escarlate de pejo, a historia do seu promettido casamento com Affonso Ribeiro, e como a elle lhe tinham posto culpa no homicidio de Gil Pato no bêco da Bocca Negra.

Depois, lavada em lagrimas, fallou dos esforços que D. João Tello havia empregado para

salvar da morte Affonso Ribeiro e João de Thomar, e como tão nobre e honrado fidalgo o não pudera conseguir.

—Eu vos juro, senhora, que ambos estão innocentes. Mas sei que é difficil, quasi impossivel proval-o, e por isso me contentaria com salvá-os da forca, mais do baração e pregão, a que foram condemnados, sendo já confirmada sua sentença.

Muito impressionada, a rainha viuva prometeu interceder junto d'el-rei seu irmão para que a pena de morte natural fosse commutada na de degredo.

Helena Gonçalves cahiu aos pés de D. Leonor, e cobriu-lh'os de beijos e lagrimas.

N'essa hora, lembrou-se do padrinho attribuindo-lhe o milagre que, certamente por sua intercessão, Deus acabava de fazer.

Logo ao romper da manhã a rainha expediu um mensageiro para Lisboa com carta a el-rei.

Demorou-se a resposta quatro dias, de terrivel anciedade para Helena Gonçalves e mestre Thomé.

Finalmente, a resposta de el-rei chegára. A pena de morte, com pregão e baração, era com-

mutada, por «carta de perdão», na de degredo perpetuo para a India.

A rainha, commovida com a terna gratidão que Helena Gonçalves lhe testemunhava, perguntou-lhe:

—E o que pensais vós fazer, depois que Afonso Ribeiro partir para a India como degredado? Salvastes sua vida, é certo, mas da vossa cuidaes menos que da sua.

—Senhora, eu, emquanto meu pai fôr vivo e doente, acompanhal-o-hei. Se Deus o levar, farei voto de religiosa, recolher-me-hei a um mosteiro.

—Bem pensaes, minha pobre filha. Deus não vos ha de faltar e, se chegar essa occasião, eu propria vos mandarei dar cella n'um convento da côrte.

Mestre Thomé, pensando mais nos outros do que em si mesmo, disse á filha quando soube da concessão por ella obtida:

—Filha, se el-rei que Deus haja te houvesse encarregado de descobrires o reino do Preste João, tu havel-o-hias conseguido, porque tens folego para grandes emprezas.

O tratamento de mestre Thomé durara vinte e quatro dias, segundo o regimento do hospital.

Ao cabo de tres ternos de banhos, pequenos allivios experimentára o velho maritimo. Conseguiu, apenas, como no principio da doença, dar alguns passos arrimado a um bordão.

Mas a resignação parecia ter descido do céu em seu auxilio, e, quando pai e filha regressaram a Lisboa, frei Fernando do Cadaval, de pé deante do altar da ermida, com os braços abertos para o Menino Jesus, e um sorriso beatifico nos labios, exclamava em extasi:

— Rico e divino Menino, meu anjo, minha estrella, meu sol, do fundo do coração vos agradeço o terdes aquietado na dôr o coração do pai e da filha, e assim como fostes vós que lhes fizestes mercê de tão viva fé, assim continuareis a amparal-os para que não desfalleçam em suas tribulações, com que, alfim, ganharão o reino do céu.

E parecia-lhe que o Menino Jesus, sorrindo lá de cima, dando alor com os braços, queria, se a Divina Mãe o deixasse, arremessar-lhe o sombreirinho por galanteria.

XI

A armada de Pedr'Alvares

A viagem de Vasco da Gama era o primeiro passo dado para o dominio dos portuguezes no Oriente, dominio que, para ser commercial, precisava começar por ser politico.

Assim, el-rei aconselhado por D. Vasco da Gama (pois que de viva voz o monarcha principiara a appellidá-lo por *dom*) pensou logo em mandar á India uma segunda armada que se impozesse pelo numero, pela força e pelo luzimento, a qual armada, fazendo guerra ou firmando tratados, conseguisse estabelecer feitorias, abrir relações commerciaes, conquistar a vassallagem dos reis orientaes de Calecut, Melinde e Cananor.

Assentou-se em conselho que esta segunda armada seria de treze velas e que partiria em março, que era monção propria.

Por indicação de Vasco da Gama, foi dada a capitania a Pedro Alvares Cabral, filho de Fernão Cabral, «homem fidalgo, de bom saber, muito apto para isso».¹

Este fidalgo era dos Cabraes de Belmonte, onde tinham solar.

A sua linhagem remontava a grande antiguidade, e á melhor nobreza de Castella.

Já no seculo XIII, um Cabral, Pedro Annes, fôra celebre por seus feitos.

Na villa de Belmonte, a que Sancho I dêra fôral, assentada no pittoresco valle da *Cova da Beira*, junto á serra da Atalaya, o solar dos Cabraes era, a par da torre de S. Cornelio, um dos titulos de gloria da povoação.

Quando os camponezes olhavam para as antiquissimas paredes do solar, sentiam-se tomados de respeito pela nobreza que ellas representavam. E tinham razão, porque essa nobreza era das mais poderosas do reino, a ponto de

¹ Gaspar Correia, *Lendas da India*.

gosar o singular privilegio de não dar ao rei homenagem dos castellos que possuia.

Para immediato de Pedro Alvares e seu successor no caso de fallecer, foi escolhido Simão de Miranda d'Azevedo.

Tambem ficou logo assente o restante pessoal da armada, entre o qual figuram alguns nomes de capitães que merecem referencia especial.

Pertencem a este numero Bartholomeu Dias, já conhecido e famoso por ter dobrado o Cabo da Boa-Esperança, e que levava agora comsigo um irmão. Nicolau Coelho, que tinha acompanhado Vasco da Gama, ia repetir a viagem. Na pleiade dos capitães das naus distinguia-se pela nacionalidade um fidalgo castelhano, Sancho de Toar. E como typo de cavalleiro aventureoso e alegre, braço feito para todas as empresas ariscadas, evidenciava-se um dos irmãos Athaydes, Pero se chamava elle, cuja alcunha— *O inferno*—basta a revelar-lhe o genio folgasão e destemido.

Para feitor da armada e da carga foi nomeado Ayres Correa, homem fidalgo, que, devendo ficar a dirigir a feitoria de Calecut, levava comsigo toda a familia.

Na qualidade de feitor-mór deram-lhe por escrivães Gonçalo Gil Barbosa, Affonso Furta-
do, Diogo d'Azevedo e Pero Vaz Caminha.

D'estes quatro, o mais letrado era Pero Vaz. Vinha do Porto, onde fôra mestre da balança da moeda, e conhecia a provincia de Antre-Douro-e-Minho, por onde tambem ganhára sua vida.

Parece que algum revez de má fortuna dispersára a familia de Pero Vaz, porque uma filha, casada com Jorge de Soiro, vivia muito contrariada na ilha de S. Thomé, e elle proprio, abandonando o norte do paiz, a que estava costumado, ir servir o cargo de escrivão na projectada feitoria de Calecut.

Um dos homens mais considerados por letras e sciencia era, d'entre os escolhidos para esta expedição, o bacharel mestre João «físico e çerurgiano» de sua alteza, *artium et medicine bachalarius*, segundo costumava assignar, e que, não contente com professar a medicina, tambem mettia o bedelho na astronomia applicada á navegação.

Como missionarios para a cathequização dos indios, arma poderosa de conquista espiritual, escolheu el-rei alguns frades de S. Francisco, de que ia por guardião frei Henrique Soares,

que depois foi bispo de Ceuta, e alguns clérigos de missa, com seu vigário, para administrarem os sacramentos.

Quanto ao pessoal inferior da armada, que entre mareantes e homens d'armas andaria por mil e duzentas pessoas, resolvera-se que não se fizesse um alardo obrigatorio, mas que fosse alistado, para o serviço de mar e de terra, assim de guerra como de paz, quem voluntariamente se apresentasse.

Logo que se soube que n'esta armada iriam vinte degredados, e que dois d'elles seriam Afonso Ribeiro e João de Thomar, os dois grumetes Vasco Fernão e Pero Ayres foram significar a mestre Thomé o desejo que tinham não só de conhecer a India, mas tambem de acompanhar até ao lugar do degredo os seus dois infelizes amigos.

Thomé Gonçalves, em quem a resignação se ia accentuando prodigiosamente dia a dia, respondeu-lhes tranquillamente:

—Procedeis ambos como bons marinheiros e bons amigos. Ide. Cumpris o vosso dever de homens do mar e praticaes uma nobre acção. Sem vós, minha solidão é maior, mas, Deus louvado, resta-me ainda essa pobre moça que ahi

está, a minha querida Helena, para me cerrar os olhos, que já pouco vêem do que vai por esse mundo.

Helena Gonçalves acudiu a acariciar o pai e a dizer aos dois grumetes:

— Deus ha de agradecer vosso feito. Mulher não fosse eu, e tambem iria como vós acompanhar esses dois desgraçados até ao logar de seu degredo.

Ella, applaudindo a lembrança dos grumetes, obedecia principalmente ao desejo de poder conhecer um dia, pela narrativa d'elles, a historia da viagem, as impressões, pensamentos e palavras de Affonso Ribeiro sobre o mar.

Contentes com a annuencia de mestre Thomé e de sua filha, Vasco Fernão e Pero Ayres correram á casa da Mina para darem os nomes a rol.

Jorge de Vasconcellos, «provedor dos armazens do reino», perguntou-lhes se tinham lido bem o edital que mandára pôr nas portas do armazem.

Responderam affirmativamente.

O provedor insistiu dizendo:

— Olhai que ides a sôlido limitado.

Os dois grumetes replicaram que não era a

cubiça que os movia, e que por seu aprazimento vinham voluntariamente alistar-se.

A perguntã do provedor explicava-se pelo facto de alguns homens terem ido dar seus nomes á casa da Mina na supposição de que haveria com elles a generosidade que el-rei dispensou aos marinheiros de Vasco da Gama mandando-lhes dar dinheiro, drogas e vestidos.

Mas logo que eram informados de que essa remuneração fôra excepcional, e de que teriam de embarcar a sôlido limitado, motivo pelo qual o alistamento não era obrigatorio, arrependiam-se, e davam o dito por não dito.

Todo o inverno de 1499 se passou em apercebimentos de viagem.

Na casa da Mina, a que já alguns iam chamando casa da India¹, havia um movimento extraordinario, todos os dias chegavam aos armazens, por ordem d'el-rei, grandes cargas de pannos de lã, finos e grossos, de velludos, setins e damascos com que D. Manuel queria deslumbrar os olhos dos seus collegas orientaes; muitas «pipas», como então se dizia, d'armas

¹ «... casa da Mina, que depois fez casa da India». Gaspar Correa.

brancas, espadas e lanças; carnes salgadas, pescados sêccos, legumes, manteiga, mel, assucar, conservas de doce, drogas de botica, aviamentos de cirurgião, e, por ordem de Vasco da Gama, para o rei de Melinde, ricos guadamecins, coxins de Frandes, collares de pedraria, caixas de confeitos e latas de marmelada.

Tudo eram conferencias, entrevistas, praticas relativas á expedição.

Agora era D. Vasco da Gama que, com um saio de solia e barrete redondo, como tomára por costume e brio vestir-se desde que seu feito o engrandecera mais do que a mercê de — *Dom* —, era D. Vasco que, quasi todos os dias, ia cavalgando para os *paços d'arriba* (como se chamava a Alcaçova) a avistar-se com sua altesa.

Mais tarde, passava Ayres Correa, o feitor-mór, caminho da casa de D. Vasco, com um grande caderno debaixo do braço, o qual caderno vinha a ser o regimento, em elaboração, para vender, comprar, pesar e medir todas as mercadorias na feitoria de Calecut, segundo os apontamentos que D. Vasco trouxera no seu canhenho.

Logo, os capitães, mestres e pilotos da na-

vegação iam a conferencia a casa de Pedr'Alvares para seguirem *in mente* o roteiro que a experiencia da primeira viagem tinha aconselhado. D. Vasco não se fartava de recommendar a Pedr'Alvares, e este aos capitães, «que cortassem pelo mar largo, tomando largos os ventos do mar, que corriam para terra, com muito resguardo por dobrar o Cabo da Boa-Esperança, e que de dentro d'elle fossem haver vista de terra ¹.»

Quem pudesse ouvir estas praticas, ficaria desde logo habilitado a desmentir a noticia, que por tão longos annos circulou, de que a frota de Pedr'Alvares foi impellida para oéste pelas correntes atmosphericas ou maritimas ou ainda por erro de navegação.

Pedr'Alvares ia navegar segundo as indicações de D. Vasco, que tinha dado o exemplo de fazer proa ao mar largo, cortando a linha a oéste do meridiano das ilhas de Cabo Verde e seguindo a meio do Atlantico sul até virar na volta do Cabo da Boa-Esperança.

Com estas instrucções pretendia-se evitar as calmas e tempestades da costa d'Africa, e tam-

¹ Gaspar Correa, *Lendas da India*.

bem as tormentas, já experimentadas, da ponta meridional d'essa costa.

Aproveitando o desvio para oéste, por tantas razões indicado, não deixaria de passar pelo espirito dos praticos, que aconselhavam el-rei, a ideia de procurar terra ao occidente d'África, ideia que D. Manuel já procurara realisar dois annos antes quando encarregou d'essa missão Duarte Pacheco, cavalleiro da sua casa.¹

El-rei D. Manuel, contenté e orgulhoso de tão felizes acontecimentos, arremessara o seu luto de viuvo para traz dos moinhos. Para traz de Castella, devia eu dizer.

Seu filho, o pequenino principe D. Miguel, depois de ter sido jurado rei em Castella, fôra trazido ao reino para ser jurado herdeiro do

¹ O *Instituto Historico e Geographico do Brasil* discutiu, por iniciativa do imperador D. Pedro II, se a descoberta do Brasil foi intencional ou devida ao acaso. Machado de Oliveira e Gonçalves Dias procuraram sustentar a segunda hypothese; Joaquim Norberto defendeu a primeira. Agora, um official da marinha portugueza, o sr. Baldaque da Silva, mostrou, n'uma memoria academica, com ponderosos argumentos nauficos e historicos, que a expedição de Pedr'Alvares se dirigiu para oéste propositadamente. A esta interessante memoria seguimos.

throno de Portugal e Algarves, mas, levado outra vez para Hespanha, dava signaes de pouca vida. Era doente, muito debil.

Portanto, el-rei D. Manuel, na hypothese, muito provavel, do principe vir a fallecer tamano, como effectivamente aconteceu no verão de 1500, foi lançando a vista, outra vez, para a desejada fusão das corôas de Portugal e Castella na sua pessoa ou na sua dynastia.

E, conhecendo que a fortuna caprichava em favorecel-o, e emquanto com D. Vasco, á volta da India, praticava sobre as coisas do Oriente, ia meditando em mandar Ruy de Sande, do seu conselho, a Castella, pedir a mão de sua cunhada D. Maria.

O casamento veiu a realisar-se, mas a corôa de Castella fugira a D. Manuel um mez antes de Pedro Alvares partir, porque nascera em Gand, escorreito e vivedouro, um neto aos reis catholicos¹, filho da infanta D. Joanna e de Philippe d'Austria.

Não podia ser tudo. E a fallar verdade Castella não fazia grande falta a um rei que já prin-

¹ Foi o famoso Carlos V da Allemanha, 1.º de Hespanha.-

cupiara a intitular-se «senhor da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India.»

Fôra-se um reino, mas vinha, em compensação, uma princeza castelhana de dezoito annos florir as suas graças primaveris no leito solitario do monarcha portuguez.

E D. Manuel facilmente atirou o seu luto de viuvo para traz de Castella, como eu ia dizendo ha pouco, visto que foi de lá, e da mesma familia, que lhe veiu a segunda noiva.

Só a triste Helena Gonçalves chorava a sua desgraça no meio d'esse alegre borbório que enchia Lisboa desde a ribeira do Tejo até aos paços da Alcaçova.

A armada de Pedr'Alvares, em que tantas esperanças se punham e alegrias depositavam, levava-lhe para sempre, a ella, á desgraçada filha de mestre Thomé, toda a sua esperança, toda a sua alegria, a sua vida, o seu amor.

Ao contrario do que costuma acontecer quando se soffre sem esperança, o tempo corria velozmente para Helena Gonçalves, esse terrivel mez de março, em que a armada devia partir, aproximava-se com uma rapidez que lhe parecia vertiginosa.

Não tornara a vêr Affonso Ribeiro desde a noite de 29 de dezembro de 1498, a malfadada noite que tamanhas desgraças acarretára.

É possível e até provavel que a escrava negra levasse recados de sua ama ao Limoeiro, fosse a mensageira de tristes cartas em que as lagrimas seriam mais eloquentes e abundantes do que as palavras.

Mas o que é certo é que Helena Gonçalves e Affonso Ribeiro nunca mais se tinham avistado.

O mez de março chegára, porém, e amanheçera o dia 7, um sabbado, em que todo o pessoal da armada, marinheiros, homens d'armas e degredados deviam embarcar.

N'esse dia, pela manhã, dois espectaculos, bem differentes entre si, foram presenciados pela população de Lisboa.

Um era de gala, brilhante, esplendido.

Precedido de muitas trombetas, Pedro Alvares Cabral, a pé, com todos os capitães da frota, e cada capitão com sua gente, « todos vestidos de librês, e galantes » subiram, em luzido cortejo, aos *Paços de cima* a beijar a mão, por despedida, ao poderoso rei D. Manuel e a sua irmã a rainha D. Leonor.

A este apparatuso espectaculo correspondia,

no Tejo, o das naus da armada, que estavam «fermosas de bandeiras», prestes a levantar ferro.

O outro espectaculo era profundamente melancolico, postoque tambem constituido por um cortejo, menos numeroso, que tomou caminho opposto, para em tudo ser opposto, ao que Pedro Alvares Cabral e os seus capitães haviam seguido.

Uns subiam pela encosta da Sé; outros desciam.

Era o bando dos degredados, que, sob algemas, emparelhados braço a braço, sahiam do Limoeiro para ir embarcar no caes da ribeira.

Ao contrario dos mareantes, estes vinte homens partiam sem nenhuma esperanza de regresso; partiam para nunca mais voltar. Era pela ultima vez que viam Lisboa, que pisavam as suas ruas, que respiravam o seu ar.

Os mais d'elles não tinham quem sequer lhes dissesse adeus, quem, no momento do bota-fóra, lhes desse o abraço da despedida.

Não assim Affonso Ribeiro e João de Thomar, que iam algemados um ao outro, porque esses encontraram no caes trez pessoas que por elles esperavam n'uma angustia indescriptivel:

uma mulher muito moça ainda, um velho de longas barbas brancas, que se arrimava a um bordão, e um frade de S. Domingos.

Eram Helena Gonçalves, mestre Thomé, e frei Fernando do Cadaval.

Os soldados do terço abriram alas para os degredados entrar nos «esquifes», que já os aguardavam na ribeira.

Então o frade de S. Domingos, conhecido em toda a cidade por ser o virtuoso sachristão de Nossa Senhora da Escada, solicitou e obteve auctorisação para que elle e as pessoas que o acompanhavam se podessem despedir d'aquelles dois degredados.

Foi rapido, mas dilacerante esse adeus.

Helena Gonçalves, embargada a voz pelas lagrimas, olhava para Affonso Ribeiro, e não podia articular palavra. Se não fosse a commoção, o proprio pejo lhe cortaria nos labios as carinhosas expressões que tinha na alma, mas que jámais ousaria dizer na presença de extranhos.

Mestre Thomé tremia como n'uma sezão, e pela face crestada e rugosa desciam-lhe lentamente bagas de pranto, que ficavam crystallisadas por algum tempo sobre os flocos brancos da sua longa barba.

Só frei Fernando do Cadaval assistia sereno, com um sorriso triste, a essa pungentissima scena de despedida, e talvez que seu maguado sorriso quizesse dizer: «A justiça dos homens é fallivel, mas a de Deus recompensará os desgraçados com a eterna bem-aventurança.»

N'um impeto de terna dedicação, n'um supremo esforço de coragem, quando já os dois degredados eram os ultimos a embarcar, Helena Gonçalves lançou ao pescoço de Affonso Ribeiro um escapulario com a effigie de Nossa Senhora da Purificação.

Esse escapulario, que seu padrinho lhe havia dado no dia em que ella commungára pela primeira vez, costumava Helena pendural-o sobre o peito do pai sempre que elle partia para a carreira da Guiné.

Era de setim branco, já amarellecido pelo tempo. Tinha passado muita vez o mar da Ethiopia, vencido grandes tormentas, evitado talvez muitos naufragios, e certamente em mais de uma viagem haveria sido borrifado pelas ondas bravas no peito de mestre Thomé.

Ouviram-se de repente os sons festivos das trombetas, que, á frente do brilhante cortejo, voltavam da Alcaçova.

O esquife largou com os ultimos degredados, e d'ahi a momentos assomava á Porta da Ribeira a pomposa multidão que acompanhava Pedro Alvares Cabral e D. Vasco da Gama.

O sol mordia as côres vivas dos gibões e das jorneas, e arrancava laminas de ouro, que phosphoreciam, aos broches que apresilhavam as plumas dos barretes, e aos collares que pendiam sobre os peitilhos das jorneas.

Um enxame de bateis largava, ao mesmo tempo, das naus, remando para terra. O vento que a primavera de Portugal faz nascer, agitava as bandeiras dos bateis, sacudindo-as sobre a agua.

Vasco da Gama vinha dizendo em confidencia a Pedro Alvares Cabral:

— Põe teu fito no serviço da patria e na satisfação da consciencia mais do que no galardão que por este feito haverás. El-rei appellidou-me por *Dom*, mandou-me dar cruzados e drogas, mas não é só com o ouro da Moeda e com a canella de Cananor que se galardoam serviços em que um homem joga sua vida contra os perigos da navegação a longes terras povoadas de revôltas gentes. Não faltam honrarias e tenças aos que por cá apodrecem na ociosidade do reino. Mas o que é certo, Pedr'Alvares, é que

eu fallo a el-rei de barrete na mão, ao passo que outros, que nunca tomaram o cheiro ao mar, e gastam com os pés a terra da patria em vez de accrescental-a com novos descobrimentos, estão cobertos na presença de sua alteza.

D. Vasco estava *justamente sentido*, como d'elle havia de dizer o auctor da *Historia genealogica*.

O que é certo é que nunca teria sido conde da Vidigueira, nunca poderia cobrir a cabeça deante do monarcha, se o duque de Bragança o não houvesse lembrado a D. Manuel.

Quando o brilhante cortejo embarcou nos bates, que tinham abicado ao caes da ribeira, Helena Gonçalves, mestre Thomé e o frade de S. Domingos desapareceram absorvidos n'esse como kaleidoscopo de côres variegadas e fulgidas scintillas.

Troava, salvando, a artilheria das naus. O clangor das trombetas e a rufla dos tambores talhavam o ar alegremente.

Duas horas depois, a armada de Pedr'Alvares, abrindo as velas em que a cruz de Christo se desenhava com largas dimensões, ia barlaventando Tejo abaixo, para surgir em Rastello.

XII

A partida

No dia seguinte, que era domingo, chegou el-rei pela manhã á ermida de Belem com toda a côrte.

D. Manuel sentia-se contente e orgulhoso vendo fundeadas em Rastello as naus da frota, afirmação grandiosa do seu reino e poderio.

As portas da ermida estavam abertas de par em par, e sobre o altar cahia, em caprichosas ondulações, a bandeira da ordem de Christo.

Officiou de pontifical Dom Diogo Ortiz, castelhano de nação, que era bispo de Centa, e depois o foi de Vizeu.

El-rei tomou logar na tribuna, *cortina* como então se dizia, tendo a seu lado Pedro Alvares Cabral, capitão-mór da armada.

Finda a missa, o bispo de Centa, de pé so-

bre o degrau do altar, proferiu uma allocução dirigida aos expedicionarios.

— Todos os trabalhos que ides tomar, dizia D. Diogo, por serviço de Deus e do vosso rei os levareis a cabo com aquella paciencia e perseverança que fortificam o coração do homem para as maiores e mais arriscadas empresas. A gloria do grande Infante, que fundou este templo em memoria da protecção pela Santa Madre de Deus dispensada a suas primeiras navegações, bastaria a dar-vos alento e esperanza, força e firmesa de animo. O mar oceano era semelhante ao campo inculto, cheio de pedras duras, que o agricultor vai a pouco e pouco desbravando e lavrando. Foi o grande Infante que principiou a obra, trabalhando por vencer não as asperezas da terra, mas as da agua. Foi elle que lançou ao seio das ondas as primeiras sementes de nossa navegação e commercio. Vós ides agora, Deus louvado! colhêr os fructos já amadurecidos, e podeis ir certos de que a quantidade e qualidade da colheita vos não enganará a esperanza, porque já deram entrada no celeiro do reino as ricas primicias de tão afortunada safra, o ouro, as pedras preciosas e especiarias que o Oriente cá nos mandou como

guarda-avançada de suas riquezas naturaes. Ide, pois, com a minha benção e com esta bandeira, que ambas vos darão estímulo para defesa de vossa vida e fazenda, para salvação de vossos corpos e almas. Ide, e ponde os olhos no exemplo de vosso capitão-mór, que, por acceitar esta ida, larga seus regalos e bens, seu senhorio e alcaidaria¹, sua quietação e solar, sua paz e descanso. Ponde os olhos n'elle como n'um sol que vos ha de allumiar², n'uma estrella de guia que vos ha de levar, com o premio de Deus, a porto e salvamento, sãos e salvos, contentes e vencedores.

E o bispo de Ceuta, depois de abençoar solemnemente a bandeira de Christo, entregou-a a el-rei, que por sua vez a passou ás mãos de Pedro Alvares Cabral, em cuja cabeça enfiou um «barrete bento»³, que o papa lhe mandára, dizendo-lhe que para honra do reino lhe confiava aquella bandeira, como se o proprio reino entregasse á sua guarda e lealdade.

¹ O senhorio d'Azurara e a alcaidaria de Belmonte.

² «E a mayor parte da pregação forão lououres de Pedralvares cabral por acceitar aquella ida». Castanheda, *Hist. do descob. e conq. da India*.

³ Castanheda, *log. citado*.

Então, a multidão que se agglomerava dentro do templo e ao longo da praia comprimiu-se para abrir caminho á procissão, que os frades de S. Francisco precediam de cruz alçada, entoando antiphonas.

Seguia-se o alferes da armada desfraldando a bandeira, que o bispo benzêra.

El-rei caminhava após a bandeira, levando á ilharga Pedro Alvares Cabral.

E um numeroso çortejo formado por Vasco da Gama, pelos capitães das naus e pelos altos dignitários da côrte fechava essa extranha procissão, meio religiosa e meio profana, que no decurso de trez annos o povo contemplava pela segunda vez.

Á beira do caes, a cruz alçada parou aguardando que el-rei se aproximasse.

Era ahi que D. Manuel devia receber as ultimas despedidas dos navegantes.

A bordo das naus troava, como na vespera, a artilheria, soavam as trombetas, ruflavam os tambores, e uma infinidade de instrumentos musicos, cujas vozes não seria facil discriminar, completavam esse atroador ruido que se repercutia estrondosamente no valle do Tejo de margem contra margem.

À roda das naus pairavam dezenas de bateis empavesados, cheios de familias que iam dizer o ultimo adeus aos tripolantes ou de curiosos que não queriam perder o final de tão formoso espectáculo.

Depois que el-rei se retirou de Rastello e recolheu aos paços d'Alcaçova, ainda continuou até sol-posto o movimento dos bateis sobre o Tejo, levando e trazendo gente, assim como não afrouxou a expectativa da grande mó de povo, que manchava, como vasto formigueiro, a margem direita do Tejo.

A tristesa e a alegria confundiam-se mais uma vez n'esse bizarro espectáculo da partida de uma frota para longes terras: tristesa dos que ficavam e dos que partiam, disfarçada em alegria postiça, que alimentasse a coragem aos que partiam e a resignação aos que ficavam.

«A qual espedida, diz Barros, geralmente a todos foi de grande contemplação, porque a maior parte do povo de Lisboa por ser dia de festa, e mais tão celebrado por el-rei, cobria aquellas praias e campos de Bethlem: e muitos em bateis que rodeavam as naus, levando uns trazendo outros, assi serviam todos com suas librès e bandeiras de côres divisas, que não pa-

recia mar, mas um campo de flores, com a frol d'aquella mancebia gentil que embarcava.»

Às lagrimas, aos acenos, às vozes saudosas dos que embarcados nos bateis se despediam, respondiam, às vezes, de bordo das naus, sons festivos de flautas, pandeiros e até avênas pastoris com que os maritimos queriam adormecer sua propria saudade.

«E o que mais levantava o espirito d'estas cousas, prosegue Barros, eram as trombetas, atabaques, séstros, tambores, frautas, pandeiros: e até gaitas cuja ventura foi andar em os campos no apascentar dos gados, n'aquelle dia tomaram posse de ir sobre as aguas salgadas do mar, n'esta e n'outras armadas que depois a seguiram, porque para viagem de tanto tempo tudo os homens buscavam para tirar a tristesa do mar.»

Os degredados, logo que os embarcaram, tinham sido alliviados dos ferros, desalgemados e soltos dentro das naus, cujo convez era já para elles o inicio da terra do exilio, onde em liberdade ficariam.

Apesar do estygma de seus crimes, reaes ou suppostos, a lei, deportando-os, admittia que o sentimento do amor patrio não se teria apa-

gado de todo em seus corações, e que no de-
gredo prestariam ao reino valiosos serviços de
propaganda civilisadora, que seriam ao mesmo
tempo um bem para a patria e uma rehabilita-
ção para elles proprios.

Affonso Ribeiro, debruçado sobre a amurada
da nau, punha os olhos nas almuinhas verde-
jantes do Rastello, nos cêrros agrestes do occi-
dente, que lhe fallavam ainda da sua querida
Lisboa, perdida para sempre.

Não via a multidão que se acotovellava sobre
a praia, nem os bateis que pairavam em torno
da armada; tambem não ouvia os sons, apparen-
tamente alegres, das frautas, dos pandeiros e
das tibias campesinas.

No fundo do quadro que se desenrolava a
seus olhos apenas contemplava a imagem lacri-
mosa de Helena Gonçalves, turvada pela dôr,
inconsolavel na sua angustia, porque era sem
esperança.

Os mareantes, os pagens e grumetes, podiam
mostrar-se desenfadados e foliões, embora dis-
farçassem a natural commoção de uma longa au-
sencia, porque, se Deus lhes não tirasse a vida,
voltariam á patria, tornariam a vêr seus lares e
familia.

Mas para elle a patria morria n'aquella hora, era um adeus eterno o que os seus olhos enublados mandavam, por sobre as almuinhas do Rastello e os cêrros do occidente, á imagem de Helena, cujas feições pareciam esfumar-se já vagamente a perder de vista com os mais altos contornos da cidade lōnginqua.

Beijava, escondendo a cabeça entre as mãos, para que ninguem o visse, o escapulario que ella lhe dera, e dos seus tão malfadados amores não conservava outra recordação material, outra lembrança visivel e palpavel, que o prendesse ao passado.

Já o sol principiava a inclinar-se rapidamente ao occaso, quando um batel, descendo o Tejo a golpes de remo e com esforçada velocidade, demandava a armada.

Sentado á proa, um frade amparava amoraavelmente contra o hombro a cabeça de uma mulher, moça e linda, que, com os olhos fechados, parecia ter o proposito de não querer vêr o que se passava em torno d'ella.

Á pôpa, governando o leme, ia um velho de barbas brancas, que attentamente olhava a um e outro lado, como se fosse reconhecendo sitios que havia muito não tornára a vêr.

Quando o batel se aproximou da frota, o velho do leme fallou aos remeiros, indicando-lhes uma das naus: aquella em que os dois degredados e os dois grumetes seus amigos tinham embarcado juntos por mercê que Pedr'Álvares fizera a D. João Tello.

Dados alguns vigorosos golpes de remo, a prôa do batel guinou direita ao costado da nau, que o velho indicára.

Então, como junto ao chapiteu da ré e pela amurada fóra tivesse visto numerosos tripolantes, alguns dos quaes tangiam seus instrumentos musicos, o velho do leme fallou para cima, mas não pôde ser ouvido.

Viu-se, porém, que um grumete, colhendo pelo braço um pagem novato que estava soprando a uma flauta, travára com elle uma especie de lucta amigavel, em que o frauteiro ficou vencido, porque logo se calou.

— Ó infernal gaiteiro! berrou o grumete, que tanto folgas antes de tempo! Deixa ouvir o que está dizendo mestre Thomé Gonçalves, que é aquelle velho que governa o batel.

— Ah! és tu, Vasco Fernão! gritou mestre Thomé. Não te conhecia! Obrigado, filho! Chama ahi Affonso Ribeiro e João de Thomar e

Pero Ayres, que a ti e a elles vimos trazer as ultimas espedidas.

E accrescentou com profunda tristeza :

— Principalmente aos dois que não hão de tornar.

— Mestre Thomé ! apostrophou uma voz alvoroçada. Aqui somos todos os que mandastes appellidar.

Era a voz de Affonso Ribeiro.

Helena Gonçalves conheceu-a, e abriu os olhos.

Na desvairada expressão do seu olhar dir-se-hia que a altura da nau a medira ella como se estivesse vendo uma formidavel montanha que entestasse com o céu.

Affonso Ribeiro já lhe não parecia o mesmo homem que ella vira tantas vezes na casa do Painel do Anjo, mas um estrangeiro que habitava uma grande cidade fluctuante, onde os costumes e até as physionomias eram differentes.

E se levantava o olhar, fazendo-o subir ao longo dos cabos e mastros da nau, encontrava no alto, serena e azul, a abobada do céu.

Parecia-lhe que ella própria já não estava dentro do batel, mas que, alando-se no espaço,

encontrava, na claridade do firmamento, o olhar de Affonso Ribeiro, como n'um sonho ou n'uma realidade inteiramente desconhecida e nova.

— A que horas, perguntou mestre Thomé, ha ordem para levantar ferro ?

— Ao quarto d'alva, respondeu João de Thomar.

— Bem dizia a minha Helena que se não viessemos hoje, já de manhã cedo vos não encontraríamos aqui. É sempre ella quem tem razão ! . . .

— E vós, mestre Thomé, haveis extranhado a maresia ? perguntou Pedro Ayres para dar um tom jovial ao dialogo.

— Eu ! Eu vim fazer a minha ultima viagem, dizer adens á ribeira do Tejo e a vós outros.

N'isto soou a bordo uma sineta, e todas as vozes se calaram subitamente.

— Tange á oração, disse mestre Thomé. Ide encommendar-vos a Deus; que vem ahi a noite.

Helena Gonçalves, com os olhos muito fitos em Affonso Ribeiro, exclamou como n'um estertor d'agonia :

— Adeus !

E quatro vozes responderam do alto da amurada :

— Adeus !

Mas Helena Gonçalves distinguia perfeitamente, entre essas quatro vozes, a de Affonso Ribeiro.

Mestre Thomé virou a canna do leme, e o batel obedeceu promptamente á manobra.

Sobre os montes boleiados da margem esquerda esmoreciam uns longes de sol poente, como um soluço de luz moribunda. A torre de S. Sebastião de Caparica, que D. João I tinha mandado levantar, principiou a embrulhar-se nas sombras da noite, que lhe endureciam os contornos.

Mestre Thomé, silencioso, corria soffregamente a vista por ambas as margens do Tejo, reavivando recordações.

Frei Fernando do Cadaval resava n'um tom placido, quasi imperceptivel.

Helena Gonçalves, com os olhos cerrados, encostava-se ao hombro do padrinho e estremeia suspirando em convulsões instantaneas e successivas.

A noite caira.

Ao quarto d'alva, de segunda feira nove de

março, a armada de Pedro Alvares Cabral levantou ferro e desferiu velas.

Foram melancolicos os primeiros dias passados a bordo.

Em pleno mar, porque o capitão-mór tinha recommendado muito que puxassem para fóra da costa o mais depressa que pudessem, a saudade da patria refinou vivacissima.

Até o proprio Diogo Dias, almoxarife que fo de Sacavem e era o homem mais alegre e gracioso que ia a bordo, embuchou e emmudeceu.

Os gaiteiros não tangiam suas avênas, parecia não haver alli nenhum grumete serrano que se lembrasse da frauta pastoril com que, no surgidouro do Rastello, tinha ensurdecido os ouvidos da tripolação.

Navegando para sudoéste, a armada velejou ao occidente da Madeira, em razão de Nicolau Coelho ter avisado de que era melhor aproar a oéste do que a léste da ilha, por se encontrar maior força d'agua e um nordeste fresco e favoravel.

Essa maior força d'agua, a que Nicolau Coelho se referira, era a corrente polar da Africa septentrional.

Ao cabo de uma semana, em que a vida de bordo conservara o character sombrio dos primeiros dias de viagem, no sabbado, das oito para as nove horas da manhã, passou a armada entre as Canarias, achegando-se mais da «gram canarea»¹, provavelmente enfiando pelo canal que fica entre a Gran-Canaria, cuja montanha vulcanica está coberta de neves eternas, e Tenerife, cujo pico, imponente e severo, cortava a lucidez do horizonte.

O mar estava de leite, o ar quieto, as velas cahiam a pique por falta de viração.

Era a primeira calmaria da viagem.

A vista de terra, ainda que terra extranha e de duro aspecto, e a ociosidade proveniente da calmaria fortaleceram e desanuviáram um pouco mais o animo dos navegantes.

Um grumete de Vianna puxou da sua frauta, e lançou sobre o mar das Canarias, deante de Tenerife, os primeiros sons rudes e doces de uma aria popular, que fazia bailar as cachopas do Minho.

Um outro, que era natural d'Aveiro, achou que a toada minhota não tinha tão grata ex-

¹ Carta de Pero Vaz Caminha a el-rei D. Manuel.

pressão como a canção marítima de que as varinas gostavam mais, e, para desaffrontar a sua terra, saudou as neves da Gran-Canaria e o pico de Tenerife enviando-lhes essa canção, que modulou com branda saudade.

Pero Vaz Caminha que, á vista das Canarias, se dera pressa em escrever n'um caderno umas garabulhas que só elle entendia, espicaçado por Diogo Dias, que o metten a ridiculo mais aos seus gregotins, dizendo-lhe que ainda não estavam em Calecut para que tomasse tanto cuidado em fazer a escripturação da feitoria, decidiu o pleito travado entre os dois grumetes pronunciando-se a favor da aria de Vianna.

— Este julgamento é suspeito, disse Diogo Dias, porque vós pendeis para o Minho por onde andastes.

— Enganais-vos, que venho do Porto...

— Sim, atalhou o Dias, vindes do Porto e ides para a India, bem sabemos.

Riram todos os que os ouviam, e não eram poucos os que n'esse momento estavam ociosos no convez.

Diogo Dias proseguiu imperturbavel:

— Confessai, Pero Vaz, que ainda vos puxa o coração para Antre-Douro-e-Minho, e que

de lá trazeis infindas recordações. A proposito, contai a nós outros alguma d'essas historias e lendas dos castellos do Minho, que os ha por lá em barda, como tortulhos em lameiro.

— Sim! sim! contai-nos alguma historia, exclamou um filho do feitor Ayres Corrêa, que ia com seu pai para a India, e era ainda um moço de treze para quatorze annos.

— Pois de boa feição vos contarei, para matar saudades...

— Ah! confessaes então! exclamou Diogo Dias.

— Por minha fê! que me apraz mais ver a serra da Cabreira que o pico de Tenerife. Pois vou recontar-vos a lenda de Dom Sapo, que é a mais interessante lenda de quantas por lá ouvi e aprendi.

— A lenda de Dom Sapo! repetiu Diogo Dias. Ahi está um — *dom* — que decerto custou menos trabalhos e perigos que o de Vasco da Gama!

— Pois ouvide, se quereis.

N'isto, como se o vento quizesse pregar uma pirraça a Pero Vaz, retirando-lhe a palavra como seculos depois haviam de fazer os

presidentes dos parlamentos na Europa constitucional, uma aragem inesperada e ainda subtil passou de travez nas velas da nau.

Nicolau Coelho, com os olhos fitos na capitana, viu-a bolinar, e gritou:

— Orça!



XIII

A lenda de Dom Sapo

Passou uma semana sem que a bordo da nau de Nicolau Coelho alguém tornasse a falar na lenda de Dom Sapo, cuja narração Pero Vaz tinha promettido na altura das Canárias.

É este um indicio claro de que o espirito dos navegantes já ia mais habituado á vida do mar, e, por isso mesmo, menos propenso a refrescar lembranças da patria.

Em verdade que, vencida a commoção dos primeiros dias, a tripolação de todas as naus alentara-se com a certeza de que navegava já para uma região cujo roteiro Vasco da Gama tornára conhecido.

O horror dos *mares nunca d'antes navegados* tinha-se dissipado como o pesadelo de um longo

sonho: o caminho marítimo para a Índia era uma realidade, de que o próprio Nicolau Coelho podia dar testemunho seguro.

Pela volta das dez horas da manhã de domingo 22 de março, avistou-se de bordo uma nuvem vermelha que pairava sobre o horizonte.

Este espectáculo causou estranheza aos expedicionários, que não sabiam explicá-lo.

Annos antes, teria sido reputado como uma lenda terrífica, uma visão de sangue ou de fogo, sinistra e ameaçadora.

Mas as lendas terríficas do mar ignoto haviam feito o seu tempo, Bartholomeu Dias e D. Vasco tinham afugentado as visões e os espectros da tradição medieval, o próprio Adamastor já estava vencido.

De modo que, navegando ao encontro d'essa estranha nuvem, a armada descobriu que ella envolvia, como um veu de gaze escarlata, uma ilha, que o piloto Pero Escobar dissera ser a de S. Nicolau.

Effectivamente, estavam nas alturas do archipelago de Cabo Verde, fosse essa a ilha de S. Nicolau como Escobar teimava, ou a de S. Thiago como Damião de Goes havia de escrever depois na sua chronica.

O nevoeiro vermelho que a velava era um phenomeno aliás vulgar n'aquella região, e frequente na primavera: deve-se a um pó côr de tijôlo que as investigações da sciencia dizem hoje ser uma densissima agglomeração de infusorios oriundos da America meridional.

Mas, como os navegantes estavam a alguns seculos de distancia d'esta explicação, contentaram-se os embarcações velhos em metter á bulha os marujos novatos que se tinham intimidado com o extranho aspecto d'essa nuvem sanguinea.

O tempo corria sereno nas alturas do archipelago, como certifica Pero Vaz quando diz: sem hi haver tempo forte nem contrario.

Esta versão de uma testemunha presencial desmente a lenda de que a armada fôra, n'essa latitude, assaltada por uma tempestade que fez esgarrar uma das naus.

Justamente porque o tempo corria sereno, muito admirado ficou Pedr'Alvares quando ao amanhecer de segunda feira deu effectivamente pela falta da nau que Vasco de Athayde commandava.¹

¹ Barros e Goes dizem que a nau era a do capitão Luiz

O capitão-mór expediu ordem para que alguns navios fossem procurar a nau esgarrada, e que outros arreassem as vergas e alli esperassem por ella.

A nau de Nicolau Coelho foi uma das que ficaram.

Dois dias duraram as diligencias, sem resultado algum: Vasco d'Athayde não apparecêra.

Pero d'Athayde, seu irmão, que o havia procurado com dedicado desvelo, voltou, não triste, como poderia suppor-se, mas alegre e zombeteiro, como o seu genio requeria. Veiu contar a Pedr'Alvares ter-se encontrado com uma nereida, que, pondo fóra da agua a cabeça toucada de aljofares, lhe participára que seu irmão Vasco fôra conduzido aos aposentos de Amphitrite, a qual, logo que o viu, resolvêra pregar mais uma infidelidade na bochecha conjugal de Neptuno.

— Ou vós não fosseis *O inferno!* respondeu o capitão-mór sorrindo.

A bordo da nau de Nicolau Coelho aquella

Pires; mas Pero Vaz Caminha, com toda a sua auctoridade, escreve que «aa segunda feira lhe amanheço se perdeu da frota Vaasco datayde com a sua naao».

forçada ociosidade de quarenta e oito horas fez com que tornasse a lembrar a lenda de Dom Sapo.

N'essa altura da viagem pode dizer-se que o sentimento predominante entre a tripolação era já o da despreoccupação alegre. Se algum marítimo sentia maior rebate de saudade, os piques, as vaias dos outros envergonhavam-n'o.

Alguns dos degredados haviam-se familiarizado com a sua desgraça, e não mentimos se dissermos que João de Thomar sentira renascer, sobre o oceano, a sua alma de marinheiro, esquecendo-se ou querendo esquecer-se de que tinha embarcado para não voltar.

Mas Affonso Ribeiro permanecia na mesma apathia dolorosa, sentara-se, alheio ao que se passava, na tolda, pondo os olhos na amplidão immensa da agua e do ceu.

Por mais que Vasco Fernão, Pero Ayres e o proprio João de Thomar procurassem arrancar-o áquelle attribulado tórpôr, era tempo perdido, trabalho baldado.

A angustia do pobre moço dava nas vistas a toda a gente, impressionava, e tanto que, sabendo-o Pedr'Alvares, que sollicitamente se in-

formava do que se ia passando em todas as naus, dissera uma vez :

—Coitado d'elle! E para maior mofina, D. João Tello m'o encommendou como innocente na culpa! Quando tocarmos em terra, hei de mandal-o commetter alguma empreza por desanojal-o de sua dôr.

Assim, ao tempo que Pero Vaz Caminha começou a contar a lenda de Dom Sapo, todos os tripolantes que estavam no convez, qualquer que fosse sua categoria, se aproximaram mais ou menos respeitosaente para ouvil-o.

Só Affonso Ribeiro, perdidos os olhos na vastidão do horizonte, se deixou ficar sentado sobre um montão de cordame.

Pero Vaz Caminha, visivelmente lisonjeado por ser o fóco de todas as attenções, prefaciou a lenda de Dom Sapo auctorisando-a com o cunho de «um rumor antigo» que as velhas sabiam, e d'esta guiza a contou:

—No tempo do conde Anrique, ou ainda antes seria, vivia nos paços de Moure, em Cardellos¹ junto ao Lima, um rico-homem chama-

¹ Hoje Cardiellos.

do D. Florentim Barreto, muito zeloso de seus feudos, e grande oppressor de seus vassallos. Ainda hoje existe em pé a torre que elle, se não foram seus maiores, houve dos moiros pela força das armas, e as cachopas do Minho, quando teem de passar junto d'essa negra torre maldita, não o fazem sem cuspir tres vezes ao chão e atirar para dentro do fosso um punhado de feijões, gritando: — « Fartar, D. Sapo rouçom. Tómal-os feijões, e mais duas figas ».

Diogo Dias, por ser o mais ledo dos ouvintes, cortou a narrativa dizendo:

— Fidalgo de retraço era esse, a quem prestam menagem com tão grosseiro manjar!

Estalaram risadinhas á conta da facecia.

— Chiton! apostrophou Pero Vaz com toda a sua prosapia de chronista. De feijões gostava muito D. Florentim, e seus vassallos procuravam amansar-lhe a indole brava, levando-lh'os por galanteria. Em boa fé vos aconselho, Diogo Dias, que se alguma vez passardes em Cardellos, não pergunteis aos visinhos d'esse logar se já levaram os feijões ao fidalgo, porque virieis enxotado de geito que não esperaríeis outro ruxoxó.

— Dai ao démo o conselho, replicou Diogo

Dias, que me enfada menos pisar a tilhá das naus do que andar pelos barrocaes e algares do vosso Minho.

— Como vos praza, amigo, mas ficai certo que meu conselho era sincero, porque se com os feijões de Cardellos enchesseis a bocca, dar-vos-iam lá matraca. Dom Florentim vivia vida de prazer, e de al não cuidava. Iam-se-lhe os dias em correrias venatorias, caça de monteria e altaneria, com grande apparatus de monteiros e falcoeiros, de alões e libreos, de gerifaltes e nebris. «Blivia», nem vel-a. Livros de orações, não os conhecia. E assim como perseguia as alimárias da terra e do ar, perseguia seus vassallos, cioso dos feudos que d'elles havia. Dentro do seu couto não casava moça que, antes de ter ajuntamento carnal com o marido, se podesse esquivar a dormir a primeira noite das bodas com Dom Florentim Barreto, por lhe pagar um fôro de honra, que elle não dispensava.

— Pois tão malvado costume existiu algum dia? perguntou boquiaberto o piloto da nau.

Aqui Pero Vaz inchou de importancia por ter occasião de ostentar suas prendas litterarias.

—Era o tributo da marketta, segundo referem os livros velhos. E assim como um falcão, subindo ao ar, cai sobre a ralé que lhe não pode fugir das garras, D. Florentim preava as moças de sua baronia como um rausador mais damninho do que ave de rapina.

—Bom proveito! disse o alegre Diogo Dias.

—Mas certo vassallo, continuou imperturbavelmente Pero Vaz, que estava para desposar uma formosa moça, e que não gostava de iguarias babujadas por bocca alheia, chamou a capitulo todos os visinhos e com elles tramou um ardil, com que juntos se foram á presença do conde Anrique e lhe disseram: «Senhor, existe no couto de Cardellos um bicho que nos causa grande damno, especialmente a nossas mulheres, a quem, mordendo-as, põe sua peçonha». E o conde perguntou-lhes: «Que bicho é esse?» «Um sapo», responderam elles. «Porque o não matais?» «Não o faremos sem que nos orde-neis sua morte.» «Pois ide, e matai-o». E foram-se, e mataram D. Florentim. Riu o conde em sua cõrte de Vimaranes d'aquella desusada queixa, e da innocencia dos rusticos. Mas houve quem lhe dissesse que o sapo peçonhento seria D. Florentim Barreto, porque de *Sapo* era al-

cunhado. Ficou pensativo o conde, e mandou recado a Cardellos para saber a verdade. Voltou o mensageiro e recontou que o rico-homem D. Florentim jazia morto na sua torre de Moure, porque o povo o escosera a senhos golpes. E grande nojo tomou então de sua propria innocencia o conde, que n'este feito foi mais innocente do que os rustiços.

Pero Vaz Caminha contava a historia de Dom Sapo como a tinha ouvido no Minho, e como, no correr dos tempos, havia de chegar até nós colhida de uma longinqua tradição popular.¹

Hoje tudo faz suppor que o *direito da primeira noite* não revestiu o character odioso, de violencia corporal, que lhe tem sido attribuido, mas que não passava de uma homenagem prestada pelos vassallos ao senhor feudal, ao qual era pedida licença para a celebração do matrimonio, licença concedida mediante o pagamento de um imposto.²

¹ Referida na *Chorographia* do padre Carvalho; *Extrangeiros no Lima*, de Bezerra; *Elucidario*, de Viterbo; *Portugal antigo e moderno*, de Pinho Leal; *Minho pittoresco*, de J. A. Vieira, etc.

² *Le droit du seigneur au moyen age*, por Luiz Veuillot.

O estudo comparativo do regimen feudal na Europa da idade-média leva a essa convicção.

Mas a recordação nublosa do poderio dos ricos-homens, as vagas memorias que andam ainda ligadas ás ruinas dos antigos castellos senhoriaes originaram a lenda de Dom Sapo, confundido o imposto sobre o casamento, a homenagem prestada ao castellão pelo vassallo que queria mudar de estado, com a prelibação violenta da noiva.

Ainda hoje restam vestigios, não já do imposto, mas da intenção de vassallagem, na licença que os individuos de certas classes sociaes são obrigados a pedir ao rei para contrairem casamento: taes são os nobres e os militares.

A imaginação popular, apoiada sobre a confusa tradição dos tempos medievaes, vê ainda a lenda de Dom Sapo não só na torre de Moure, em Cardiellos, mas em muitas localidades do Minho onde existiram ou existem torres e castellos. Assim, na freguezia de S. Thiago de Atheães, concelho de Villa Verde, havia uma torre chamada do Outeiro, geralmente conhecida

—O direito do senhor foi uma medida fiscal da propriedade por José Relvas.

pelo nome de Dom Sapo, e que foi demolida em 1870; no mesmo concelho, tambem a torre de Penegate, da freguezia de S. Thiago de Carreiras, anda envolvida na lenda por generalisação.

Vê-se pois que se não trata de uma referencia local a um facto historico mais ou menos deturpado, mas de uma allusão generica ao regimen feudal, de que as torres são ainda vestigios materiaes.

A phantasia do povo tem bordado, sobre esta vaga reminiscencia, versões mais ou menos caprichosas, que não alteram, comtudo, a essencia da tradição — o seu character fundamentalmente politico¹.

Mas Pero Vaz Caminha era do seu tempo,

¹ « Na freguezia de Caldellas existe uma casa, a que chamam de D. Sapo, hoje propriedade de um cavalheiro que reside em Lisboa, e á qual anda ligada uma lenda curiosa

« Essa lenda prende-se ao antigo tributo do directo senhor, e, segundo ella, o tal D. Sapo foi morto por um alfaiate, que se vestira de mulher, na noute do noivado, apresentando-se assim ao fidalgo, como sendo a propria desposada.

« Por aqui *ha bastantes d'estas lendas, etc.*» (*Commercio do Porto*, de 30 de agosto de 1891).

contava o que tinha ouvido, a mais não era obrigado.

Effectivamente, em Cardiellos, quem aguenta com o odioso do *jus primae noctis* é D. Florentim Barreto, um dos senhores da torre de Moure, o qual realmente existiu, e constituiu honradamente familia, porque uma sua filha, D. Elvira Florentino Barreto, casou com D. Mem Nunes Velho, de quem houve semel.

Ora nós tivemos occasião de presenciar que Pero Vaz não estava lá muito certo na epocha do seu conto, e que duvidosamente o foi collocando no tempo do conde D. Henrique.

Pois não andou de todo mal, por isso que D. Gomes Mendes Barreto, neto de D. Florentim, desposou D. Constança Paes, irmã de D. Gualdim Paes, que viveu e foi creado com D. Affonso Henriques.

— Com que então, disse Diogo Dias, o tal fidalgo de Cardellos não tinha bocca senão para feijões e vassallas... verdes!

— E os feijões, accrescentou Pero Vaz, havia-os elle, em abundancia, por causa das vassallas.

— Como assim?!

— Porque não entregava as noivas, ao outro

dia do casamento, sem que o povo lhe levasse quantidade de feijões, muitos feijões.

— Rufianaz! exclamou o piloto.

— Eis aqui está a razão por que eu dizia a Diogo Dias que não perguntasse pelos feijões aos visinhos de Cardellos. Uma vez atravessava eu o rio Lima n'um batel, junto á torre de Moure, e o barqueiro lembrou-se de gritar a um camponez que andava pela borda d'agua: «Vós outros quereis feijões?» Teve logo resposta torta e, como os visinhos o ouvissem, acudiram em barda, gruiram sobre nós, ferveram pragas e pedras sobre o nosso batel, a ponto que tivemos de mudar de rumo por salvar as costellas, que a mim me faziam muita falta para trazer á India.

Riram-se todos os ouvintes, e alguns d'elles, principalmente os de menor categoria, commentavam entre si a historia de D. Florentim Barreto, dando apenas razão ao senhor de Moure no tocante aos feijões, que eram iguaria que elles muito bem conheciam, por as mais das vezes não terem outra melhor.

Só Affonso Ribeiro, sentado ainda sobre o montão de cordame, parecia indifferente á impressão produzida pela lenda de D. Sapo.

Vasco Fernão chegou-se a elle e, para distrair-o, perguntou-lhe:

— Ouviste o conto de Pero Vaz?

— Ouvi, respondeu Affonso Ribeiro. Mas para roubar as alegrias do noivado áquelles que por ellas esperavam, ha ainda um monstro maior que a luxuria de D. Florentim.

— Qual é? perguntou Vasco Fernão.

— É o destino. Os homens esmagam o sapo, mas o destino esmaga os homens.

Viu-se partir da capitana um esquife, que se dirigia á nau de Nicolau Coelho.

Esperaram-n'o com impaciencia, receiando ser alguma má nova.

Trazia recado para que o feitor Ayres Correa e Pero Vaz passassem á capitana a conferenciar com Pedr'Alvares sobre os negocios da feitoria de Calecut.

— Lá se nos vai em má hora o nosso bom chronista de rouços e sapices! exclamou Diogo Dias.

E o caso é que Pero Vaz deixou saudades a bordo da nau de Nicolau Coelho, que, realmente, perdera n'essa hora um interessante historiador ou, como hoje diriamos ironicamente, um interessante historista.

Mas Pero Vaz, aposentado a bordo da capitana, alternava as lembranças do capitão-mór relativas á feitoria de Calecut com as suas proprias lembranças relativas á viagem.

E lançava no canhenho estas palavras, como se estivesse datando de um palacio principesco seus apontamentos particulares: «esta naau do capitão moor».

XIV

Vera Cruz

Sempre amarados,—*per este mar de lomgo*,— como diz a carta de Pero Vaz, foram os expedicionarios seguindo as instrucções que tinham recebido em Lisboa.

Entrara ó mez de abril, e com elle a Semana Santa, que os frades de S. Francisco e os clérigos de missa commemoraram devidamente a bordo das naus.

Como era natural que acontecesse, a recordação da patria reavivou-se, resurgiu n'um relampago de maior saudade com a chegada da Paschoa,—o periodo das festas de familia, das alegrias do foliar, da romagem ao Santo Condestabre, memorias saudosas que passavam pelo espirito de todos os mareantes, como um bando

de aves que o ensombrasse n'um lento vôo de azas negras.

Rodeava-os a solidão do mar largo n'aquella epocha do anno em que os prados de Portugal despertavam ao beijo tepido do equinoxio da primavera, e floriam boninas de risonho matiz.

Havia mais de mez que os olhos dos expedicionarios não tinham visto senão a terra arida das Canarias, montanhas vulcanicas, praias agrestes onde os cães, que deram nome áquellas ilhas, vinham ladrar ao mar uivando em porfia com as ondas; e o archipelago de Cabo Verde, por cima de cujos montes seccos e requeimados, que escondem valles fecundos, ondulava, como um pennacho negro, o fumo do vulcão na ilha do Fogo.

A aprasivel flora da metropole, a vegetação delectosa da patria ficava já a muitas leguas de distancia, e, por isso, cada um d'aquelles rudes homens do mar, que não estavam habituados a galanterias nem puerilidades, folgaria de tornar a ver, ainda que fosse na illusão optica da miragem, um jardim que lhe alegrasse os olhos, uma flôr ou uma planta a que soubesse o nome.

Era a saudade da terra, o cansaço, o fastio da solidão do oceano.

E, inesperadamente, o mar fez-lhes a vontade, deu-lhes uma surpresa agradabilissima.

No dia vinte e um de abril, viram fluctuar sobre as ondas vastos taboleiros de hervas verdes, de folha comprida, que pareciam ir procurando as naus para saudal-as em nome de uma terra desconhecida, que não devia ficar longe.

Mas se a terra era desconhecida, as plantas que navegavam na ondulação do mar não o eram; os maritimos experimentados sabiam-lhes os nomes.

— Olhai! dizia um piloto, Aquella herva conheço eu, chama-se «botelho».

— E aquella, dizia um sota-piloto, tambem eu conheço: chama-se «rabo d'asno». O succo d'esta herva, sorvido pelo nariz, faz parar os fluxos de sangue.

O proprio Diogo Dias, sempre trocista, estava encantado com a surpresa, não se lembrou de fazer qualquer trocadilho sobre o nome da planta, nem de metter á bulha os conhecimentos therapeuticos do sota-piloto.

— Vá homem fiar-se na ruindade das terças

feiras! dizia um grumete. É hoje terça feira, e tivemos este bom encontro!

Mas se aquella terça feira não lhes fôra aziaga, ainda melhores novas lhes trouxe o dia seguinte, porque, logo ao amanhecer, avistaram aves, que tambem os pilotos conheceram.

Eram, disse um, bandos de «fura-buchos». A terra devia estar proxima.

E, calculando a distancia a que ficaria a ilha de S. Nicolau, os melhores pilotos acharam que seria de seiscentas e sessenta ou seiscentas e setenta leguas.

Navegando todo o dia, no rumo que o vô das aves indicava, a horas de vespera houveram vista de um monte, alto e redondo, que, para o sul, se ramificava em serras de menor vulto, sombreadas de basto arvoredo, que iam declinando até alastrar-se em planicie.

A terra que os expedicionarios portuguezes tinham á vista era a America meridional,— a costa d'esse grande continente, onde um só paiz, o Brazil, é quasi tamanho como a Europa inteira.

As serranias que os portuguezes enxergavam eram a cordilheira dos Aimorés, nome dos indios que a tinham povoado, oriundos, segundo antiga crença, da numerosa tribu dos tapuyas.

Essa vasta corda de montes corre ao longo da costa, de norte para su-sudoéste.

A serra mais baixa, a que Pero Vaz Caminha se refere, seria a collina sobre a qual veio a sentar-se, na margem esquerda da embocadura do rio Buranhen, a povoação de Porto Seguro.

A «terra chã» era a praia recortada pela angra que constitue o porto.

E os «grandes arvoredos», ainda confusos á distancia de algumas leguas, eram essa vasta floresta de arvores pujantes de vida e seiva, que distingue a vegetação brazileira — a copahiba, que dá o balsamo d'este nome, a almecega, que produz a gomma elastica, a famosa ubirapitanga¹, o tatagiba, de que se faz uma tinta amarella, a araribá, o vinhatico, o jacarandá, o cedro, o olhio, de que os indios constroem canoas, o parobo branco e vermelho, a sapucaia, a tapinoá, o merindibá, o pau de ferro, as palmeiras, o labyrintho phantastico dos cipós que se penduram dos ramos das arvores, e os enleiam, e toucam, tecendo de tronco a tronco, de fronde a fronde, complicadas rêdes de ver-

¹ Pau brazil.

dura, uma abobada rendilhada d'onde á luz do sol parece cahir uma chuva de esmeraldas.

Quando Pedro Alvares avistou essa formosa região occidental, cujo descobrimento as instrucções recebidas tanto facilitaram, já o estio, que vae de setembro a fevereiro, já os seus maiores calores, que caem no ultimo trimestre do estio, haviam passado.

A temperatura refrescára, repetiam-se chuvas, não esses leves choviscos do verão, a que se chama pirajás e que tão beneficos são á cultura do cajú, mas grossos aguaceiros, puxados pelo suéste.

Não obstante, o clima era doce, as arvores não perdiam as folhas, as florestas conservavam toda a opulencia da sua vegetação tropical.

Decididamente Pedro Alvares Cabral tinha deante dos olhos uma *ilha encantada*, porque elle suppunha ser realmente uma ilha; ia tocar n'um paiz onde, ainda mesmo na quadra pluviosa, a primavera é eterna, onde algumas arvores ainda não despojadas dos ultimos fructos já viçam cobertas de novas flores.

Por se estar na segunda oitava da Paschoa, Cabral deu o nome de Paschoal ao grande monte que avistou de bordo, e á supposta ilha chamou

Vera Cruz, por memoria certamente da recente solemnidade da Semana Santa, em que a Igreja commemora o sacrificio do divino crucificado ¹.

Depois de terem lançado o prumo, acharam ancoragem limpa, a dezenove braças, e alli, á vista de terra, fundearam durante a noite de quarta para quinta feira.

Profundas e extranhas deviam ser as sensações de Pedro Alvares Cabral e dos seus companheiros de viagem a tão pequena distancia de uma terra desconhecida, que se lhes apresentava como um problema a resolver, e que os surprehendia com a grandesa dos seus montes, com o esplendor da sua vegetação, e com o mysterio dos seus habitantes, dos seus costumes, das suas producções e riquezas naturaes.

Se o aspecto da terra era para elles como um livro fechado, cujos segredos desejavam conhecer, o aspecto do ceu não os devia impres-

¹ Como se vê pelas datas que temos indicado, não é exacto que o nome de Vera Cruz proviesse do descobrimento ter sido realisado no dia 3 de maio. «Esta opinião erronea, diz Varnhagen, produziu um anachronismo de consequencia, que até em actos publicos voga indevidamente pelo Brazil.»

sionar menos, n'essa primeira noite do Brazil, pela profusão dos seus astros, pelos brilho das suas constellações mais vivo do que no hemispherio boreal, entre as quaes avultava aos olhos dos portuguezes a do *Cruzeiro do sul*, figuração luminosa do lenho segrado, onde expirára o Deus que elles adoravam, e que, por uma suggestão maravilhosa, parecia tel-os atraído ali.

Brilhante constellação do ceu dos tropicos, grupo deslumbrante de estrellas fulgidas, que parece perpetuar no firmamento a divina tradição do Calvario:

Foi gente nossa a primeira
 Que te viu na esphera austral;
 Olhos foram portuguezes,
 E naves de Portugal!

 Nuncias das glorias passadas!
 Luzes altas, argentinas,
 Devieis andar bordadas
 Sobre a bandeira das quinas! ¹

Nicolau Coelho, vendo que Affonso Ribeiro

¹ Fernandes Costa, *Poema do ideal*.

tinha passado longas horas a contemplar o ceu, onde a *Cruz do sul*, feita de estrellas, brilhava n'uma serenidade magestosa, disse piedosamente:

— Ó alma triste, que tanto scismas! vai procurar descanso no somno.

— Senhor Nicolau Coelho, respondeu Affonso Ribeiro, pois que me trataes com tanta brandura, uma grande mercê quizera pedir-vos.

— Dizé.

— Que façaes com que o nosso capitão-mór me deixe ficar n'aquella terra que além está, qualquer que ella seja, por mais selvaticos e alarves que possam ser seus habitantes. E se nenhuns houver, tanto melhor, porque viverei entre as aves do ceu e as alimarias da terra, sem que me espionem olhos curiosos e sem que me affronte a felicidade dos outros homens. João de Thomar, que como eu está innocente na culpa que nos pozeram, tambem me encommendou que vos pedisse igual mercê para elle. Somos companheiros na desgraça, e justo parece que o sejamos tambem no degredo. As nossas almas, ligadas pela amizade, jámais poderão separar-se. Esta mercê vos requeiro pois, para ambos

nós, fiado em vosso bom coração e generoso animo.

—Se vos apraz ficardes aqui um com o outro, respondeu Nicolau Coelho, assim o representarei ao capitão-mór, que de tua desgraça tem grande dó.

—Beijo-vos as mãos, senhor capitão, porque consolareis a minha alma, que já não pode com o carrêgo de tamanha desdita.

E, logo que Nicolau Coelho voltou costas, Affonso Ribeiro tirou do seio o escapulario que lhe dera Helena Gonçalves. Beijando-o, ergueu os olhos para o *Cruzeiro do sul*, porque entre aquelle escapulario e aquella constellação achou o seu espirito a dolorosa relação que liga a Mãe Inconsolavel ao Filho Crucificado, assim como o escapulario de Nossa Senhora da Purificação ligava, atravez do espaço, a alma attribulada do degredado á alma não menos attribulada de Helena Gonçalves.

Quando rompia a manhã do dia seguinte, a armada velejou com a prôa á terra e, a meia legua da praia, ancoraram junto á foz de um rio, cujos contornos eram opulentamente engrinaldados pelas rhizophoreas chamadas mangues, que no dizer de um erudito escriptor brasileiro

«são arvores como que destinadas pelo Creador para marcar aos rios dos climas entretropicos os seus leitos, quando suas aguas se vão mesclando com as salgadas do mar».

Dado o rebate de que aquella terra era habitada, porque tinham sido vistos na praia sete ou oito homens, o capitão-mór ordenou que Nicolau Coelho fosse n'um batel sondar o rio, em cautelosa exploração.

Ao tempo que o batel embocou na fôz, já na praia havia um ajuntamento de dezoito ou vinte indigenas, homens pardos, maneira de avermelhados, nus, armados de arcos e setas.

Nicolau Coelho, vendo-os correr para a beira d'agua, deu-lhes signal para que depozessem os arcos, o que elles promptamente fizeram.

Como era natural, Coelho desejava colhêr informações, mas nem entendia o que os indigenas diziam, nem o balanço do batel, na arrebentação do mar, permittia grande demora, de modo que teve de contentar-se com dar a um d'elles um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça, recebendo em troca um sombreiro de pennas de ave vermelhas e pardas e um ramal de contas brancas meudas, que queriam parecer rosarios d'algibeira.

Era o primeiro escambo de artefactos realisado entre os habitantes do velho e novo mundo: o prologo d'essas vastas relações commerciaes que os seculos haviam de consolidar.

Nicolau Coelho voltou no seu batel a contar ao capitão-mór o que tinha visto e passado.

Durante a noite cahiram fortes aguaceiros, e ventou tanto de suéste, que fez cassar as naus, razão pela qual Pedr'Alvares pela manhã, depois de ouvido o conselho dos pilotos, mandou fazer vela ao longo da costa, á procura de uma abrigada.

Os indigenas acudiam á praia, em maior numero do que na vespera, seguindo com espanto as manobras da frota.

Tinha Cabral dado ordem aos navios pequenos para que, logo que descobrissem porto, fizessem signal amainando.

Em cumprimento d'esta ordem, havendo os navios encontrado um ancoradoiro bom e seguro, a que uma ampla foz dava facil ingresso, entraram e amainaram.

As naus obedeceram logo ao signal convencionado, mas, por ir adeantada a tarde, pararam a uma legua do porto, ordenando Cabral que o seu piloto Affonso Lopes, homem destro

para esta empresa, sahisse no «esquife» a verificar as condições da abrigada.

O piloto Lopes não perdeu d'esta feita os seus credits de solerte, porque recolheu á capitana trazendo dois mancebos indigenas que andavam n'uma almadia, um d'elles com arco e setas.

Eram ambos fortes, afogueados da face, e de correctas feições. Vinham nús, mas com innocente despreocupação de sua nudez. O labio inferior era atravessado, á laia de enfeite, por um osso branco, que terminava em ponta aguda como furador. A cabeça rapada sobre as orelhas, mas os cabellos crescidos sobre a nuca eram corredios. Um dos dois indigenas trazia a fronte encapellada por uma cabelleira de penas amarellas, redonda e basta, que lhe descia aos hombros.

Quando o esquife de Affonso Lopes chegou á capitana, era já noite.

Accenderam-se tochas na coberta da nau, e Pedro Alvares Cabral, querendo receber os indigenas com solemnidade, esperou-os sentado n'uma cadeira, em traje de festa, gibão de seda, opa de brocado, gôrra de velludo com pluma, collar de oiro. ao pescoço.

À volta da cadeira, sobre a alcatifa, amezendaram-se Sancho de Toar, Simão de Miranda, Nicolau Coelho, Ayres Correa e outros dos mais qualificados da frota, que de suas naus tinham affluido á capitana, entre elles Pero Vaz, que, muito attento, não queria perder uma unica minucia d'essa extranha entrevista.

Os dois indigenas não fizeram menção de saudar Cabral: decerto não estavam elles menos admirados do que os portuguezes, porque o espectáculo era por egual empolgante e novo para uns e outros.

Mas, ao cabo de algum tempo de perplexidade, um dos indigenas, fazendo reparo no collar do capitão-mór, começou apontando com a mão para o collar e para a terra.

Entenderam-n'o: queria significar que na terra havia oiro.

E, vendo um castiçal de prata, repetiu o gesto, como para indicar que tambem em terra havia prata.

Mostraram-lhes um papagaio pardo, da Africa, que Pedr'Alvares levava, e logo ambos os indigenas lhe pegaram como a ave já sua conhecida, tornando a acenar para a terra.

Apresentaram-lhes um carneiro, a que não

deram grande atenção, e em seguida trouxeram-lhes uma gallinha, de que quasi houveram medo.

Esta informação de Pero Vaz, corroborada pela circumstancia de que os indios «nom lhe queriam poer a mão», tanto a vista da gallinha os surprehendera, não faz á primeira vista sentido com a informação de Pero de Magalhães, que foi contemporaneo d'el-rei D. Sebastião, e que diz no seu *Tratado da terra do Brazil*: «Ha tambem muitas gallinhas de matto, que os indios matam com frechas».

Effectivamente, sabemos que algumas tribus brazilicas conheciam a gallinha, porque no seu vocabulario se encontra a palavra *çapucaia*, que significa gallinha e gallo, mas os aimorés, que tinham descido das montanhas para o litoral, perdendo toda a noção da vida agricola do sertão para se entregarem apenas á caça, desconheciam a gallinha ou, pelo menos, extranhariam a sua domesticidade.

Como quer que seja, é para extranhar esta circumstancia, notada por Pero Vaz, sabendo-se que outras tribus tambem tinham uma expressão para designar o canto matutino do gallo, e que ao proprio gallo apreciavam supersticiosamente, fosse pela sua presença ou pelo seu canto.

Mandou Pedr'Alvares servir aos dois indigenas pão, peixe cosido, confeitos e figos passados.

Não gostaram. Repelliram o vinho, que lhes foi offerecido, e também lhes enjoou. Estavam habituados a embriagar-se com a doce raiz do aypi, que ferviam primeiro e que, depois de triturada por moças virgens, era espremida em grandes potes.

Da agua que lhes trouxeram n'uma albarada tomaram apenas alguns bochechos, e rejeitaram-n'a.

Um d'elles, vendo umas contas de rosario brancas, acenou que lh'as dessem. Contente as lançou ao pescoço, e gesticulou alegremente apontando para terra e para o collar do capitão-mór, como para exprimir talvez «que dariam ouro por aquillo».

Como a audiencia tivesse sido longa, os indios mostraram-se fatigados: e, para descansar, estiraram-se sobre a alcatifa, tendo Pedr'Alvares ordenado que lhes pozessem coxins sob as cabeças, e os cobrissem com um manto.

O da cabelleira deitou-se de modo a não damnifical-a, tanto gosto fazia d'essa peralvilhice sertaneja.

E tranquillamente, serenamente, os dois indios adormeceram. Dir-se-ia que n'esse momento nascera a mutua confiança que os seculos estreitaram entre Portugal e Brazil, e que apenas fôra interrompida, nos primeiros tempos da colonisação, pela natural hostilidade entre o indio, zeloso da sua independencia, «traço distinctivo do character do selvagem»,¹ e a invasão civilisadora do colono.

No sabbado pela manhã, todas as naus entraram no porto, tão grande, formoso e seguro, que n'elle podiam caber e ancorar á vontade mais de duzentos navios.

Reuniram-se os capitães a bordo da capitana, e Pedr'Alvares ordenou que Nicolau Coelho e Bartholomeu Dias fossem a terra e levassem comsigo os dois indios, aos quaes offereceram camisas, carapuças, rosarios, cascaveis e manilhas, bem como lhes restituiram os arcos e as setas de que tinham vindo armados.

Dando esta informação, Pero Vaz accrescenta: «... e mandou com elles pera ficar lá huñ mancebo degradado criado de Dom João Tello, a que chamão Affonso Ribeiro, pera andar lá com

¹ Gonçalves Dias, *Rev. do Inst. Braz.*

elles, e saber de seu viver e maneira, e a my que fosse com Nicolaáo Coelho».

Vê-se pois que o pedido que Affonso Ribeiro fizera a Nicolau Coelho fôra attendido pelo capitão-mór, que, condoido da desgraça do degradado, já aliás havia pensado em confiar-lhe alguma empresa para desanojal-o de sua dôr.

Foram os dois bateis direitos á praia, onde já estava multidão de indigenas, com arcos e frechas.

Fizeram-lhes signal para que deposessem as armas e se afastassem. Pousaram os arcos, mas não se afastaram muito.

Então os dois indios que iam nos bateis, desembarcaram, e logo deitaram a correr tanto, que Affonso Ribeiro, que devia acompañal-os, não os poude seguir.

Passaram a vau um rio de muita agua, que lhes dava pelo joelho, e só pararam n'um bosque de palmeiras, onde outros indigenas se lhes reuniram.

Percebe-se que a curiosidade de saber o que aos dois tinha acontecido a bordo das naus reunisse alli tanto gentio.

«E n'aquillo, diz Pero Vaz, foi o degradado com um homem, que logo ao sahir do batel o

agasalhou, e levou-o até lá, e logo o tornaram a nós, e com elle vieram os outros que nós levamos, os quaes vinham já nós, e sem carapuças».

Toda a multidão dos indios se acercou dos bateis, ajudando a encher de agua os barris que os portuguezes tinham levado, e pediam que lhes dessem cascaveis e manilhas, que lhes trocassem seus arcos e setas por sombreiros e carapuças, fazendo-lhes Nicolau Coelho a vontade até onde foi possível.

Então poderam os nossos vêr de perto o aspecto dos indigenas, que traziam o corpo descoberto e sarapintado, «quartejado de côres», e o labio inferior furado por um osso ou pau, e a cabeça emplumada de variegados cocâes.

O costume de pintar o corpo, fixando a tinta do urucú e genipapô com uma cõdea de gomma copal, explica-se não só por louçainha selvagem como pela necessidade de o preservar das ferretoadas dos mosquitos, que no sertão brasileiro são em barda, especialmente ao longo de algum rio e entre os bosques de mangu. Dentro do matto, quando não ha viração, os mosquitos tornam-se perseguidores, não largam o gentio, envolvem-n'ò, assaltam-n'ò.

A pintura dos indigenas faria com que os portuguezes viessem a dar aos aimorés a designação de botocudos, de *boto* e *códea*, talvez por allusão a serem roliços e á crosta de gomma copal que os cobria¹, se é que o epitheto não derivou, como parece mais provavel, da palavra *botoque*, o passador que os indios traziam atravessado no beijo.²

Entre os homens andavam algumas moças, n'uma innocencia paradisiaca, não tendo outro manto que o de seus proprios cabellos, abundantes e negros, porque lá diz Pero de Magalhães que «as femeas prezam-se muito de seus cabellos, e trazem-n'os muito compridos, penteados; e as mais d'ellas enastrados».

Outro Pero, o nosso conhecido Caminha, descrevendo uma d'essas moças, affirma que era tão bem feita, e tão redonda, «e sua vergonha que ella não tinha tão graciosa, que a muitas mulheres de nossa terra vendo-lhe taes feições fizera vergonha, por não terem a sua como ella».

Esta gentil india, que tanto impressionou Pero

¹ Saint-Adolphe, *Dicc. Geogr. do Brazil*.

² Varnhagen, *Hist. Ger. do Brazil*.

Vaz, era em verdade uma das mais galantes, das mais bellas mulheres da tribu. Chamava-se Jatahî, nome que, segundo o costume dos indios, fôra pedido ao sertão ¹: Jatahî é a mais pequena das abelhas, e o seu mel o mais puro e claro de todos. Jatahî não teria ainda quatorze annos, porque, n'aquelle excepcional clima, a mulher é como a arvore, desenvolve-se precocemente.

Os aimorés, que receberam os portuguezes não para os adorar como deuses, no que procederam ao contrario do que os indigenas fizeram depois na Bahia a Diogo Alvares o *Caramurú*, nem como inimigos, porque ainda os não vimos desfechar uma seta contra elles, eram comtudo uma tribu guerreira e implacavel quando se encontrava com outra tribu e quando, mais tarde, disputava o territorio aos primeiros colonos.

Prisioneiro que lhes cahisse nas mãos devia contar com a morte, que lhe davam por um processo barbaro e lento; anthropophagos, a carne humana apetezia-lhes como um manjar delicado.

¹ «Além do nome de nascença que era de algum animal, planta, etc.» Varnhagen, *Hist. Ger. do Brazil*.

Mas a mulher india, em geral, tinha um coração que não desconhecia as delicadesas do sentimento, por um instincto de brandura feminina, que é peculiar ao seu sexo, em qualquer latitude que se encontre.

Foi ella que, pela sua dedicação, conseguiu salvar a vida de muitos prisioneiros. «E acontece algumas vezes, diz Pero de Magalhães, affeição-se tanto a este captivo (qualquer), e tomar-lhe tanto amor que foge com elle para sua terra, para o livrar da morte; e assim alguns portuguezes ha, que d'esta maneira escaparam, e estão hoje em dia vivos».

Machado d'Oliveira, escriptor brasileiro, cita um semelhante exemplo de dedicação, talvez inspirado pelo amor. É interessante a narração para accentuar a indole branda da mulher aimoré no meio de uma tribu de homens agueridos e crueis.

«A condição bravia e feroz dos *Aimorés*, que, ao embrenharem-se nos mattos da serra-geral tomaram o nome de *Botocudos*, não era sustentada ante suas mulheres, em cuja presença mostravam-se doces, affaveis e condescendentes. A tregua que depois de innumerous annos de guerra e desolações houve entre elles e os ca-

lonos estabelecidos no territorio entre o Belmonte e o Parahyba do Sul, foi promovida por uma de suas mulheres apprehendida por Alvaro Rodrigues, com o interesse de ser sua esposa: e tanto preponderou ella no animo de seus compatriotas, que commoveu-os a sustarem a lucta, entregando-se-lhe a flecha de ponta quebrada, que symbolisava a paz entre os belligerantes ¹».

A mulher representou na colonisação portugueza da America meridional um papel importantissimo, pela sentimentalidade que a distinguia no meio de cabildas barbaras e sanguinarias.

A india sertaneja tinha o instincto da civilisação, alimentava na sua alma o sonho de uma vida que o amor dulcificasse, sem a escravidão brutal dos costumes indigenas ao homem que a possuia.

O indio, fóra da guerra, era ocioso, indolente, e sensual. A mulher trabalhava por elle, e guardava fidelidade a seu marido, ordinariamente, segundo a tradição do gentio, um tio paterno ou materno. Mas o indio, permittindo-se a po-

¹ Na *Rev. do Inst. Braz.*

lygamia, tendo tres ou quatro mulheres, ainda que a uma d'ellas considerasse mais do que ás outras, affrontava o orgulho, o brio, a dignidade da alma feminina.

Maltratada pelo marido, a india, amando extremosamente os filhos, facto que Virey notou na polygamia, não podendo já soffrer mais, revoltava-se, e ia procurar novo senhor, cahir em nova escravidão.

— *Ecoaen*, vai-te para onde quizeres, respondia-lhe o marido com o desdem de um forte, mas sem a castigar pela ultima vez.

E de taba em taba, de sertão em sertão, a india ia procurando um estado social de carinho e delicadesa que não podia encontrar.

Muitas vezes matava-se, preparando o veneno que ingeria, porque as indias conheciam tão bem como os pagés, medicos da tribu, os venenos e os antidotos.

« Algumas vezes, observa Gonçalves Dias, tambem divagavam pelos campos floridos da illusão e os seus labiões, mudos para os queixumes, se abriam para soltar cantos modulados pela ternura e enthusiasmo; e em nome da imaginação, da intelligencia, da poesia, protestavam contra a abjecção em que lhes era força viver, e con-

tra a qual depunha a natureza, bafejando-as com uma faisca do fogo creador».

Compreende-se, portanto, que a india fosse profundamente impressionada pelo colono europeu, que, além da suggestão exercida pela variedade da raça, se rodeiava de costumes brandos, amaciados pela civilisação.

Por sua parte, o colono europeu deixou-se impressionar pela belleza das indias, de feições correctas, esveltas no vulto como a palmeira do sertão, e que os escriptores que primeiro trataram do Brazil affirmavam, como Pero Lopes, que não eram inferiores em formosura ás lisboetas da rua Nova dos Ferros e, como Pero Vaz, que talvez fossem ainda superiores ás portuguezas.

N'um paiz onde a vegetação era deslumbrante e o ceu esplendoroso, onde a seiva parecia turbilhonar como um vulcão no seio da terra, fazendo pullular a vida e a força por toda a parte, comprehende-se que a influença da propria natureza lançasse na alma da mulher, por ser mais sensivel que a do homem, os germens de uma poesia instinctiva e ferosa, que fazia brotar um vago ideal de amor incomprehendido dos homens barbaros da tribu.

O colono, chegando, satisfazia, pelos seus costumes civilisados e pela amenidade da indole, esse ideal, esse sonho de amor, que a india, até ahí escravizada, alimentava em segredo.

Assim a mutua predisposição da india para o colono e do colono para a india, facilitando, por ligações affectuosas, a fusão das raças, cimentava a civilisação europea no continente americano, a despeito da hostilidade dos indios¹.

Affonso Ribeiro fez menos reparo nas indias aimorés do que Pero Vaz Caminha, que, apesar de pai de filhos, ficou encantado com a belleza e nudez de Jatahî, a Venus do sertão, a quem, para regalo dos olhos portuguezes, até faltava o «delgado sendal» com que Camões resguardou a pudicicia da Venus mythologica.

E se Pero Vaz soubesse o que queriam dizer as ligas de algodão que Jatahî trazia atadas abaixo dos joelhos, mais appetitosa ainda lhe pa-

¹ «Os primeiros colonos que vieram ao Brazil, e que se familiarisaram e alliam com a cabilda visinha do porto em que ficaram, juntavam-se logo, mesmo sem ser em lei da graça, com alguma india, que segundo vimos os proprios escriptores não deixavam de achar bellas». Varnhagen, *Hist. Ger. do Braz.*

receria aquella jovem india que, na sua carta, tanto elogiou a el-rei D. Manuel.

Essas ligas — *tapacurá*, como os indigenas lhes chamavam, — eram o signal da virgindade.

Em algumas tribus, substituiam as ligas por armillas, que andavam enfiadas no ante-braço, tambem tecidas de *maniú* (plantas do algodão).

Quando a mulher, ainda que fosse solteira, perdia a virgindade, rompia a liga ou despedaçava o bracelete.

Precisamos fixar esta tradição, com que ainda tornaremos a encontrar-nos.

Mas se Affonso Ribeiro, que gosava finalmente o seu primeiro momento de triste liberdade, se não preocupou com a mais bella das indias que andavam pela praia, o mesmo não aconteceu a Jatahî, que, impressionada pelo aspecto docemente melancolico d'aquelle homem desconhecido, começou a gritar por entre os grupos da cabilda:

— *Abá angaturama!* (Homem bom!)

Ouviu-a seu tio paterno, um indio alto e forte, cujo nome de guerra era Açú, vocabulo que significava — grande ¹.

¹ Os indios, depois que tinham combatido a primeira vez, adoptavam nomes de guerra.

Segundo os costumes indigenas, como já dissemos, os tios tinham primacial direito á posse das sobrinhas ¹. Açú allegava esse direito. Mas Jatahî, repellindo-o, exprimia o desejo de querer fazer voto de castidade, o que tambem os costumes permittiam ².

Não gostou Açú do enthusiasmo que Jatahî revelou ao vêr o desconhecido; pareceu-lhe até demasiado enthusiasmo em quem pretendia fazer voto de castidade.

Irritado, aconselhou uma india velha, que tinha acorrido á praia, por isso que entre os indigenas a opinião das velhas era tida como oraculo, a que fizesse com que fosse repellido esse homem, que Jatahî havia classificado de bom.

¹ Pero de Magalhães, *Tratado da terra do Brazil*.

² *Ibid*, *log. cit.*

XV

A primeira missa

Resolveu Pedr'Alvares solemnizar o domingo de Paschoella por agradecer a Deus a boa estrea da sua primeira viagem,—o descobrimento d'essa supposta ilha occidental, que parecia surgir do mar como um jardim em flor.

Cabral enganava-se, semelhantemente a Colombo, que julgou ter chegado á India pelo occidente. O seu jubilo seria, pois, ainda maior, se Cabral tivesse podido imaginar a extensão do vasto continente em cujo litoral havia tocado.

Mandou o capitão-mór armar uma especie de pavilhão n'um ilheo da bahia, e, sob elle, construir um altar, onde frei Henrique Soares podesse celebrar a missa da Paschoella.

Cabral e todos os capitães da frota, vestidos

em gala, foram em seus hateis desembarcar no ilhéu, onde o celebrante, os outros franciscanos e os clérigos seculares já os estavam aguardando.

No esquite de Cabral fluctuava a bandeira da ordem de Christo, que tinha sido benzida em Belem e que, logo que o capitão-mór chegou junto do altar, foi collocada da parte do evangelho, em altura conveniente para poder ser vista de todos.

Frei Henrique, paramentado de vestimenta branca e acolytado por os outros sacerdotes, principiou a entoar a missa.

A manhã tinha alvorecido nevoenta, como é frequente no Brazil, a nebrina prendia-se á côma do arvoredado, que, no dizer ingenuo de Pero de Magalhães, chama a si todos estes humores, e parecia toucal-o como um veo fluctuante.

Mas a pouco e pouco o sol foi subindo como n'uma explosão de luz, rasgando com flechas de ouro a nebrina, que o vento da terra acabou por varrer e dissipar.

A atmospherá tornou-se de um brilho, de uma lucidez, de uma puresa inexciveis. A saude, a vida, a força retemperavam subitamente os pulmões, e alegravam a alma.

Sobre o esparavel armado no ilhéu cahiam a flux os ramos verdes da floresta, n'uma grande pompa de vegetação decorativa.

Legiões de beija-flores, pequeninos e ageis, volitavam doidamente por entre o arvoredó.

As aves canoras, os sabiás, que são os melros do Brazil, os gronhatás, e os corrixos, que valem uma orchestra, saudavam a manhã, gorgendo.

Sobre a enseada esvoaçavam, em giros estonteados, muitas aves aquaticas, as caraúnas, negras e brilhantes como o azeviche, as colheireiras, grandes, vestidas de pennas côr de rosa, as garças, brancas como o collo de Ignez de Castro.

Os indios, absorvidos pela novidade do espectáculo que os portuguezes lhes estavam proporcionando, viam passar as aves, que pareciam vir desafiar a sua pericia de caçadores, e não lhes atiravam.

Os que estavam no ilhéu conservavam junto a si os arcos, cortados da madeira negra do airi, e as frechas, muito altas, feitas de taquarussú, com a ponta de cana, aguda como farpa, emplumada por duas pennas de mutum ou jacutinga, liadas por um fio de meli, trepadeira resistente.

Dir-se-ia que os indios sentiam um instinctivo respeito por essa cerimonia religiosa, que elles aliás desconheciam; que as aves canoras, por um instincto semelhante, associavam o seu canto á voz cadenciada de frei Henrique; e que as aves aquaticas, confiadas na solemnidade do acto, vinham refrescar as azas roçando-as impunemente pela agua do porto.

Durante a missa a attenção dos portuguezes foi por vezes despertada por avultado numero de papagaios, uns verdes, outros pardos, que esvoaçavam ao longe sobre o arvoredo.

Viram tambem grande quantidade de umas aves que lhes pareceram pombas, mas a que extranhavam a grandesa. Seriam pombos trocazes, que no Brazil são effectivamente maiores que na Europa.

Diogo Dias tambem affirmou ter visto algumas rôlas, e era natural que visse, talvez as que lá chamam «cascaveis», mas Pero Vaz Caminha, que se gabava de ter olho de caçador, por ter vivido no Minho, punha em duvida a affirmação de Diogo Dias, dizendo que não vira ave que se parecesse com a rôla.

A religião christã levantava n'essa hora o seu primeiro cantico sobre as plagas brazileiras, e

contava ás altas montanhas dos aimorés, sem que ellas a entendessem, a historia do Homem-Deus, que tinha sacrificado a propria vida pela redempção da humanidade.

Fôra n'uma das montanhas de outro continente que o doce Jesus fizera ouvir a sua linguagem singela, profundamente amavel, de modo que o santo sacrificio da missa, recordando o sangue derramado pelo divino fundador do christianismo, encontrava no aspecto da cordilheira americana um scenario suggestivo de analogias biblicas.

De um lado, enchendo o fundo do quadro, a montanha, que trazia á lembrança os penhascosos proscenios da Asia, o Ararat, o Sinai, o Golgotha, onde se desenrolou, desde o diluvio até ao deícidio, esse vasto drama religioso do monotheismo hebraico, finalmente corporisado na figura sublime do Messias.

Do outro lado, o mar, sobre cujas ondas a imaginação poderia vêr, sem grande esforço, as barcas e as rêdes d'esses obscuros pescadores da Galilea, que foram os primeiros apóstolos da religião christã.

Entre a montanha e o oceano, o territorio dos aimorés, o homem na sua primitiva ignorancia

e barbarie, odiando as outras tribus, banqueando-se com o sangue e as carnes das suas victimas humanas, desconhecendo a religião do amor, da paz, e da fraternidade universal.

Emquanto os portuguezes assistiam á missa, de joelhos, orando com a possivel devoção, os indigenas, sobraçando seus arcos e setas, observavam curiosos, assentados na areia uns, empoleirados nas arvores outros, mirando, seguindo os movimentos dos padres com interesse e surpresa.

Mas quando frei Henrique, acabada a missa, despiu a casula e, subindo a um estrado, pré-gou sobre o evangelho do dia, sobre a morte e resurreição de Christo, cuja commemoração ficava ligada ao descobrimento d'aquella terra pelo nome que Pedr'Alvares lhe pozera, os aimorés levantaram-se do chão, desceram das arvores, começaram a saltar, a dançar, a tanger em conchas grandes, *membí guassú*, e em paus ôcos, *borés*, de modo que alguns dos nossos maritimos se lembraram dos batuques que tinham visto na costa d'Africa.

E enquanto alguns assim folgavam em terra, outros, mettidos em jangadas, bordejavam ao redor do ilheo, ora ajudando-se com a pá,

ora agarrando-se aos ramos dos mangues e ás cordas verdes dos cipós, que lhes serviam de sirga.

Quando a prégação acabou, e os portuguezes entraram nos bateis para voltar ás naus, não só as almadias se agglomeraram por seguir-lhes o rumo, mas os indigenas que folgavam em terra correram á agua e por ella entraram emquanto tiveram pé, acompanhando essa brilhante flotilha que os cegava, e que o clangor das trombetas parecia tornar-lhes ainda mais attraente.

Pedr'Alvares tinha convocado para conselho n'aquelle dia a bordo da capitana.

Findo o almoço, todos os capitães se dirigiram á nau de Cabral, que expoz perante o conselho o motivo da conferencia.

A todos perguntou se lhes parecia bem que se mandasse a el-rei, pelo navio dos mantimentos, a nova do descobrimento d'aquelle terra, onde agora não poderiam demorar-se muito por terem de seguir sua viagem para a India.

Como em todas as assembléas, passadas, presentes e futuras, animou-se a discussão, digladiaram-se alvitres, mas tambem, como quasi sempre acontece depois de terem galrejado

as gralhas, o accôrdo foi geral ou quasi unanime.

Resolvido este assumpto, Pedr'Alvares perguntou se conviria aprisionar dois indigenas para envial-os a Portugal, deixando em seu logar Affonso Ribeiro e outro degradado.

O capitão-mór tinha n'esse momento na lembrança João de Thomar, segundo o pedido que Nicolau Coelho lhe havia feito.

A discussão tornou a animar-se, e a concluir pelo cònsenso dos capitães: que não valia a pena mandar indigenas, que ninguem entendia, e que, dado que se fizessem entender, exagerariam as riquezas da sua terra, dizendo que ella possuia tudo aquillo por que lhes perguntassem.

—Mais prudente me parece, disse Nicolau Coelho, que deixemos cá dois dos degradados que trouxemos, porque melhor informação poderão elles dar aos nossos mareantes do que os indigenas. E bem sabeis, accrescentou voltando-se para Cabral, que justamente dois d'esses degradados, Affonso Ribeiro e João de Thomar, vos requerem por mercê o deixal-os cá ficar.

—E o tomar os naturaes á viva força ou por astucia, ponderou Bartholomeu Dias, irritaria

contra nós o gentio, que quanto mais sanhudo menos tratavel seria de hoje ávante.

Este argumento de Bartholomeu Dias acabou por demover as opiniões ainda indecisas.

O conselho resolveu, pois, que ficassem em terra dois degredados, os quaes, segundo a escolha de Pedr'Alvares, seriam Affonso Ribeiro e João de Thomar.

Adoptado este alvitre, disse Cabral que, para continuar a commemoração festiva da Paschoella, fossem todos nos bateis folgar em terra.

Elle proprio deu o exemplo, entrando no esquite da capitana, e desembarcando na praia ao collo de dois marinheiros.

Muitos indios rodearam logo os portuguezes, depondo voluntariamente os arcos e as setas, que offerciam a troco de sombreiros, carapuças e manilhas.

Os nossos, já misturados com os indigenas, rindo com elles, sem que entendessem o que diziam, colhiam palmitos, que comiam¹, apanhavam camarões, que eram mais gordos que

¹ Garcia da Orta, a respeito dos palmitos da India: «é o olho da palmeira ou amago, e folhas ajuntadas as mais delgadas, a que chamamos palmitos».

os de Portugal, colleccionavam ramos e folhas como recordação da viagem, e Diogo Dias, sempre alegre, metteu-se a dançar com os indios ao som de uma frauta tangida por um gaiteiro da armada.

Então, n'essa diversão inesperada, tanto os portuguezes como os indios exhibiram suas prendas choreographicas.

Os indios, de pé, postados em circulo, hombro a hombro, sem encadearem as mãos e sem mudarem de logar, curvados para deante, movendo apenas a perna direita, e pondo o braço esquerdo na cabeça, baloiçavam-se como n'um rythmo de dança, cantando n'uma voz lenta, quasi sumida, que a pouco e pouco se ia alteando, á medida que uns aos outros se estimulavam gritando — hé! hé! hé!

Tal era a dança dos indigenas, laconicamente apreciada por Pero Vaz n'estas rapidas palavras: folgando uns antre outros sem se tomarem pelas mãos.

Os portuguezes, Diogo Dias principalmente, fizeram alguns exercicios de gymnastica, «dando no chão muitas voltas ligeiras, e salto real», de que os indios se mostraram contentes e admirados.

Mas, acabada a folia, os indigenas esquivavam-se, retraiam-se, como envergonhados de sua propria condição selvatica.

Mais que nenhum outro se subtraía Açú ao contacto dos portuguezes. Não tomou parte nas danças e, muito reservado, parecia espionar os menores movimentos de Jatahi, que attentamente seguia as evoluções de Diogo Dias, como se tivesse comprehendido que ellas representavam um progresso de civilisação.

O capitão-mór, emquanto fazia um reconhecimento á praia, dera uma ordem a Nicolau Coelho, que o acompanhava, com outros, a pequena distancia.

Pero Vaz diz-nos qual foi essa ordem.

«Mandou o capitão aquelle degredado Affonso Ribeiro, que se fosse outra vez com elles, o qual se foi, e andou lá um bóm pedaço, e á tarde tornou-se que o fizeram elles vir, e não o quizeram lá consentir, e deram-lhe arcos, e setas, e não lhe tomaram nenhuma cousa do seu, antes disse elle que lhe tomara um d'elles umas continhas amarellas, que elle levava, e fugia com ellas, e elle se queixou, e os outros foram logo após elle, e lh'as tomaram, e tornaram-lh'as a dar, e então mandaram-n'o vir».

Fôra Açú quem mais concorrera para que reenviassem ás naus Affonso Ribeiro, porque Jatahî, seguindo-o, continuara a exclamar, como na vibração fatídica de um augúrio :

— *Abá angaturama! Abá angaturama!* (Homem bom!)

Algumas velhas da tribu, por suggestão de Açú, disseram que o «branco» podia trazer desgraça, coisa má, *mbaé ayba* — ser um enviado de *Anhangá*, o genio do mal.

Mas Jatahî insistia, como illuminada por uma visão, em dizer :

— *Abá angaturama! Abá angaturama!*

E Jatahî tinha na tribu, além do prestigio de toda a mulher virgem, a *sympathia* que a sua belleza inspirava, porque os seus olhos eram azues — distinctivo de belleza sobremodo apreciada.

Mas Açú vencera ainda, e Affonso Ribeiro fôra despedido, sem embargo de Jatahî continuar a dizer :

— *Abá angaturama! Abá angaturama!*

Affonso Ribeiro viera contar, no que pudera ver de relance, que o gentio não tinha melhor habitação que umas choupaninhas de rama verde e de fetos muito altos como Entre-Douro-e-Minho.

Effectivamente, os aimorés não tinham aldeias (*tabas*), nem casas (*ocas*). Armavam com palmas um ligeiro abrigo ou, quando muito, formavam uma especie de cabana comprida, sem repartimento algum interior, coberta com folhas de pati ou de patioba. E dentro da cabana penduravam as redes em que dormiam.

Affonso Ribeiro contara tambem que os indios comiam «sementes», o que deve entender-se no sentido de fructos silvestres, e muito inhame, que os portuguezes conheciam pelo encontrarem na costa da Mina com o nome de «cará da costa».

Como não tinham lavoira, os aimorés não se prendiam ao solo por meio de uma habitação estavel. A caça e a rapina fizeram-n'os errantes, nómadas. Fôra assim que elles vieram descendo das montanhas para o litoral, onde as aves aquaticas abundavam.

Mas o viverem expostos ao tempo tornava-os mais fortes, e a sombra das arvores, que procuravam para encostar-se, vivendo, quando em paz, n'uma indolencia contemplativa de *lazzaroni* napolitanos, fumando constante e ociosamente na sua «cangoeira»¹, tornava-os talvez mais claros do que todos os outros indios.

¹ Canudo de palma cheio de folhas de tabaco, planta

Tem graça Pero Vaz quando diz que elles eram como as alimárias montezes, ás quaes o ar faz melhor penna e melhor cabello do que ás mansas.

Na segunda feira ao meio dia, o bacharel mestre João, *artium et medicine bachalarius*, acompanhado por dois pilotos, foi a terra para tomar a altura do sol, ou, como hoje diríamos, conhecer a latitude.

A hora propria para que essa observação podesse sahir *certa e sem fallencia*, segundo a expressão do doutor Pedro Nunes, era o meio dia. Por isso o bacharel João, apesar de andar muito doente de uma perna, onde uma ferida que tinha se abrira em chaga talvez pelas más condições hygienicas da vida de bordo, resolveu-se a ir fazer em terra a observação que no mar a arfagem do navio tornava incerta.

Mas, por não poder dar passo, pediu a Afonso Lopes e ao piloto de Sancho de Toar que o acompanhassem, isto é, que lhe servissem de muletas, comquanto desde as Canarias até ali o bacharel João tivesse ido n'um constante de-

a que, segundo a infirmação de Goes, elles chamavam Betum.

bique, por vezes irritado, com todos os pilotos, a respeito das latitudes, havendo quasi sempre entre elles uma grande differença de calculo.

Agora, que era preciso determinar a verdadeira situação geographica de Vera Cruz, para mandar dizer ao rei, o bacharel João resolveu-se a ir a terra, ainda que com sacrificio, munido da sua carta de marear, das tabuas de declinação do sol, do astrolabio de pau, e da tripeça sobre a qual havia de armar-se o astrolabio.

A bordo, o balanço do navio fazia estremecer a tripeça, não podendo por isso a observação inspirar tanta confiança como em terra, e, quanto ao novo astrolabio de metal, que estava pendurado na camara do capitão-mór, mestre João não se fiava muito n'elle, por ser novidade a que ainda se não costumara.

Logo que o bacharel João assentou na praia o seu improvisado observatorio, os indios fizeram-lhe circulo, muito curiosos e admirados, mas o nosso doutor não lhes deu attenção alguma, e tratou de tomar a altura do sol.

Armados os tres paus á maneira de cabrea, mestre João assentou sobre elles o astrolabio,

expondo-o ao sol, cujos raios entravam pelos orifícios das pinulas.

O resultado d'esta observação foi achar que Vera Cruz ficava afastada do equador dezeseite graus, no que, honra lhe seja, não errou muito, porque Porto Seguro está effectivamente arrumado a mais de dezeseis graus de latitude austral!

Mas os pilotos novamente dissentiram do parecer de mestre João, todos elles achavam que a distancia do equador era maior, e Pero Escobar ousou fixar essa distancia com um excesso de nada menos que cento e cincoenta leguas:

Azoinado com dôres na perna doente, e mais uma vez zangado com os pilotos, mestre João recolheu-se á nau, appellando para a observação de contra-prova que todos poderiam fazer no Cabo de Boa Esperança.

O capitão-mór perguntou-lhe que altura achara; para mandar dizer a el-rei.

— Fio que sua alteza, respondeu elle, mandando buscar o mappamundi que é de Pero Vaz Bisagudo, correndo do equador dezete grados para o sul, que foram tantos os que eu achei, poderão vêr o sitio d'esta terra. Na observação

de hoje tenho maior fé do que na das estrellas, em que sempre, pelo balanço do navio, acho differença de alguns grados.

Pela tarde, Pedr'Alvares chamou Diogo Dias, que tanto, na vespera, havia cahido em graça aos indios, e disse-lhe que fosse a terra com Affonso Ribeiro e João de Thomar, e que os degredados lá pernoitassem para que colhessem informações e habituassem os indios a tratá-los.

Diogo Dias levou ainda mais outro degredado, e todos quatro percorreram cêrca de legua e meia, até encontrarem as choupanas.

Mas os indios, que os seguiam sem maltratá-los, antes tentando-os com a offerta de papagaios e araras, acenando este com um fraldão de plumas, *arasoyá*, aquelle com um vistoso cocár ou corôa de pennas, *acangatar*, que pretendiam escambar por cascaveis e carapuças, não consentiram, sempre espicaçados pelo ciuimento Açú, que os brancos lá ficassem.

O proposito de Açú, em afastar os brancos por causa de Affonso Ribeiro, revela-se no facto de os indios, sempre movidos de curiosidade e já mais familiarizados, não terem duvida em offerecer-se para vir ás naus, chegan-

do Sancho de Toar a trazer para bordo dois d'elles, que a isso se prestaram, e que amavelmente agasalhou.

Mas quando Affonso Ribeiro repetia a tentativa de ficar em terra, como aconteceu na quarta feira seguinte, Açú era o primeiro a obstar a que elle lá pernoitasse, embora Jatahí, sempre n'uma allucinação vidente de pythonissa, não cessasse de exclamar:

— *Abá angaturama! Abá angaturama!*

XVI

O santo lenho

Mandou Pedr'Alvares abater uma arvore, por dois carpinteiros de bordo, para construir uma cruz, que n'aquellas plagas deixasse hasteada como padrão de seu desobrimento.

Os indios pareciam encantados do trabalho dos carpinteiros, porque inteiramente desconheciam a ferramenta com que os viam desbastar e aplanar o lenho.¹

Davam a isso mais attenção do que á azafama em que o pessoal da frota andava empenhado para despejar o navio dos mantimentos, que devia trazer ao reino a boa nova, e trans-

¹ «... porque elles nom teem couza que de ferro seja, e cortam sua madeira, e paaos com pedras feitas coma cunhas metidas em hũu pao antre duas talas mui bem atadas». Carta de Pero Vaz.

portar a carga dos viveres para dentro do porão das naus.

Feito o trasbordo das vidualhas, e acabada a tarefa dos carpinteiros, foi o capitão-mór a terra vêr a cruz, que estava encostada a uma arvore, junto ao rio.

Todos os portuguezes ajoelharam, seguindo o exemplo de Pedr'Alvares, e beijaram o santo lenho, symbolo da redempção christã.

Os indios não duvidaram imitar o exemplo dos portuguezes, logo que Jatahî, por uma espontaneidade impulsiva, ajoelhara, pondo as mãos, como vira fazer aos nossos.

No dia seguinte, que era o primeiro de maio, uma sexta feira, o tempo estava borrascoso.

Não obstante, os portuguezes desembarcaram com solemnidade, ao som de trombetas, levando á frente a bandeira em que se desenhava a cruz floreteada da ordem de Christo.

Caminhando ao longo do rio, pela margem do sul, Pedr'Alvares escolheu o sitio em que devia arvorar-se a cruz.

E enquanto alguns excavavam o solo no sitio em que o santo lenho devia ser posto, foi o capitão-mór com os religiosos e demais sacerdotes buscal-o procissionalmente.

Os indios acompanharam os portuguezes, e ajudavam-n'os a transportar a cruz, mettendo-se debaixo d'ella.

Quando todos chegaram ao local em que devia ser collocada, trataram os carpinteiros de hasteal-a com o auxilio de alçapremas e calabres.

Finalmente, o santo lenho ficou erguido a prumo, firme no solo, e todos os portuguezes descobriram a cabeça reverentemente.

Cada um d'elles, se possuísse o dom prophetico, poderia exclamar com o poeta-philosopho de nossos dias :

Oh! cruz, se desde o Golgotha não fôras
Symbolo eterno de uma crença eterna;
Se a nossa fé em ti fosse mentida,
Dos oppressos de outr'ora os livres netos
Por sua ingratição dignos de opprobrio,
Se não te amassem, ainda assim seriam.
Mas és nuncia do ceu, e elles te insultam.¹

E em verdade que a cubiça dos homens insultou, a breve trecho, o santo lenho que ficara cravado nas plagas americanas, substituindo o nome de *Vera Cruz* pelo de outro lenho, não

¹ Alexandre Herculano, *A cruz mutilada*.

sagrado, mas rendosa mercancia, o *pau brazil*, a que os indigenas chamavam *ibirapitanga* (pau vermelho) e a que os europeus deram o nome de *brazil* por analogia com outra madeira que vinha do Oriente e era assim conhecida.

Lenho por lenho, triumphou a ganancia sobre a fé.

É graciosamente ironica a linguagem de Barros, quando diz: «Como que importava mais o nome de um pau que tinge panos, que d'aquelle pau que deu tintura a todol-os sacramentos per que somos salvos, por o sangue de Christo Jesu que n'elle foi derramado».

Arvorada a cruz, lançaram-lhe os carpinteiros altas escadas para ir collocar sobre ella as armas do reino e a divisa d'el-rei, uma espheera armillar, de modo que n'esse padrão do descobrimento ficassem enlaçadas, no mesmo lenho, a realesa do ceu e a da terra.

Entretanto fôra armado o altar portatil, onde devia dizer-se a missa, que frei Henrique Soares, depois de paramentado, começou a cantar.

Os indios, entre os quaes estava Jatahî, conservaram-se de joelhos, como os portuguezes, emquanto frei Henrique officiou.

Mas Açú não apparecera. Internara-se na flo-

resta, d'onde, por entre o arvoredado, espreitava, com olhos chammejantes de colera, o que se estava passando.

Ao evangelho, os portuguezes ergueram-se; os indios fizeram o mesmo.

E, ao levantar a Deus, como os portuguezes tornassem a ajoelhar, com as mãos postas, os indios ajoelharam tambem, alçando as mãos.

Entretanto um sol fortissimo, de trovoadas, rompêra por entre as nuvens, e os indios, olhando para o ar, pareciam saudar a luz com alegria, adorar uma divindade, exclamando:

— Tarú! ¹

Alguns afastaram-se, como tentados pelo brilho do sol.

Outros ficaram, e um d'elles, já idoso, vendo commungar por mão de frei Henrique os religiosos e clérigos, o capitão-mór, os maioraes das naus, e os dois degradados Affonso Ribeiro e João de Thomar, ² fallava ao demais gen-

¹ «Não têm especie alguma de culto; consideram o sol como uma divindade a que chamam Tarú». Saint-Adolphe, *Dicc.*

² «... pelos dois degradados que aqui antreles ficam, os quaaes ambos hoje tambem comungarão». Carta de Pedro Vaz.

tio, acénando-lhe para o altar e para o ceu, como a explicar que se tratava de uma cerimonia religiosa.

Acabada a missa, frei Henrique, despindo a vestimenta e ficando em alva, subiu a um estrado, como tinha feito no domingo da Paschoella, e prégou do evangelho do dia, commemorando a festa dos apóstolos S. Filippe e S. Thiago, que a Egreja celebra no 1.º de maio.

Os indios olhavam attentamente para o franciscano, e o mais idoso d'elles chamava os outros para que viessem e estivessem quêdos. D'elles uns obedeciam, outros não.

Rematada a prédica, frei Henrique assentou-se junto á cruz, e, recebendo da mão de Nicolau Coelho alguns crucifixos de estanho, que tinham ficado da viagem de Vasco da Gama, lançava-os ao pescôço dos indios.

Jatahî, n'uma carreira de gazella, correu para frei Henrique, receiosa de não ser contemplada na distribuição.

E, como frei Henrique beijasse o pequeno crucifixo, antes de lh'o pôr ao pescoço, ella, recebendo-o, tambem o osculou.

Em todas as cerimonias d'este dia, Jatahî teve uma evidencia que chegou a impressionar os

portuguezes, porque Pero Vaz Caminha faz especial menção na sua carta de— «hũa mulher moça, a qual esteve sempre aa Missa, aa qual deram hũu pano com que se cobrece, e puzeram-lho d'arredor de sy».

Hasteada e saudada a cruz, cujo nome Pedr'Alvares dera á terra que descobrira, tornaram-se os nossos ás naus, trazendo comsigo o indio idoso, que se assignalára pela sua attenção durante a missa, um irmão d'elle, e Jatahî, que viera acompanhando os portuguezes como attraida pela presença do «homem bom», e a quem Pedr'Alvares, como noticia Caminha, offerecêra um sendal.

João de Thomar, dando tento da fascinação que Affonso Ribeiro parecia exercer n'aquella moça india, procurou explicar por acenos que tanto elle como o seu companheiro ficariam em terra, quando a armada partisse.

Jatahî agitou-se n'uma epilepsia de jubilo, volteiando, batendo as palmas das mãos uma contra a outra, sorrindo e apontando para a terra e para Affonso Ribeiro.

Riram todos os portuguezes, que alli estavam, da alegria da india, e felicitaram Affonso Ribeiro por essa paixão selvagem, espontanea e ardente,

que elle havia inspirado, mas o pobre moço, olhando para Jatahí, parecia alheiado n'uma extranhesa triste, n'uma profunda impressão de pasmo e de melancolia.

Vasco Fernão dizia-lhe ao ouvido, sem que elle o escutasse:

— Ah! amigo tredor, que pensavas ficar acá na maneira de sultão!

E Pero Ayres segredava-lhe como ao ouvido d'uma estatua:

— Deixa, feliz hómem, que nós outros, ambol-os dois, te faremós o ninho traz da ore-lha...

Affonso Ribeiro não os ouviu, nem, se os ouvisse, os haveria entendido.

Os dois grumetes tinham combinado um plano secreto, que o seu genio aventureiro de portuguezes, estimulado pela antiga amisade que votavam a Affonso Ribeiro e a João de Thomar, lhes suggerira.

Jatahí saltou da nau ao batel e do batel á praia com uma agilidade vivaz, que denunciava o goso de uma felicidade inesperada, o contentamento sincero do uma boa nova, tão desejada como agradável.

O sol tornara a esconder-se entre as nuvens,

que punham no ceu grandes manchas negras, como laminas de ferro brunido.

Logo que Jatahî e os dois indios chegaram a terra, todos os outros que estavam na praia os rodeiaram para examinar os presentes, que os portuguezes lhes tinham dado.

As mulheres observavam com muita attenção o sendal de Jatahî, e os homens cubiçavam principalmente uma camisa moirisca, que Pedr'Alvares havia mandado dar ao indio mais idoso.

Poucos momentos passados, appareceu Açû, correndo. De um salto, que fez lembrar o da onça quando de emboscada cai sobre o tiririca, aproximou-se de Jatahî, e, n'um impeto de colera fremente, exclamou :

— Jatahî, ouvi cantar a *acauan*, que sempre annuncia grandes males. Ella subia no ar, e, repetindo o seu nome, prophetisava desgraça, que nos ha de certamente provir d'esse «tapuy tinga¹», que tu chamas homem bom, e dos seus companheiros.

Jatahî respondeu-lhe com vehemencia :

¹ Os indios deram ao europeu, em geral, a denominação de «tapuy tinga», barbaro branco, principalmente quando o consideravam inimigo.

— Não! Mentos! Ellos são bons e pacíficos e, para vos preservarem dos malefícios de *Anhangá*, ergueram além aquelle lenho, que cortaram das nossas florestas. O «homem bom» ha de trazer-nos felicidade, porque vai ficar entre nós quando os seus companheiros partirem.

Houve um murmúrio de assombro, que sahiu englobado da bocca de todos os índios.

Açú, ouvindo esta inesperada noticia, ficou por um momento como fulminado.

Mas de repente accordaram n'elle os instinctos crueis da sua raça, o seu olhar tinha o brilho sinistro do relampago, a sua bocca espumava de raiva, a sua mão apertava, nervosamente, o arco e as setas reunidas em feixe.

— Ah! sim! disse elle. Aquelle lenho é obra do «tapuy tinga», é o feitiço com que a ti e a nós todos querem armar o laço de uma traição. Pois bem! Espera, e verás quanto tempo elle ha de durar no sitio em que o deixaram.

E, arremessando ao chão o arco e as setas, deitou a correr na direcção das choupanas.

O que se ia passar era de certo uma scena de lucta violenta entre Jatahî e Açú, porque ella estava fanatisada pelo «homem bom», e elle o odiava profundamente. E as nuvens, cada vez

mais carregadas d'electricidade, preparavam um scenario condigno do drama terrivel, que se devia esperar.

Açú não tardou muito a reaparecer. Vinha munido de um *tacapé*, que era uma terrivel arma de madeira negra, de cinco a seis pés de comprimento, com uma rodella ou moca na extremidade, cortante como um machado.

E, correndo direito á cruz que os portuguezes deixaram arvorada, vibrou-lhe o primeiro golpe.

Subitamente estalou no ar um trovão.

Jatahî, erguendo para o ceu o braço direito, n'uma attitude solemne, exclamou:

— *Tupacanunga! Tupacanunga!*

Este vocabulo significava — a voz de Deus — a voz da «suprema excellencia», quando queria fazer-se ouvir pelos homens.

Açú, tremendo, deixou cahir da mão o *tacapé*, e todos os indios fixaram os olhos em Jatahî, que, vencedora, sorria para o alto, onde as nuvens, agora já menos carregadas de electricidade, continuavam a correr velozmente para o sul.

Momentos depois, o ceu que cobria a enseada, a que Pedr'Alvares deixava o nome de *Porto seguro*, estava limpo, sereno, e a cruz de Christo,

basteada sobre a collina, triumphava do odio de Açú, conservando apenas os vestigios de um rijo golpe, que, apesar de vibrado por o pulso de um athleta, lhe não prejudicava a solidez.

A bordo das naus portuguezas ia a azafama propria da vespera de uma viagem.

O capitão-mór havia dado ordem para que na manhã do dia seguinte, sabbado dois de maio, a armada levantasse ferro no rumo da India, e o navio de Gaspar de Lemos navegasse para o norte a trazer a el-rei a nova do descobrimento de Vera Cruz.

Pedr'Alvares, todos os capitães e pilotos, Ayres Correa, Pero Vaz Caminha e o bacharel mestre João passaram a tarde de sexta feira a fechar a sua correspondencia para o reino.

A carta do capitão-mór a D. Manuel não chegou, infelizmente, até nossos dias.

Mas as de Pero Vaz e mestre João são-nos conhecidas, e cada uma d'ellas é especialmente interessante, porque tratam assumptos differentes.

Ao passo que o physico se limita a resumir as suas observações astronomicas em relação á situação geographica de Vera Cruz, imitando n'isto os pilotos que se occuparam apenas em

descrever «as singraduras do caminho» sob um ponto de vista tecnico, Pero Vaz Caminha, por ter vaidades de litterato, alongou-se na epistola a el-rei em pormenores de descripção sobre os uzos, costumes e acontecimentos que tinha presenciado na ancoragem de Porto Seguro.

Pero Vaz, que gozava boa saude, podia conservar-se sentado por muito tempo, a escrever; já o mesmo não acontecia a mestre João que, por causa da ferida da perna, antes queria estar deitado que sentado.

Por todas estas razões, principalmente pelo seu veso de estilista, que lhe era prazer e orgulho, Pero Vaz passou toda a tarde a escrever a el-rei, e ainda, levando n'isto vantagem aos outros, adiou para o dia seguinte o fechar a correspondencia, na esperança de acrescentar á ultima hora alguma informação interessante.

Parecia que adivinhava.

Alta noite Pero Vaz accordou, e sentiu um rumor semelhante ao que costumava fazer um esquife quando era arreado ao mar. Apurou o ouvido, esteve escutando durante alguns momentos; mas tornou a adormecer logo que o silencio de bordo se restabeleceu. Julgou até que tivesse sido illusão sua.

Pela manhã, quando se tratava de enviar para terra, onde deviam ficar, João de Thomar e Afonso Ribeiro, deu-se pela falta dos grumetes Vasco Fernão e Pero Ayres, que durante a noite haviam fugido n'um esquite.

Suppoz-se a principio que voltariam, mas não voltaram.

Elles tinham combinado entre si realisar essa aventura, que lhes sorria á imaginação. Amigos de Affonso Ribeiro e João de Thomar, planearam ficar com elles n'essas plagas desconhecidas, onde, segundo diziam alegremente um ao outro, poderiam continuar a jogar os naipes como na casa do Painei do Anjo.

O caso não era novo, e os exemplos de heroicidade são profundamente suggestivos. No tempo do infante D. Henrique, João Fernandes ficara por sua propria vontade entre os moiros para saber as coisas do sertão, e por lá se demorou até que o infante o mandou procurar por Antão Gonçalves.

Pela phantasia dos dois grumetes passou um turbilhão de tentações, a que não poderam resistir. Certo era que, fugindo, infringiriam a disciplina, mas essa falta seria resgatada pelo serviço que prestariam á patria informando el-

rei de quanto vissem, ouvissem, e até soffressem, em Vera Cruz. Podiam os indigenas matal-os, mas não o fariam sem resistencia da parte d'elles e dos dois degredados seus amigos. E não viveriam mais arriscados alli do que a bordo das naus em lucta com o mar e com a tempestade, no que até certo ponto adivinharam, porque a frota de Pedr'Alvares, seguindo viagem, foi acommettida por um violento furacão, bulcão lhe chamavam os marinheiros da Guiné, que fez sossobrar quatro naus.

Vasco Fernão e Pero Ayres encaravam com alegria a perspectiva de, a muitas leguas da patria e em terra desconhecida, continuarem com Affonso Ribeiro e João de Thomar essa doce convivencia a que estavam costumados, faltando-lhes apenas, para completar o quadro, a presença de mestre Thomé Gonçalves, que, se com elles houvesse chegado a Vera Cruz, e não tivesse uma filha que tanto amava, de boa vontade se haveria associado á aventura, ficando tambem.

Ao quarto d'alva, Pero Vaz Caminha, depois de terem ido para terra os dois degredados, e de se reconhecer que os grumetes não voltavam porque não queriam, porque as naus deram o

signal de partida, ainda accrescentou alguns períodos na carta a el-rei, contando o que á ultima hora se passara.

«Creio, Senhor,— escreveu elle — que com estes dois degradados que aqui ficam, ficam mais dois grumetes, que esta noite se saíram d'esta nau no esquife em terra fugidos, os quaes não vieram mais, e crêmos que ficarão aqui, porque de manhã prazendo a Deus, fazemos d'aqui nossa partida.»

Pero Vaz, por não ter a bordo da capitana onde podesse armar escriptorio, porque todos os aprestos d'escripta estavam ao serviço de Pedr'Alvares, tinha voltado vinte e quatro horas antes para a nau de Nicolau Coelho, onde passava a maior parte do tempo a lançar no papel suas enlabyrinthadas garabulhas.

Já o sol brilhava sobre o oriente em todo o esplendor de uma manhã dos tropicos, porque a tempestade da vespera fôra sempre carregando para o sul, quando Gaspar de Lemos, recebida a ultima correspondencia, partiu para o norte, e a armada de Pedr'Alvares levantou ferro na rota do Cabo da Boa Esperança.

Affonso Ribeiro e João de Thomar, na praia, rodeiados pelos indios, viram partir a frota, e,

apesar de ficarem a seu pedido, não puderam resistir á commoção que os assaltou n'esse momento, choraram ambos, seguindo com os olhos, turvos de pranto, as velas que desappareciam.

Os indios, impressionados ainda pela voz de Deus, que soara na vespera, e que parecia haver recommendado protecção aos «barbaros brancos», imitaram o exemplo que lhes dava Jatahî, aproximando-se dos portuguezes e falando-lhes com doçura como para consolal-os, a elles, que os não entendiam, posto comprehendessem a intenção amoravel de suas palavras e gestos.

A partida das naus chamara á praia todo o gentio, menos Açú, que se debatia na colera do ciume, como um leão raivoso, mordendo-se a si mesmo.

São muitos os escriptores que dão noticia da piedade com que os indigenas, a exemplo de Jatahî, trataram os portuguezes n'esse momento cruel.

Gonçalves Dias, fundado em Magalhães Gandavo, Ayres Casal e Americo Vespuccio, escreve que — «emquanto partia a frota, estes homens, reputados insensiveis e ferozes além da ultima

expressão, os rodeavam e consolavam, compadecidos de sua sorte».

Varnhagen limita-se a narrar a commoção dos degradados: «Os dois degradados ficaram na praia chorando sua infeliz sorte, e acompanhando com os olhos as quilhas patrias até que ellas se haviam de todo sumido no horizonte».

Os chronistas portuguezes referem superficialmente que ficaram em Vera Cruz dois degradados. João de Barros diz que: «como primicias d'esta esperança (a de que a lei de Deus seria diffundida no sertão brazilico) d'alguns degradados que iam na armada leixou Pedr'Alvares ali dous». E Damião de Goes informa de que o capitão-mór partira — «deixando ali dous degradados, de vinte que levava».

Os escriptores brazileiros, entre elles Gonçaves Dias, extranham que Pedr'Alvares, ao contrario do que se tinha resolvido, mandasse por Gaspar de Lemos dois indigenas a el-rei D. Manuel.

Goes diz que viera apenas «um homem dos da terra».

Mas Pero Vaz Caminha, noticiando na sua carta que, durante a demora da frota em Porto

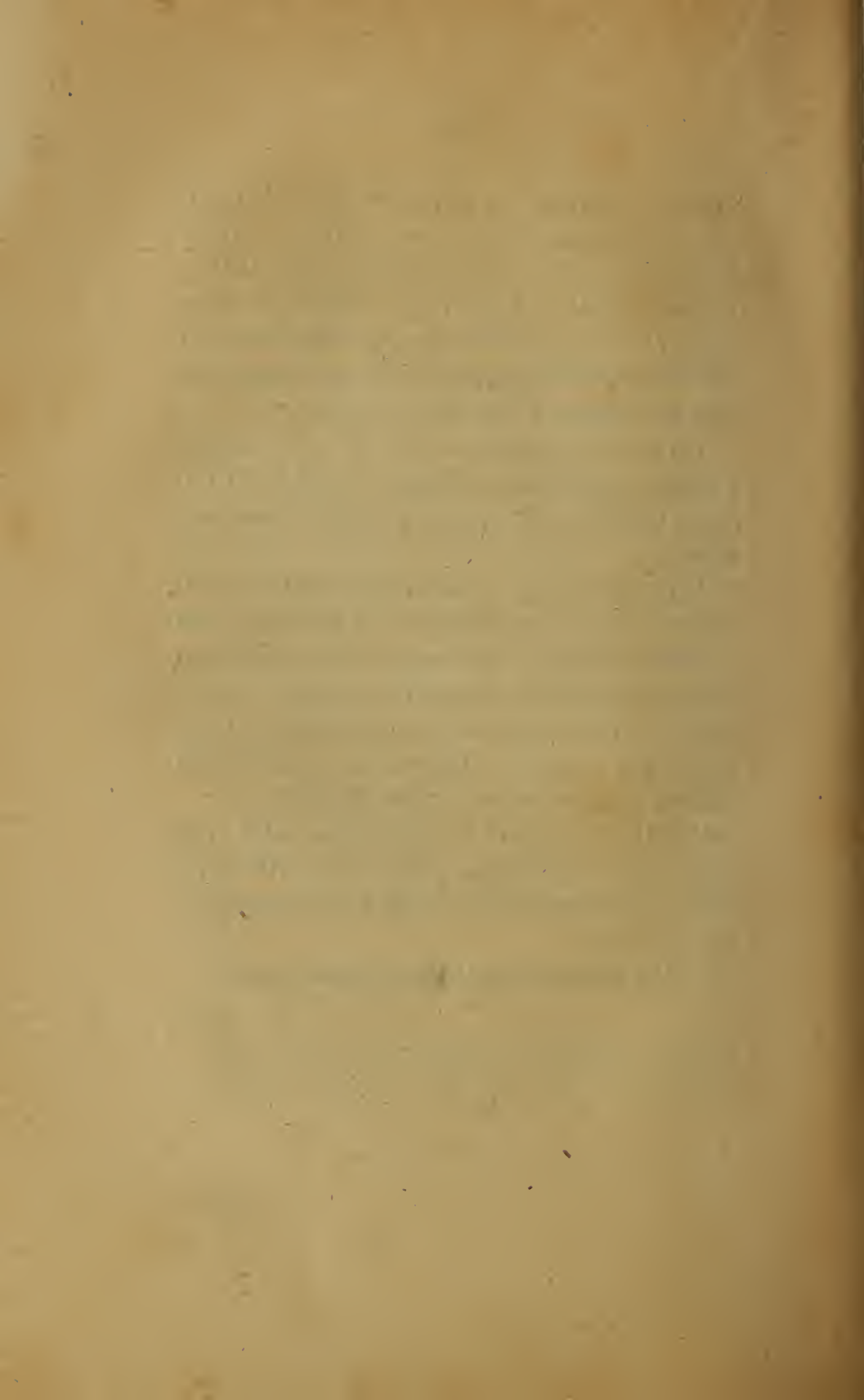
Seguro, andara ao serviço de Simão de Miranda um indio como pagem, e ao serviço de Ayres Gomes outro, faz suppôr que esses dois indios, ou outros dois que pediram a Sancho de Toar para ir ás naus, quereriam, já familiarizados com aquelles portuguezes, lançar-se n'uma aventura semelhante á dos dois grumetes.

Não parece natural que Pedr'Alvares tomasse á ultima hora uma resolução, contraria ao parecer unanime dos capitães reunidos em conselho.

O que porém não contam os escriptores brazileiros nem os portuguezes foi que, logo que as naus se fizeram ao largo, vieram correndo de entre o arvoredado, muito contentes, rindo e saltando, Vasco Fernão e Pero Ayres, que se abraçaram aos dois degredados como n'uma folia de pessoas felizes e desenfadadas.

Jatahî, não menos contente que elles, ria, volteiava, e, apontando para Affonso Ribeiro e para a cruz hasteada na collina, exclamava entre os indios :

—*Abá angaturama! Abá angaturama!*



XVII

Uy'ba acy

Açú odiava Affonso Ribeiro, matal-o-ia com prazer incomparavel, devoraria com a maior delicia de um anthropophago as suas carnes ainda quentes e tintas de sangue, mas, supersticioso como todos os selvagens, tinha ainda nos ouvidos o ruido temeroso do *Tupacanunga*, a voz da «suprema excellencia», que parecia ter fallado em favor dos «brancos».

Receiava pois incorrer na colera de *Anhangá*, o mysterioso genio do mal que, por si mesmo ou executando as ordens de *Jeropary*, atravessava as florestas, sem que ninguem o visse, enchendo-as com o rumor extranho dos seus passos ligeiros ou das suas azas velozes, fazendo estorcer as arvores, remoinhar a terra, intimi-

dar as serpentes e as feras, que ficavam mansas e assustadas.

Era *Anhangá* que fazia extraviar os viandantes nos bosques, que lançava sobre a humanidade o flagello das doenças, que fulminava as creanças quando á beira das fontes e dos caminhos appareciam mortas, que mallograva o exito das batalhas, que açulava as serpentes contra os caçadores, que estrangulava os fêtos no ventre das mães, que produzia no espirito dos homens as visões tetricas, os sonhos negros, a loucura sombria.

E tamanha era a credulidade dos indios nos maleficios de *Anhangá*, «que esses homens fortes, e ainda mesmo os asselvajados Aimorés acostumados a uma vida toda de privações, ás rudes iniciações da vida guerreira, aos soffrimentos de todos os generos, sentiam-se como que acommettidos de uma sação de terror, recordando-se das vexações soffridas por culpa de *Anhangá*»¹.

Affonso Ribeiro devia, pois, a vida ao respeito supersticioso que o trovão havia causado no espirito de Açú, depois que a voz da «su-

¹ Gonçaves Dias.

prema excellencia» annunciára proteger o «branco.» Se o indio desobedecesse a essa voz, ficaria sem protecção, entregue á vingança e ao poder de *Anhangá*.

Mas nas raças selvagens as paixões são ferozas, desenfreadas, especialmente a vingança e o ciúme, e Açú amava perdidamente Jatahî, que o repellia e trocava pelo «tapuy tinga».

É, comtudo, certo que os indios, ainda os mais ferozes, se mostravam gratos ao bom acolhimento, ás provas de benevolencia que recebiam. É essa, como nota um escriptor, uma das virtudes do homem que, ainda não corrompido, vive em plena natureza.

Isto explica o facto, aliás aparentemente estranho, da convivencia amigavel que os indios tiveram com os portuguezes da frota.

Porém Affonso Ribeiro, comquanto pertencesse ao numero d'esses desconhecidos viajantes, que se mostraram bons e affaveis para com os aimorés, tinha roubado a Açú o coração de Jatahî, viera difficultar ao tio o direito que lhe assistia para desposal-a, e Açú, allucinado pelo ciúme, via Jatahî acompanhar, seguir constantemente o «branco» como uma escrava voluntaria e submissa.

Poucos dias depois da frota haver partido, Açú, que não tinha descanso em parte alguma, que não achava repouso no somno nem paz na vigilia, resolveu-se a interrogar Jatahí sobre as suas intenções a respeito do «branco».

— Tu amal-o? perguntou Açú, abruptamente, à sobrinha.

— *Nitiu jxé acuau*, eu não sei, respondeu ella. Mas o que te posso dizer, Açú, é que uma força poderosa, uma attracção irresistivel me chama para esse homem, em quem penso de noite e de dia; e que desde que o vi a primeira vez não vejo, nem oiço, nem desejo outro homem.

— Mas tu sabes que a tua «liga» (*tapacurá*) me pertence, que és minha sobrinha, e que te amo entre todas as mulheres? Lembra-te, Jatahí, que eu sou forte e grande, que honro a nossa raça, e sou a gloria de meus pais. Quando, sendo ainda creança, recebi o *botoque*, soffri sorrindo a dôr que elle me causou; abriram-me, perfuraram-me o beijo, e não chorei. Por isso meu pai e todos os velhos da nossa tribu exclamaram: «Serás um valente guerreiro». Tens ouvido contar que passei heroicamente por todas as provas da iniciação quando me retalharam as carnes com o dente da cotia, e que eu proprio,

sem derramar uma lagrima ou soltar um ai, abri feridas, golpes profundos no meu corpo, para mostrar que sabia soffrer com bravura. Sabes tambem, Jatahî, com quanta coragem eu combati depois os tupin-ikins, nossos visinhos e inimigos¹. Sabes que, sendo tu ainda pequenina como a abelha de que tens o nome, eu te entreguei as armas do gigante tupin-ikin, que derrubei com a minha frêcha, para t'as offerecer como preço da compra de teu corpo. Em tua honra reparti pela tribu a carne do gigante, doce como o mel, e bebemos o *mocororó*², e dançamos o *veré*³. N'esse dia me chamaram Açú, o grande, porque eu havia lançado por terra o mais alto e o mais forte dos nossos inimigos. Certo é que nenhum de nós pode to-

¹ «Os *Tupin-ikins* demoravam além dos *Tupinambás* para o sul, começando o seu territorio em Cananéa e acabando em Porto Seguro. Se os não vemos apertados pelos *Tupinambás*, é porque já os *Aimorés* haviam descido de suas serras e os tinham em continuo alarma». *Rev. do Inst. Braz.*, tom. xxx, part. II.

² O chá com que auxiliavam a digestão da carne humana. (*Rev. do Inst. Braz.*, 1840, vol. II, p. 167).

³ Dança usada nos banquetes em que comiam a carne de um prisioneiro ou inimigo.

mar mulher sem que haja praticado um feito de armas; mas aquelle que eu pratiquei, assombrou a nossa tribu. Desde essa hora os tupin-ikins aquietaram-se amedrontados, declararam-se vencidos. Sabes que desde esse dia, que foi o da minha gloria, eu te acompanhei sempre como um cão fiel, brincando contigo, ensinando-te a assoprar á *esgravatana* para desfechares pequeninas flechas contra os passari-nhos que passavam no ar. Lembra-te de que, vendo-os cahir, parecias comprehender a certeza da pontaria com que eu havia derrubado o gigante tupin-ikin, e que te ensinava para te igualar a mim na destreza e na coragem. Como queres esquecer, agora, Jatahí, todas essas recordações da nossa vida, e do meu amor? Como queres tu trocar-me por um desconhecido, um extranho, por um homem que não é da nossa raça, nem das nossas florestas? Bem sabes, porque me conheces, que me sobra ousadia para ir buscar uma ou muitas mulheres a uma tribu inimiga, ainda que fosse á dos tupin-ikins, que nós odiamos e que nos odeia. Ninguem seria capaz de disputar-me a presa com vantagem, e bem sabes, tambem, que nenhum dos nossos ousou ainda invejar-me a tua

posse, luctando comigo, para que a sorte das armas decidisse qual o vencedor a que devias pertencer. É que todos conhecem o amor com que te quero, é que todos sabem que me pertences pela firmeza do meu amor e pelos laços de sangue, que o meu amor tem estreitado. E porque me pertences, eu podia matar-te, porque o teu pensamento me traiçoa com outro homem, posto não perdesse ainda o direito a usares o signal da virgindade¹. E teu pai, não por ser meu irmão, apenas segundo os nossos costumes, dir-me-hia: «Fizeste bem». Mas, Jatahî, eu, que decidi a nossa victoria sobre os tupinikins, eu, que derrubei o gigante, não tenho coragem para ferir-te, amo-te, tu és o meu pensamento, a minha vida, a força do meu braço.

Jatahî, que, arfando de anciedade, ouvia Açú, pondo os olhos na collina onde, junto á cruz, Affonso Ribeiro se sentava melancolico contemplando o mar, respondeu com firmeza:

— Ouve-me bem, Açú. Emquanto *Macacheira*² te conduzia á batalha e á gloria, *Curupira*³,

¹ A liga de algodão.

² O espirito que acompanhava o guerreiro nas suas marchas.

³ O genio do pensamento.

vagando no espaço, dizia-me que tu eras grande e forte, mas que esperasse eu por outro homem, que de um paiz longinquo, que o mar nos occulta, havia de vir em procura do meu amor, que de grandes maguas o curaria, como se fosse um *pagé*. E eu via em sonhos esse homem, mais branco do que nós outros, pertencendo a uma raça differente da nossa, sem trazer arco nem setas, sem *arasoya*¹ e *acangatar*². Elle era menos forte, porém mais bello do que tu. Assim o via eu em sonhos, e a voz que eu ouvia então, semelhante ao *Tupacanunga*, dizia-me que te repellisse, e que esperasse por elle, que mais tarde ou mais cedo chegaria. Se queria afastar este pensamento, e lembrar-me de ti, logo via sahir do tronco de uma arvore carcomida o anão *Caapora*, seguindo uma legião de *Caitetus*, e cavalgando o maior d'elles, como a annunciar-me que se eu fosse tua, e visse depois o «branco», por elle te deixaria, e tu me darias a morte³. Sei que és forte, e grande, e

¹ Fraldão de plumas.

² Cocár.

³ O *caapora*, vulgarmente *caipora*, infelicita quem o vê. D'aqui veio o chamar-se *caipora* ao homem infeliz.

que me amas: por isso me offereço á tua vingança. Aqui me tens, mata-me, Açú, crava no meu peito a seta hervada, *uy'ba acy*. Mas não toques no «branco», que é meu senhor, *abá iára*, porque as divindades o protegem, e d'ahi grande desgraça te viria.

— Serás então sua, Jatahî, pertencer-lhe-has de corpo e alma? perguntou Açú, desvairado e ameaçador.

— *Sé!* (quem sabe!) respondeu ella, procurando occultar o seu mais ardente desejo com o transparente disfarce de uma duvida, a que o pudor não era extranho.

E, a passos lentos, dirigiu-se para a collina, onde Affonso Ribeiro estava sentado junto á cruz, que Pedr'Alvares deixára arvorada.

Jatahî bem sabia que o ciume de Açú seria no espirito d'elle mais forte que o receio da colera de *Anhangá*.

Por isso, contando com a vingança, subira vagarosamente á collina, de modo a que um caçador, menos certo do que Açú, pudesse feril-a pelas costas com uma frecha, sem errar a pontaria.

Mas Açú não o fizera, e Jatahî, chegando á collina, aproximou-se de Affonso Ribeiro, e ta-

cteou-lhe o peito, para certificar-se de que elle trazia vestido o peitoral de escamas de jacaré, que ella lhe dera, avisando-o de que a sua vida corria grande perigo.

Affonso Ribeiro não presava a existencia, que, ao contrario do que acontecia a João de Thomar e aos dois grumetes, lhe era pesada e triste. Mas Jatahí não consentia que elle se expozesse a um perigo certo, e Affonso Ribeiro, por mostrar-se grato a tão espontanea dedicação, vestia o peitoral e abraçava o escudo de pelle de tapir, que tambem ella lhe dera.

N'essa occasião, o degredado estava absorvido na saudade de Helena Gonçalves, via-a e ouvia-a como se não se mettesse de per meio o oceano. Recordava, com uma nitidez chrystallina, toda a historia do seu amor pela filha de mestre Thomé desde a *Paschoa florida* na igreja do Carmo até ao momento em que, sobre o Tejo, lhe ouvira pela ultima vez dizer a palavra — Adeus.

E beijava o escapulario que Helena Gonçalves lhe dera, deixando cahir sobre a imagem de Nossa Senhora da Purificação abundantes lagrimas, ardentes como lava.

Jatahí, depois de verificar que Affonso Ri-

beiro trazia o peitoral, pegara no escudo que elle, ao sentar-se junto á cruz, encostara ao santo lenho.

O degredado olhara para a india com um olhar doce, que não tinha outra expressão senão a do reconhecimento pelas suas constantes provas de dedicada estima.

De repente, Jatahî, por um movimento brusco e afflictivo, exclamara *Agaigoé!* (ai!) e levantara o escudo.

Mas, apesar da rapidez d'esse movimento, não pôde evitar que uma frecha fosse bater com impeto no peito de Affonso Ribeiro, sobre o coração, e que, encontrando resistencia no peitoral, resvalasse ao longo d'elle rapidamente, indo cravar-se na coxa do degredado.

Affonso Ribeiro estremeceu, convulsionado pela violencia da dôr, mas Jatahî tranquillizou-o com um gesto carinhoso, e deu-lhe a comer a casca de um fructo silvestre, que trazia escondido sob as pomas, suspenso por uma fita de *maniú*.

Ella já esperava a hora da vingança, sabia que Açú apontaria ao coração do «branco» uma frecha hervada com o veneno que a sua tribu uzava, e que era o *tucupi*, o sumo da raiz da mandioca.

Para que a raiz da mandioca pudesse ser reduzida a farinha, de que os indigenas faziam o seu pão, importava espremel-a primeiro, tirar-lhe o sumo, peçonha activissima.

Foram os animaes que ensinaram os indios a conhecer os venenos vegetaes e os contra-venenos. Como a raiz da mandioca é doce, os animaes comiam-n'a com sofreguidão, mas, a breve trecho, expiravam espóçando-se em convulsões dilacerantes. Notaram, porém, os indios que se os animaes comiam a raiz e a casca da mandioca, o effeito da casca neutralisava a acção toxica da raiz.

Pareceu a Humboldt que o conhecimento dos venenos representava o excesso de uma civilisação refinada, que os indigenas da America do sul haveriam attingido algum dia.

Mas não é menos accetivel a hypothese de que povos que viviam no seio da natureza tirassem lição e experiencia dos factos que observavam na sua vida selvagem, em relação immediata com os animaes que os rodeiavam.

Jatahî prevenira-se com o contra-veneno do *tucupi*, a casca da mesma raiz da mandioca, e com o peitoral e o escudo que dera a Affonso Ribeiro.

Se o escudo e o peitoral, que difficilmente são atravessados pelas setas, falhassem, não fallaria o antidoto, sempre seguro e efficaz.

Depois, carinhosamente, tratou de arrancar o farpão da flecha, e, como Affonso Ribeiro parecesse languescer n'um deliquio, foi cortar uma folha de bromelia, que encheu de agua no rio, trazendo-a ao degredado, para que se reanimasse bebendo, e lavando-lhe a ferida, que sangrava muito.

Poucos momentos passados, soava um grande alarido no interior do palmar.

Jatabí, comprehendendo o que se passava, empallideceu.

Alguns indios appareceram annunciando, a brados, que Açú cravara uma seta no coração, e jazia morto.

A india, para cumprir o seu dever, correrá ao logar aonde a chamavam.

Encontrou já toda a tribu reunida á volta do cadaver, fazendo grande ruido de prantos e lamentações, especialmente as mulheres, que erguiam confusas vozes, dizendo:

—Morreu! Morreu aquelle que era o mais valente dos aimorés, e que com a sua seta certa derrubou o gigante dos tupin-ikins.

—Morreu! accrescentou Jatahî fazendo côro com as outras mulheres.

—Morreu o melhor caçador da nossa tribu, o invencivel destruidor das nações inimigas, das quaes nos vingou tantas vezes!

—Morreu! repetia o côro.

—Morreu aquelle que nos cobre de luto e dôr, aquelle que choramos agora!

—Morreu! tornava a dizer o côro.

—Morreu aquelle que tantos prisioneiros captivou, e cuja frecha prostrava o mais temido inimigo!

—Assim é! exclamara uma voz de homem. Não o tornaremos a ver senão além das montanhas, onde elle nos espera, e onde iremos dançar e folgar com elle.

—Morreu! gritava o côro das mulheres.

—Foi *Anhangá* que assim o quiz, bradou Jatahî, porque Açú tentou matar o «branco» que lhe não fazia feitiço, nem maleficio algum.

—Assim é! repetiram homêns e mulheres, obedecendo á suggestão do fatalismo. Foi *Anhangá* que assim o quiz.

João de Thomar e os dois grumetes assistiam, assombrados, a este extranho espectaculo de um funeral indigena. Mas, ouvindo as pala-

vas de Jatahî, correram a procurar Affonso Ribeiro no seu pouso favorito, que era a collina da cruz. Encontraram-n'o ferido, mas salvo.

Passado meio dia, isto é, ao cabir da noite, os aimorés abriram uma grande cova, e n'ella depozeram o cadaver, não acorado, como faziam as outras tribus para que o morto retomasse a posição que tivera no ventre materno, mas deitado ao comprido, com as mãos atadas por cipós, com o arco e as setas á ilbarga, e a *cangoeira*¹ na mão.

Enterrado Açû, ao som de uma grita funebre, ululante, accenderam fogueiras a um e outro lado da sepultura, para afugentar o diabo, o genio do mal, com o fim de que ao menos deixasse em paz Açû na morte, já que tanto o havia perseguido em vida.

É notavel, mas verdadeira, a circumstancia de que os indios, sabendo que o forte Açû se matara por ciume do «branco», se não revoltassem contra Affonso Ribeiro, nem contra os seus tres companheiros.

É que elles tinham ouvido a voz de Jatahî lembrar-lhes que o terrivel *Anhangá* quizera

¹ O cachimbo, digamos assim.

que Açú morresse, e a colera de *Anhangá* desarmava a colera dos indios.

Durante toda a noite, arderam fogos sobre a sepultura do valente Açú, e os indios, assentados em circulo, não cessavam de pranteal-o, e de depositar fructos silvestres e aves mortas na terra que cobria o cadaver.

Eram as iguarias que deviam em sua honra ser servidas n'um paraizo longinquo, nas *Montanhas azues*, talvez os Andes, onde todos os aimorés se deviam reunir um dia, banqueteadose e folgando com Açú.

As mulheres recontavam ás creanças as façanhas epicas do seu valente guerreiro, que derubára o gigante dos tupin-ikins, e que fôra quasi tão forte como o terrivel *Anhangá*, porque, em lucta com elle, preferira morrer a ser vencido, a primeira vez, ainda que pelo mais poderoso dos genios maus.

Jatahí, em signal de dó pela morte de seu tio, cortára os cabellos sobre a sepultura d'elle.

João de Thomar e os dois grumetes diziam a Affonso Ribeiro que era força confessar que o coração de uma india como Jatahí não valia menos que o coração de Helena Gonçalves, e que, se não fosse o peitoral de escamas de ja-

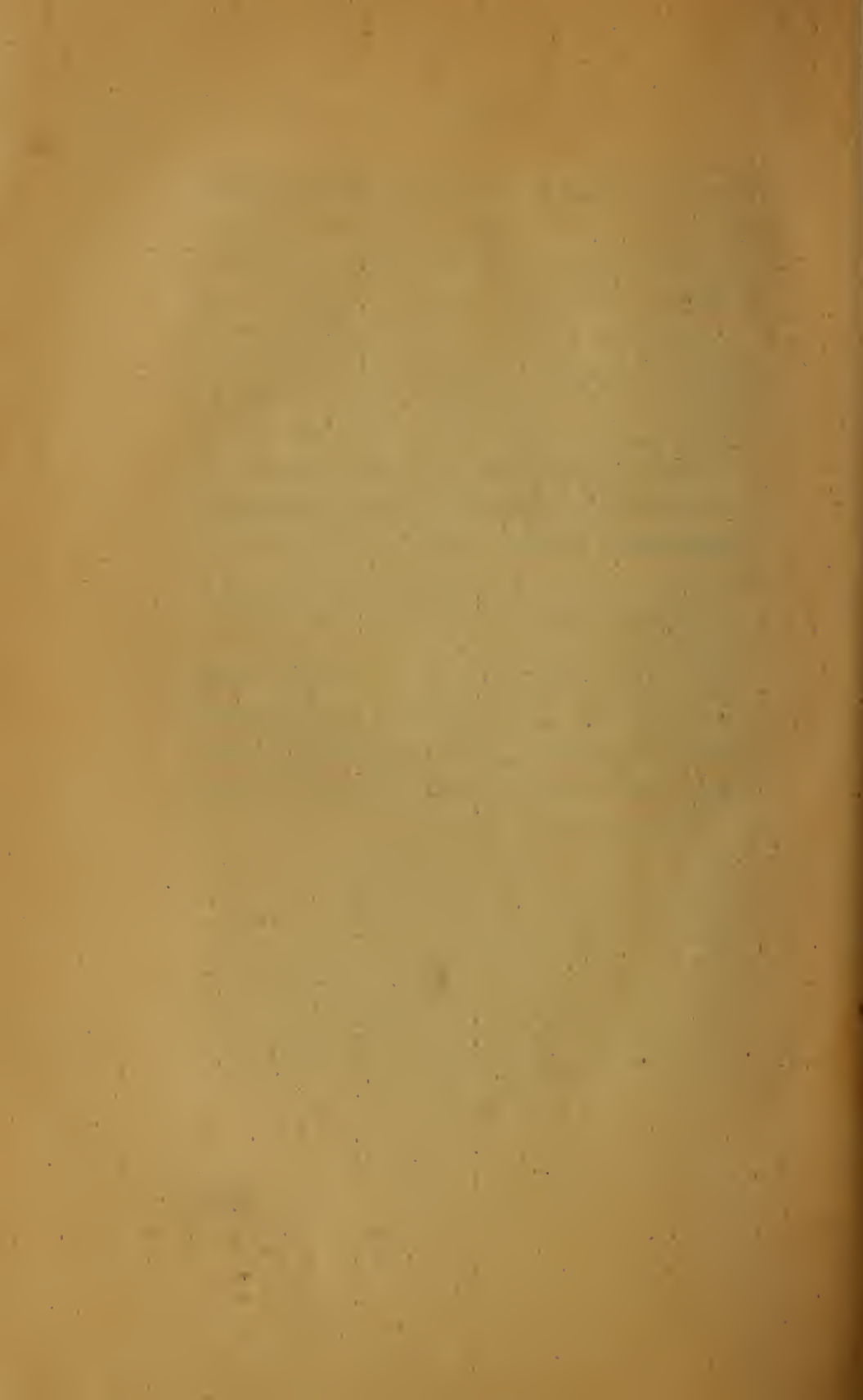
caré e a casca da mandioca, elle Affonso Ribeiro era uma vez um homem, que teria morrido de um diacho de morte de que todos os physicos de Lisboa juntos não saberiam livral-o.

— Morrias... de *uy'ba acy!* dizia João de Thomar chalaçando. Quem seria capaz de entender na nossa terra que esta aravia queria dizer — *seta hervada!*

— Tanto montava morrer d'essa aravia, acrescentou Vasco Fernão, como da aravia dos matasanos de Lisboa, como lhês chama mestre Thomé.

— Mestre Thomé! exclamou Affonso Ribeiro suspirando.

E o clarão das fogueiras, que ardiam sobre a sepultura de Açú, punha no ar uma grande mancha vermelha, pugilada de centelhas palpitantes, que voltejavam como um doido enxame de abelhas de oiro.



XVIII

A liga de Jatahi

(CONCLUSÃO)

O primeiro trabalho a que os portuguezes se entregaram foi o de construir habitações confortaveis em que podessem viver.]

Os indios pasmavam de os vêr apparelhar as madeiras, e armal-as em tabiques. Cada portuguez levantava a sua casa, cavando-lhe em torno um profundo fosso, que os preservasse do assalto das feras.

Os portuguezes rodeiaram as habitações com arvores, que os indios ajudaram a transplantar e que, graças ao vigor do solo, não se resentiram da mudança; semearam pevides, caroços de fructos silvestres, que pouco tempo levaram a crescer, florir e fructificar.

Assim tiveram em breve feracissimos pomares, em que sasonavam os mais escolhidos pomos da flora brazilica: a gabiroba, do tamanho de uma conta amarella; o saputy, que é a pêra dos tropicos; a raticum, do feitio de um peão; a jaboticába, que nasce cobrindo de fructos toda a rama e todo o tronco; o cajú, fructa duas vezes; a pitanga, rubra como o coral; o cambucá, que nasce em cachos; o angá, cuja fava contém um caroço doce como assucar; a dura e cheirosa sapucaia, com a sua gostosa amendoa; o maracujá, do tamanho de um limão grande, contendo uma calda agridoce, muito agradável; o ananaz, que parece feito de ouro; a suave ubaia; o perfumado araçá; a negra grumixama; o cará, de que Pero Vaz vira alimentar-se os índios: e, finalmente, entre tantas arvores e plantas fructiferas, as palmeiras, decorativas e uteis, porque são bellas, e dão o côco e o palmito, as palmeiras, que os pórtuguezes aproveitaram para abrigar á sua sombra esses improvisados *chalets* que elles proprios construíram.

A vegetação americana acudiu a satisfazer o desejo d'esses quatro colonos, rodeiando-lhes as habitações de verdura roçagante, de frescura

umbrosa, de flores e pomos, de um paraiso terreal que fazia lembrar a genése do homem primitivo.

Os indios chamavam ás casas do branco, abrigadas entre o palmar, *cariocas*, de *oca*, casa, e *cary*, branco.

Todo o trabalho é uma redempção, escreveu Camillo. E todo o trabalho d'esses portuguezes foi para elles como um suave lenitivo á saudade da patria. Affonso Ribeiro, desde que n'aquella tragica noite de 1498 entrára no Tronco de Lisboa, ainda não tinha experimentado uma tão calma, tão consolativa resignação como a que proviera do cuidado de construir um lar no exilio.

A natureza, a opulencia do solo americano parecia convidar á vida, ao labor, á lucta pela existencia aquelles quatro homens que, n'um paiz triste e arido, haveriam certamente succumbido, dois d'elles ao seu duro destino, os outros dois ao capricho da sua phantasia romanesca.

Mas as arvores, as aves, a terra e o ceu, inocularam-lhes a coragem e a paz, porque a terra era bella, e o ceu era sereno.

Jatahî como que abdicára da sua propria in-

dividualidade, esquecendo-se de si mesma, para dedicar-se á escravidão voluntaria e affectuosa com que servia o «homem bom».

Mas á medida que Affonso Ribeiro parecia mais resignado e menos pensativo, Jatahi tornara-se triste, abandonava-se frequentes vezes a pensamentos melancolicos, que longe do «branco» traduzia pelo canto, e que, junto d'elle, callava como n'uma suffocação de choro reprimido.

Essa linguagem espontaneamente tropologica e poetica que, segundo Vico, foi a primeira manifestação oral do pensamento humano, passava pelos labios de Jatahi, como pelo de todas as mulheres da sua raça, dulcificando-os com a melodia de um cantico.

As palavras do vocabulario tupi, que escriptas no papel nos parecem rudes e asperas, pronunciavam-n'as ellas com uma rapidez e fluencia maravilhosas, elidindo certas lettras, e dando á voz uma graça delicada, que passava atravez dos labios, sem quasi roçar pelos dentes.

O padre Antonio Vieira, que no seculo xvii missionou no Brazil, conta que, applicando muitas vezes o ouvido á bocca do barbaro, lhe acontecia não perceber o que elle dizia, tanto

as palavras se confundiam n'um murmúrio de agua cantante, afogadas na garganta.

A mulher, especialmente, tinha o condão de fazer da sua voz um fio de mel, gottejando em syllabas doces, macio como uma caricia¹.

E como o selvagem exprimia mais sentimentos do que ideias, recorria ordinariamente á linguagem allegorica, que, além de ser a linguagem primitiva, é a mais poetica de todas as linguagens.

A maior parte das tribus indigenas do Brazil possuia o dom de improvisar. Cardim diz ter ouvido improvisações apaixonadas, n'um rythmo afinado, verdadeiramente musical.

Por isso não é para extranhar que o amor, um amor profundo e concentrado como um vulcão adormecido, pozesse nos labios de Jatahi trovas de uma factura rudimentar, mas expressivas e ternas, em que ella, longe de Affonso Ribeiro, pintava o estado da sua alma pela comparação das flores, dos animaes e dos astros que desde pequena conhecia.

¹ «... não é raro elogiarem os antigos viajantes a conversação das mulheres, e como ellas fallavam com a voz cheia de lisonjas e caricias.» *Rev. do Inst. Braz.* (Terc. trim. de 1867, pag. 189).

«Quem me dera, improvisava ella, ser tão doce como o angá para saber bem a meu senhor.

«Mas eu sou rasteira como a taioba e o nhambú, e o meu senhor passa, e não me vê.

«O robú é uma ave feia e triste, mas eu sou ainda mais triste e feia do que o robú: por isso o meu senhor passa, e não me vê.

«O guache é todo negro, mas o meu coração ainda é mais negro do que as pennas do guache: por isso o meu senhor passa, e não me vê».

«*Ara-cy* (o sol), que é «a mãe do dia», parece um coração a arder.

«*Ia-cy* (a lua), que é «a mãe dos fructos», aquece a noite e a terra.

«*Iã-cy-tâtâ* (as estrellas), que são «os fogos da lua», parecem brazas espalhadas no ar.

«Mas o fogo maior do mundo é o que arde no meu coração, porque é mais forte que o sol, que a lua e que as estrellas todos juntos».

«A alma (*ang*) do meu senhor é como um grande mar (*para-ná*).

«E eu, a sua escrava, sou a canôa leve (*igára*) que voga no mar.

«Sou tão pequena, que não me vê; tão leve, que não me sente.

«Porque eu sou a canôa leve, e elle é o grande mar».

Quando estava junto de Affonso Ribeiro, procurava adivinhar-lhe a vontade, servil-o como uma escrava, e, se o via adormecido, velava por elle, afastando, com uma folha verde, aberta em leque, os insectos que passavam.

O degredado comprehendia-a, admirava-a, mas a sua alma, ferida por um amor sem esperança, sangrava ainda; foi preciso que o tempo e o clima ardente dos tropicos fossem cicatrizando lentamente a ferida, renovando os tecidos dilacerados por um golpe cruel.

Algumas vezes Affonso Ribeiro, encantado com a doçura submissa da escrava, chamava-a para junto de si.

— *Abá iára!* (senhor!) respondia ella submissamente, tremendo do receio da sua propria felicidade.

E se elle a mandava sentar junto á rêde que o baloiçava, Jatahî procurava compôr o sendal,

que Pedr'Alvares lhe dera, como se o desejo de engrandecer-se aos olhos do «senhor», nobilitando-se pela castidade, houvesse aclarado a noção do pudor na sua alma de virgem.

Um perfume de civilização europea, colhida mais nos pensamentos do que nas palavras de Affonso Ribeiro, porque ella lhe adivinhava todos os pensamentos com uma perspicacia penetrante, ia suavizando e brunindo os costumes, as acções, os gestos d'aquella mulher, que possuia uma rara intuição da superioridade da condição humana pela elevação do espirito, pela poesia das paixões, pela grandesa de uma dedicação desinteressada e sublime.

Seis mezes depois da partida da frota, Affonso Ribeiro accordára um dia como mergulhado n'um banho de canticos e aromas. A alegria da manhã entrava na sua habitação, trazida em jorros de musica, que as aves derramavam no palmar, trazida em jorros de luz, que o sol espalhava como uma poeira rutilante.

— Jatahî! chamou elle.

— *Abá iára!* respondeu a escrava, que se aproximou da rêde, mastigando um fructo silvestre, o jambo.

Jatahî já sabia que seu senhor queria vêr, do

alto da rêde, todas as manhãs, a luz coada atravéz das arvores.

Abriu, pois, a gelosia que elle proprio havia desenhado e construido á maneira dos moiros, como era ainda uzo em Lisboa ¹.

Uma ineffavel sensação de embriaguez bucolica, de preguiça voluptuosa, pareceu correr todo o corpo de Affonso Ribeiro como uma esponja embebida em balsamos estimulantes.

Era uma manhã do Éden, a paizagem biblica do primeiro dia do homem, rodeado pelas forças vivas da natureza creadora.

Affonso Ribeiro lembrou-se suavemente de Helena Gonçalves, como de uma alma pura e triste que tivesse já voado para Deus, e houvesse entregado á terra um corpo virginal, que a morte tornava duas vezes sagrado.

Era a lucida previsão do futuro, phenomeno que a saudade tantas vezes proporciona ás almas delicadas.

Quasi doze annos depois, uma freira do convento da Mãdre de Deus lançava no seu caderno

¹ Este uzo, que os primeiros colonos levaram ao Brazil, durou até ao nosso seculo. Por um edital de 1809 foram mandadas arrancar as gelosias que ainda havia no Rio de Janeiro.

INDICE

	PAG.
I.—No bêco da Bocca Negra.....	4
II.—Anno Bom	21
III.—A feira do Rocio	37
IV.—Alma de marinheiro	53
V.—Como Pilatos no Credo.....	71
VI.—Menina e moça.....	87
VII.—Paschoa florida e corações em flor.....	101
VIII.—Aventuras de Gil Pato.....	119
IX.—A historia do crime	133
X.—O amor luctando com a lei.....	149
XI.—A armada de Pedr'Alvares	165
XII.—A partida.....	183
XIII.—A lenda de Dom Sapo..	201
XIV.—Vera Cruz	217
XV.—A primeira missa	245
XVI.—O santo lenho.....	263
XVII.—Uy'bá ácy	283
XVIII.—A liga de Jatahî (conclusão).....	301

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ Pimentel, Alberto
9261 O descobrimento de
P46D4 Brazil
1900

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 05 14 016 3